

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Leonardo Caetano Jesus

A comunidade turca na cidade de São Paulo no século XXI:
Formação e enfrentamentos

Mestrado em Ciências Sociais

São Paulo
2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Leonardo Caetano Jesus

**A comunidade turca na cidade de São Paulo no século XXI:
Formação e enfrentamentos**

**Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como
exigência parcial para obtenção do título de Mestre em
Ciências Sociais sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria
Machado Bógus.**

São Paulo
2021

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Leonardo Caetano Jesus

**A comunidade turca na cidade de São Paulo no século XXI:
Formação e enfrentamentos**

Banca Examinadora

São Paulo
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que sofrem pelas intolerâncias do mundo.

Às minorias incompreendidas e perseguidas.

Às vítimas de guerra e de fome.

Aos sem pátria, sem lar, sem abrigo e sem lugar em um mundo daninho.

Aos expatriados, refugiados e expulsos de lares e fronteiras, que não têm opção além da fuga.

Dedico à minha mãe, Nice, e ao meu irmão, Sérgio Caetano, luzeiros nos tortuosos caminhos que me trouxeram até aqui.

Dedico também àquela que me serve de conforto e abrigo, de inspiração intelectual e de vida.

Àquela que é *a priori*.

À minha maravilhosa companheira Fabíola Freire.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. Lúcia Maria Machado Bógus, pelo carinho e atenção com os quais me recebeu e me orientou nesta pesquisa e pela maestria em conseguir compartilhar com seus alunos, alunas e alunes, de uma maneira tão simpática e agradável, toda a excelência de uma grande intelectual.

Agradeço às professoras que gentilmente aceitaram participar da banca, Prof^ª. Dr. Rosana Aparecida Baeninger e Prof^ª. Dr^ª. Maura Pardini Bicudo Vêras.

Agradeço aos novos amigos da comunidade turca Hizmet em São Paulo, que me receberam de forma tão simpática e prestativa e sem os quais este trabalho não teria tomado a forma que tomou.

Agradeço aos amigos Rafa Mendes e Laís, que tiveram a paciência da leitura prévia e pela leitura sensível que fizeram do trabalho.

Agradeço ao amigo Luís Felipe Aires Magalhães por compartilhar de seu tempo e de sua erudição, que muito ajudaram na confecção deste trabalho.

Agradeço aos professores Miguel Chaia e Vera Chaia pelas aulas maravilhosas que tanto me engrandeceram neste trajeto.

Agradeço a todos os companheiros e companheiras de PUC que proporcionaram enormes trocas de ideias e experiências.

Agradeço o apoio da FUNDASP pela concessão da bolsa que me permitiu a realização deste trabalho.

Resumo

Título: A comunidade turca na cidade de São Paulo no século XXI: Formação e enfrentamentos

Autor: Leonardo Caetano Jesus

Este trabalho teve como objetivo analisar o processo de formação da comunidade turca na cidade de São Paulo, sua consolidação, criação de redes migratórias por meio de instrumentos culturais e o impacto vivido pelos eventos políticos ocorridos na Turquia após o ano de 2016. A pesquisa se baseou em um período que abrange vinte anos da imigração turca em São Paulo, do ano de 2000 a 2020, e utilizou-se tanto de métodos qualitativos. Foi criado um questionário digital com objetivo de coletar dados atualizados sobre a comunidade, respondido por 24 pessoas, e também foram realizadas entrevistas com sete destes membros. Os resultados nos permitiram identificar um panorama de três momentos distintos da comunidade: sua formação a partir da chegada dos primeiros turcos à convite do movimento islâmico Hizmet, sua consolidação por meio das redes migratórias e instrumentos culturais ideologicamente ligados ao Movimento, e a sua cisão ou fragmentação decorrente das perseguições políticas do regime turco. Evidenciou-se a presença relativamente recente dos turcos na cidade de São Paulo, em oposição ao senso comum que tende a considerá-los como árabes ou sírios, e o quanto as suas instituições culturais foram importantes para a consolidação de sua rede migratória. Revelou-se ainda os modos pelos quais a comunidade se adaptou às perseguições políticas recentes, bem como os efeitos nocivos que um governo totalitário é capaz de infligir à sua população, mesmo àquela que já está fora de suas fronteiras.

Palavras-chave: turcos, Hizmet, imigração, comunidades transnacionais, autoritarismo.

Abstract

This work aimed to analyze the process of formation of the Turkish community in the city of São Paulo, its consolidation, the creation of migratory networks through cultural instruments and the impact experienced by the political events that took place in Turkey after the year 2016. The research was based on a period spanning twenty years of Turkish immigration in São Paulo, from 2000 to 2020, and used qualitative methods. A digital questionnaire was created in order to collect updated data on the community, answered by 24 people, and interviews were also conducted with seven of these members. The results allowed us to identify a panorama of three distinct moments of the community: its formation from the arrival of the first Turks by invitation of the Islamic movement Hizmet, its consolidation through migratory networks and cultural instruments ideologically linked to the Movement, and its split or fragmentation resulting from the political persecutions of the Turkish regime. The relatively recent presence of Turks in the city of São Paulo was evidenced, in opposition to the common sense that tends to consider them as Arabs or Syrians, and how important their cultural institutions were for the consolidation of their migratory network. It also revealed the ways in which the community has adapted to recent political persecutions, as well as the harmful effects that a totalitarian government is capable of inflicting on its population, even those that are already outside its borders.

Keywords: turkish, Hizmet, immigration, transnational communities, authoritarianism.

SUMÁRIO:

Introdução.....	1
------------------------	----------

CAPÍTULO 1:

Uma breve história dos turcos pelo mundo: formação étnica e diáspora.....	12
--	-----------

1. Uma breve história dos turcos	13
2. A diáspora turca	19
3. Características da Diáspora turca após os anos 2000 - mudança da dinâmica	26
4. Uma novíssima história da imigração turca no Brasil: A falsa descoberta da América pelos turcos	38
5. A verdadeira descoberta da América pelos turcos	45
6. O personagem Fethullah Gülen	45
7. O Movimento Hizmet	49
8. São Paulo'ya hoşgeldiniz (Bem-vindo a São Paulo)	50
9. O início da comunidade turca Hizmet em São Paulo	52
10. Composição e distribuição da comunidade Hizmet em São Paulo	53
11. Relações comunitárias e familiares	60
12. Condição migratória	69

CAPÍTULO 2:

Educação e cultura: Os turcos, suas instituições em São Paulo e a criação de sua rede migratória	72
---	-----------

1. As escolas Hizmet e o Colégio Belo Futuro	72
2. Os centros culturais e comunitários turcos no mundo	81
3. O Centro Cultural Brasil Turquia	85
4. O CCBT e a criação das redes migratórias	90
5. A Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira	96
6. As redes migratórias turcas	98
7. O problema do refúgio entre os turcos em São Paulo	104

CAPÍTULO 3: “Temos medo deles” - a cisão e enfrentamentos da comunidade turca em São Paulo	109
1. Os eventos políticos na Turquia	109
2. Perseguições do regime Erdoğan no Brasil e seus impactos na comunidade	117
2.1 A Perseguição	118
2.2 O Refúgio	121
2.3 A Educação	122
2.4 O Comércio	122
2.5 A Cultura	123
2.6 As Relações	125
2.7 Os Direitos	127
2.8 O Trabalho	129
2.9 A Fuga	131
2.10 O Medo	132
Considerações finais	133
Referências bibliográficas	137
Anexos	144

LISTA DE SIGLAS

CBF:	Colégio Belo Futuro
CCBT:	Centro Cultural Brasil Turquia
CCITB:	Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira
CONARE:	Comitê Nacional para os Refugiados
IOM:	International Organization for Migration
MPI:	Migration Policy Institute
PF:	Polícia Federal
UE:	União Européia
YTB:	Diretoria para turcos no exterior e comunidades relacionadas

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Cabeçalho do questionário enviado à comunidade por meio digital	9
Imagem 2: Exemplo de um passaporte otomano, emitido em 1914 para um judeu russo	41
Imagem 3: Loja inaugurada em 1888 em São João Del Rei, MG	44
Imagem 4: Foto do líder do Hizmet Fethullah Gülen	48
Imagem 5: Distribuição geográfica de restaurantes turcos	55
Imagem 6: Crianças fazem apresentação de dança dervixe, da tradição islâmica sufi	67
Imagem 7: Fachada do colégio Hizmet “Los azulejos” em Cararas, Venezuela	76
Imagem 8: Fachada do colégio Hizmet “Hércules”, em Buenos Aires, Argentina	76
Imagem 9: Imagem do colégio Hizmet “Belo Futuro” em São Paulo	77
Imagem 10: Foto de evento promovido na sede do CCBT	86

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quadro histórico dos principais acordos europeus de acolhimento de trabalhadores estrangeiros	23
Tabela 2: Comparativa de estoque de imigrantes turcos por macrorregião: 1990 a 2015	29
Tabela 3: Os países europeus que não exigem visto para os turcos	33
Tabela 4: Os países da América Latina que não exigem visto de entrada para os turcos	33

Tabela 5: Imigração por nacionalidade entre os anos de 1884 a 1933	42
Tabela 6: Cronologia das relações bilaterais Brasil-Turquia	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação de residentes turcos por região	10
Gráfico 2: Estoque de imigrantes turcos na Alemanha entre 1990 e 2019	29
Gráfico 3: Imigração turca para os EUA e França: 1990 a 2019	30
Gráfico 4: Os cinco países que mais concentram imigrantes turcos em 2019	33
Gráfico 5: Dispersão turca pelo mundo: 2019	34
Gráfico 6: A diáspora turca atualmente: Europa 2019	35
Gráfico 7: Relação percentual do estoque de imigrantes turcos em 2019: Os cinco principais destinos no mundo, os cinco principais destinos na Europa e Alemanha	36
Gráfico 8: Imigrantes turcos por continente em 2019	37
Gráfico 9: Imigrantes turcos na América Latina e Caribe em 2019 - Cinco principais países	37
Gráfico 10: Pedidos de residência no Brasil de cidadãos turcos, entre 2000 e 2020	50
Gráfico 11: Percentual por ocupação dentro da comunidade Hizmet	57
Gráfico 12: Ocupação de imigrantes turcos em São Paulo: SISMIGRA	58
Gráfico 13: Pedidos de residência de turcos em São Paulo, entre 2004 a 2020	59
Gráfico 14: Relação percentual entre imigrantes turcos por sexo - Estado de São Paulo - 2000 a 2020	60
Gráfico 15: Nível da língua portuguesa entre os turcos da comunidade Hizmet	62
Gráfico 16: Imigração turca no Estado de São Paulo entre os anos de 2000 a 2020- composição por sexo	68
Gráfico 17: Imigrantes turcos de 0 a 13 anos no Estado de São Paulo	68
Gráfico 18: Distribuição da comunidade turca Hizmet segundo sua condição migratória: 2021	70
Gráfico 19: Distribuição das escolas Hizmet por continente ou macro região: 2013	75
Gráfico 20: Percentual de respostas: Tipo de ajuda recebida ao migrar	94
Gráfico 21: Percentual de respostas: Origem da ajuda recebida ao migrar	96
Gráfico 22: Percentual de respostas: Parentes ou amigos vivendo fora do Brasil	101

Gráfico 23: Os 10 países que mais enviam remessas para a Turquia: 2017	104
Gráfico 24: Pedidos de refúgio de cidadãos turcos no Brasil entre 2010 e 2020	106
Gráfico 25: Pedidos de asilo político por turcos: 2000 a 2019	117

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Questionário digital enviado à comunidade turca

Anexo 2: Guia de pronúncia das palavras de origem turca

Introdução

“O estudo aqui apresentado não foi projetado dessa maneira desde o início. Em muitos momentos, seguimos indícios e abordamos novos problemas que foram surgindo em nosso caminho e, em um ou dois casos, o que descobrimos nesse percurso modificou a direção geral da pesquisa” (ELIAS, 1994, p. 16).

Neste trecho Norbert Elias expressa muito bem as tortuosidades às quais estão sujeitos os rumos de uma pesquisa que, ao abordar determinado problema, transforma-se e assume nossas facetas e perspectivas, de maneira que, em um processo verdadeiramente dialético, a tese inicial, sobre a qual tanto se refletiu, encontra a sua antítese e algo completamente novo se descortina diante do pesquisador ou pesquisadora.

Evento equivalente ocorreu com os objetivos iniciais desta pesquisa, que almejavam a compreensão da comunidade turca¹ na cidade de São Paulo, sua história e seus instrumentos de manutenção cultural. No entanto, novas informações vindas dos entrevistados, as quais não podiam ser ignoradas, se mostraram fundamentais para o entendimento dos seus processos e tensões internas, e mudaram o panorama com o qual a pesquisa observava até então o seu objeto. Foi justamente sobre tais tensões e as mudanças promovidas por elas que parte essencial da pesquisa se desenvolveu, considerando-se então três grandes momentos da comunidade turca na cidade de São Paulo: a chegada dos primeiros turcos à cidade, a sua consolidação por meio das redes migratórias e instrumentos culturais, e por fim, a sua cisão ou fragmentação decorrente de fatores de ordem política na Turquia, que promoveram impactos negativos na sua estrutura e nas suas manifestações.

Wright Mills nos traz em sua obra *The Sociological Imagination*, o conceito de “*intellectual craftsman*” - artesão intelectual, que se utiliza de uma “imaginação sociológica” (MILLS, 2000, p. 120) que lhe permite se ajustar às condições e particularidades do seu trabalho, muitas vezes até permitindo criar seus próprios instrumentos de pesquisa que melhor se adequem às flutuações do objeto. Sob esta perspectiva, à medida em que novas informações sobre a comunidade turca foram surgindo, novas perspectivas de confronto e análise foram sendo criadas, impulsionadas pelo próprio objeto da pesquisa.

¹ Por Comunidade Turca, nos referimos aqui à comunidade turca associada ao movimento islâmico Hizmet, que será o nosso objeto de estudo. Optamos por não utilizar o termo “comunidade Hizmet” no título deste trabalho por precaução, dada a atual perseguição aos integrantes deste movimento pelo regime do presidente Erdoğan, na Turquia.

Fomos então confrontados com as razões pelas quais os primeiros turcos chegaram à cidade - os primeiros nos anos de 2000, e posteriormente com as profundas mudanças produzidas em sua organização social a partir dos eventos políticos na Turquia entre os anos de 2013 a 2016, com a tentativa de golpe contra o governo instituído.

Evidenciou-se assim um vínculo ainda sólido e forte entre a comunidade turca de São Paulo e as instituições políticas em seu país, demonstrando que aqueles que migram não estão alijados de seus espaços de origem, mas mantêm ainda uma forte ligação com esses lugares e seus eventos, o que orientou os rumos desta pesquisa aos seguintes objetivos:

1. Demonstrar como a imigração turca é um fenômeno recente na cidade de São Paulo, iniciado há menos de vinte anos, em oposição à ideia largamente difundida pelo senso comum que considera o movimento migratório dessa população como antigo - iniciado no final do século XIX.
2. Demonstrar como essa comunidade pode ser considerada como uma comunidade transnacional, formada a partir de um processo de rede migratória, associado ao movimento islâmico de cunho educativo, político e cultural do Hizmet e como tal movimento se converteu no centro de gravidade ao redor do qual orbitam as diversas manifestações da comunidade, tendo como eixo central as atividades do Centro Cultural Brasil Turquia e o Colégio Belo Futuro.
3. Evidenciar como, após a tentativa de golpe político-militar de 2016 na Turquia, houve uma cisão dessa comunidade em São Paulo, de maneira a influenciar significativamente as suas manifestações; separando a comunidade turca em dois pólos distintos, um associado ao Movimento Hizmet e outro simpatizante do atual governo do presidente Recep Tayyip Erdoğan.

A importância deste trabalho se dá não apenas pelo estudo mais detalhado de um novo processo migratório no nosso território, que até o momento foi pouquíssimo explorado, mas também pela reflexão do problema global das migrações que, segundo Vettorassi e Dias (2017, p. 9), é um fenômeno que pela sua complexidade e consequências nos “aspectos culturais, políticos e econômicos das sociedades contemporâneas, (...) figura como uma preocupação recorrente das pesquisas nas ciências sociais.”

No Brasil, o último Censo de 2010 apontou um crescimento de 86,7% de imigrações em um década², de forma que esse não é um problema que possa ser ignorado, mas que deve ser explorado em todas as suas facetas, em busca não só de entendimento, mas também de instrumentos práticos ou teóricos que promovam uma maior integração entre os mundos dos que permanecem e dos que migram.

Também consideramos importante a reflexão, partindo do exemplo dos turcos em São Paulo, sobre a ascensão de governos totalitários no mundo e no quanto tal fenômeno pode afetar aqueles que já estão fora de suas fronteiras, conduzindo-nos a enxergar o imigrante e refugiado não apenas como um sujeito isolado de seu lugar de origem, mas ainda profundamente atravessado pelas questões de ordem política, econômica e social de seu país, e no quanto tais questões têm o poder de afetá-lo diretamente, mesmo depois de sua saída.

A escolha da comunidade turca se deu após as buscas iniciais por referências apontarem para a carência de literatura acadêmica sobre essa comunidade em São Paulo, salvo exceções muito pontuais, encontradas em bancos de teses e dissertações. Citamos aqui três delas, sendo que apenas a última teve alguma aderência com os objetivos propostos neste trabalho. A primeira foi um estudo sobre as mudanças na política externa turca após a Primavera Árabe³, a segunda foi um belíssimo estudo sobre casamentos interculturais entre brasileiras e muçulmanos⁴ - que abordou de maneira muito poética alguns aspectos íntimos da comunidade turca de São Paulo, mas sempre a partir desse prisma dos relacionamentos e, por fim, uma dissertação de mestrado, escrita por um membro da comunidade turca, que tratou da cobertura da mídia brasileira sobre a tentativa de golpe militar na Turquia em 2016⁵, que tem a força narrativa do sujeito turco, diretamente afetado pelos acontecimentos. Portanto, viu-se aí uma excelente oportunidade de pesquisa que pretendeu, minimamente, ocupar o vácuo de informação que se formou em torno dessa comunidade.

Soma-se a isso a relação de afinidade prévia que o autor teve com a comunidade, tendo sido estudante de língua e cultura turcas durante alguns anos e, por isso, frequentado eventos no Centro Cultural Brasil Turquia, conhecido parte da comunidade e percebido, dessa forma, a complexidade e beleza cultural de um povo até então pouco comum aos brasileiros.

²Disponível em:

<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/numero-de-imigrantes-cresceu-867-em-dez-anos-no-brasil-diz-ibge.html>>. Acesso em: 25/04/2019.

³ ROBERTO, Willian Moraes. As mudanças na política externa contemporânea da Turquia: as respostas diante das revoltas árabes de 2011. Dissertação de mestrado, 2018.

⁴ PASQUALIN, Flávia Andréa. O (des)encanto do casamento intercultural: Brasileiras casadas com muçulmanos estrangeiros. Tese de doutorado, 2018.

⁵ ELEMEN, Yusuf. A cobertura da mídia brasileira sobre o golpe militar de 15 de julho de 2016 na Turquia. Dissertação de mestrado, 2017.

Este trabalho buscou analisar algumas hipóteses que consideramos relevantes para o entendimento dos fenômenos relacionados à comunidade turca na cidade de São Paulo:

A primeira é a de que a comunidade turca em São Paulo organizou-se em torno das atividades do Movimento Hizmet, a partir da fundação do Colégio Belo Futuro e do Centro Cultural Brasil Turquia, que ancoraram suas atividades em uma rede migratória que foi a grande facilitadora para o ingresso de novos turcos na cidade, sejam estes associados ou não ao Movimento Hizmet; como aqueles representantes dos instrumentos oficiais do governo turco, tais como consulados e embaixada.

A segunda baseia-se na ideia de que o migrante é um “sujeito global”, ainda influenciado pelas dinâmicas políticas e econômicas do seu lugar de origem, o que explicaria os impactos e mudanças sofridos pela comunidade após os eventos políticos na Turquia entre os anos de 2013 e 2016.

Objetivando a elucidação das hipóteses apresentadas, este trabalho foi dividido em três capítulos:

O primeiro capítulo, intitulado “*Uma breve história dos turcos pelo mundo: formação étnica e diáspora*” teve como objetivo desmistificar a ideia, largamente difundida pelo senso comum, no que diz respeito ao uso do gentílico “turco”, associando-o genericamente a outros povos, como árabes e sírios. Buscou-se resgatar a história da chegada dos primeiros turcos em São Paulo, associados ao Movimento Hizmet e aos ideais de seu fundador, Fethullah Gülen, que vieram com o objetivo de abrir uma escola Hizmet em São Paulo e erguem, dessa maneira, a pedra fundamental para a formação da comunidade. Como referências teóricas usaremos os comentários que Oswaldo Truzzi⁶ fez sobre a então nomeada imigração “turca” em São Paulo e dados coletados de fontes diversas. Como já foi dito, não há uma literatura prévia que oriente uma genealogia da verdadeira imigração turca em São Paulo, de maneira que as informações trazidas neste trabalho vêm da memória da própria comunidade turca, coletadas por meio de entrevistas e confrontadas, a título de validação, com dados oriundos de fontes oficiais do governo brasileiro sobre volumes migratórios do período estudado.

O segundo, nomeado como “*Educação e cultura: Os turcos, suas instituições em São Paulo e a criação de sua rede migratória*” explorou a formação das redes migratórias da comunidade turca a partir de seus principais instrumentos: o Colégio Belo Futuro, O Centro Cultural Brasil Turquia e a Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira. Neste capítulo

⁶ TRUZZI, Oswaldo. Patrícios, sírios e libaneses em São Paulo, São Paulo: Editora Unesp, 2009.

iremos dialogar com os conceitos de redes migratórias a partir das obras de Oswaldo Truzzi⁷ e John e Leatrice McDonald⁸.

Por fim, o terceiro, chamado “*Temos medo deles - a cisão e enfrentamentos da comunidade turca em São Paulo*” abordou o impacto que a comunidade de São Paulo sofreu com os eventos políticos ocorridos na Turquia a partir do ano de 2013, tendo seu ápice em 2016, com a tentativa de golpe militar contra o presidente instituído, que declarou o Hizmet como um grupo terrorista, cortou antigas relações de cooperação com os membros do grupo e iniciou, assim, perseguições inquisitórias aos seus membros. Este capítulo se baseou principalmente na análise qualitativa dos relatos dos entrevistados, buscando suas impressões e vivências pessoais sobre os eventos ocorridos no período e sobre os impactos observados na comunidade. A análise do “modus operandi” do governo Erdoğan com relação ao Movimento Hizmet, seus integrantes e instrumentos se deu com base no conceito de “ditadura” de Hannah Arendt⁹, na definição de “totalitarismo” que nos dá Agamben¹⁰ e no diálogo com autores que abordam as características de governos de espectros fascistas e totalitaristas, como Robert O. Paxton¹¹, Jason Stanley¹², Steven Levitsky e Daniel Ziblatt¹³

Metodologia de pesquisa:

A pesquisa orientou-se pela coleta de dados e informações mensuráveis e quantificáveis da comunidade por meio de um questionário digital e pelo método qualitativo, baseando-se em entrevistas com membros da comunidade para coleta de dados, dada a carência quase absoluta de literatura que aborde a comunidade em questão, problema que, segundo Vettorassi e Dias, parece recorrente nas pesquisas sobre movimentos migratórios;

Estudar a migração implica, ao pesquisador, se deparar com a falta de uma história registrada através de documentos oficiais e dados sociais rigorosamente coletados e gravados, bem como de dados estatísticos suficientemente longos e cuidadosamente

⁷ TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios, in Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

⁸ MACDONALD, L. & MACDONALD, J. S. (1964), “Chain migration, ethnic Neighborhood formation and social networks”. The Milbank Memorial Fund Quarterly, XLII (1): 82-96.

⁹ ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo, São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

¹⁰ AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

¹¹ PAXTON, Robert O. A Anatomia do Fascismo, São Paulo: Paz e Terra, 2007.

¹² STANLEY, Jason. Como funciona o fascismo: a política do nós e eles, Porto Alegre: L&PM, 2018.

¹³ LEVITSKY, Steven, & ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

armazenados em arquivos. Assim, o pesquisador precisa buscar caminhos alternativos para superar tal lacuna. (VETTORASSI, DIAS, 2017, p.12)

No entanto, para Yin (2016), umas das principais características de uma pesquisa qualitativa é o esforço para obtenção de múltiplas fontes de evidências que fortaleçam e cerquem o problema apresentado (Yin, 2016) de maneira que, esta pesquisa, também se baseou na coleta de informações de distintas fontes jornalísticas, tanto nacionais quanto internacionais, bem como de números de órgãos oficiais que de alguma maneira reforçassem o que foi exposto pelos entrevistados.

Das entrevistas:

No âmbito desta pesquisa, as fontes orais foram de extrema importância para desvelar a história da comunidade e seus desdobramentos. Foram entrevistados sete membros proeminentes da comunidade turca em São Paulo, sendo um deles o “primeiro turco a chegar em São Paulo”, com o objetivo de abrir aqui uma escola Hizmet, e também fundador do Centro Cultural Brasil Turquia, doravante CCBT. Os outros atuaram diretamente tanto na gestão do CCBT quanto do Colégio Belo Futuro (CBF), bem como da Câmara de Comércio Brasil Turquia. Entre os entrevistados há também um jornalista turco, que trabalhou como correspondente sulamericano de um dos principais jornais turcos, o Zaman, e figura proeminente e de destaque não apenas na comunidade brasileira como também na Turquia. Também compõe o grupo dos entrevistados um ex-presos político a mando do regime Erdoğan e um ex professor de língua turca, que atuou tanto no ensino da língua e cultura para brasileiros, quanto em atividades de tradução e interpretação dentro da comunidade e auxiliando os instrumentos oficiais do governo turco em São Paulo. Alguns dos entrevistados, em decorrência dos desdobramentos políticos na Turquia, estão em situação de refúgio no Brasil ou com o pedido de refúgio em trâmite.

A seleção dos entrevistados se deu inicialmente conforme a sua importância e relevância na comunidade, bem como a relação deles com a mesma e suas manifestações culturais, buscando-se dessa maneira por indivíduos que pertenciam à primeira onda de turcos em São Paulo, que participaram ativamente da criação dos dois principais polos da comunidade, a saber o CCBT e o CBF e que, portanto, conheciam muito bem todos os seus aspectos, desde suas fundações, sua evolução, crescimento, desenvolvimento e suas mudanças recentes. À medida que o tema de pesquisa se desenvolvia, surgiu a necessidade de falar com membros específicos da comunidade e as entrevistas seguintes foram conduzidas

por indicações dos outros membros, conforme uma técnica metodológica mais conhecida como “bola de neve” ou *snowball sampling*, na qual um informante vai indicando outros em um modelo de cadeia de referências (BIERNACKI e WALDORF, 1981). Foi essencial que se buscasse nas entrevistas a trajetória individual de cada entrevistado e suas impressões pessoais, identificando dessa maneira convergências nos relatos, ou seja, os pontos de contato que demonstravam uma experiência coletiva comum.

Segundo Létourneau (2011), “é dever do pesquisador preservar o anonimato dos informantes e garantir que os dados recolhidos só servirão para os fins em vista dos quais foram recolhidos” (LÉTOURNEAU, 2011, p. 218) e, considerando-se as sensíveis conjunturas políticas turcas que têm afetado a comunidade, e que serão devidamente abordadas neste trabalho, alguns dos entrevistados demonstraram preocupação com a divulgação de nomes e atividades que pudessem de alguma maneira comprometê-los, de maneira que seus relatos e opiniões sobre os últimos eventos políticos e seus impactos na comunidade serão sempre trazidos por meio de referências genéricas, tais como; “segundo o entrevistado”, “conforme dito por um entrevistado”, etc, assegurando-se assim a máxima discrição dos relatos dados e o absoluto anonimato dos entrevistados. No entanto, ressalta-se que todos os entrevistados, desde que mantida a discrição, concordaram que seus relatos fossem divulgados em trabalho acadêmico.

As entrevistas focalizaram o objetivo de coletar informações sobre os seguintes pontos: dados gerais sobre a comunidade; tais como número de integrantes, residências e atividades, histórico pessoal, quais as razões pela escolha do Brasil como destino, período em que chegou, como se deu a chegada, principais dificuldades encontradas na chegada, se houve ajuda ou influência da comunidade nesse primeiro momento de adaptação, relações entre o entrevistado e o restante da comunidade e, se na visão do entrevistado, houve mudanças nas relações da comunidade após 2016 e, em caso positivo, quais foram elas.

Conforme nos alerta Létourneau (2011), houve um cuidado e uma preocupação em não exceder os limites do que cada entrevistado estava disposto a relatar sobre os eventos ocorridos após 2016 na comunidade;

O pesquisador que realiza uma enquete com informantes às vezes dá a impressão de que a importância de sua pesquisa é maior do que a tranquilidade e a intimidade das pessoas. Embora o informante possa ser considerado um ator social ou objetivado como sujeito-testemunha, nem por isso é um objeto-testemunha (...) o pesquisador

precisa saber que é um intruso na intimidade do informante e que este último revela frações do seu saber, sem contrapartida (LÉTOURNEAU, 2011 p. 218)

Todas as entrevistas, devido à pandemia covid-19 e às medidas de isolamento adotadas, foram conduzidas por meio digital, via plataforma Zoom¹⁴, e foram todas gravadas com a anuência dos entrevistados.

Optamos em omitir, nos relatos dos entrevistados, quaisquer referências que pudessem de alguma maneira identificar o entrevistado, por razões de sigilo e, em alguns casos, também por segurança. Alguns dos entrevistados pediram expressamente que parte do que foi dito não fosse divulgado e atendemos rigorosamente a tais solicitações.

Do questionário digital:

Foi enviado para a comunidade, via email, um questionário digital (imagem 1, anexo 1) composto por quarenta perguntas que visavam quantificar e mensurar certos aspectos que seriam mais complexos de medir por meio das entrevistas. O questionário foi encaminhado com um termo de consentimento de uso das informações com fins acadêmicos, mas optou-se por garantir o anonimato dos participantes, que puderam deixar em branco os campos de nome e email.

Considerou-se nesse questionário alcançar o máximo de indivíduos possível, incluindo mulheres, solicitantes de refúgio e também aqueles que ainda não falam o português e que portanto ofereceriam uma maior dificuldade para serem entrevistados, já que o questionário foi também traduzido para a língua turca.

As questões buscaram quantificar com mais precisão dentro dessa comunidade a proporção entre homens e mulheres, média de idade, conhecimento da língua portuguesa, religião, suas ocupações, chegada ao Brasil, período de permanência, histórico migratório, relações migratórias (redes migratórias), manutenção de laços com a Turquia ou outros países (comunidade transnacional), formação familiar, razões de migração, distribuição geográfica da comunidade na cidade e relações culturais ou laborais que mantém no Brasil.

O questionário foi respondido por 24 pessoas, o que corresponderia a algo por volta de 12% de aderência, segundo números relativos da própria comunidade, que declara ser formada por aproximadamente 200 indivíduos. No entanto, como veremos no capítulo três, houve um declínio nesse número a partir do ano de 2016 e das perseguições políticas, de

¹⁴ Aplicativo de video conferência - <https://zoom.us/jt-pt/mttings.html>

maneira que a comunidade perdeu muitos membros e esse número anteriormente citado, na verdade, corresponde ao auge numérico dessa comunidade, por volta do ano de 2015. Portanto, considera-se que o questionário tenha abrangido uma amostra maior do que os 12% previamente calculados.

Imagem 1: Cabeçalho do questionário enviado à comunidade por meio digital.



Fonte: O próprio autor

Os recortes histórico e geográficos da pesquisa:

A pesquisa se baseou em um período que abrange vinte anos da imigração turca em São Paulo, do ano de 2000 a 2020, e isso se justifica por duas razões: A primeira, pela disponibilidade de dados oficiais referentes a essas movimentações, pois o órgão da Polícia Federal responsável pelo controle de imigrantes no território, o SINCRE (Sistema nacional de Cadastros e Registros)¹⁵, que contém todos os registros de pedidos de residência solicitados por estrangeiros no país, bem como os registros de pedidos de refúgio, só disponibiliza as informações dos últimos vinte anos.

A segunda razão se deu pelo fato de que, para a comunidade estudada - segundo seus entrevistados, as informações de turcos em São Paulo, antes do ano de 2003, são nebulosas.

¹⁵ Desde Setembro de 2019, as informações que antes pertenciam ao SINCRE - Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros, migraram todas para o sistema SISMIGRA, que nos serviu de base para a elaboração desta pesquisa.

Segundo eles, há a possibilidade de que algum turco possa ter chegado ao Brasil e até se instalado em São Paulo, mas, com segurança, só podem afirmar que os primeiros turcos chegaram no ano de 2003, vindos a convite do Movimento Hizmet.

O recorte geográfico, ou seja, a cidade de São Paulo, deve-se ao fato de que, de acordo com a comunidade, a maior parte dos turcos que chegaram ao Brasil se instalaram na cidade de São Paulo e foi justamente nesta cidade que se criaram as duas principais instituições em torno das quais orbita a comunidade; O Colégio Belo Futuro e o Centro Cultural Brasil Turquia. Os turcos que vieram posteriormente, muitos por razões de negócios, consideraram São Paulo como um grande centro de oportunidade, adensando ainda mais a comunidade local.

Segundo reportagem publicada na ALESP, no ano de 2019, “O Brasil abriga cerca de mil turcos, sendo que 80% deles estão na capital paulista”¹⁶, o que converge como número dito pelos entrevistados, que é equivalente aos 80%, no entanto, segundo dados do SISMIGRA¹⁷, o percentual de residentes turcos em São Paulo é de 54% com relação ao restante do país (gráfico 1).

Gráfico 1: Relação de residentes turcos por região

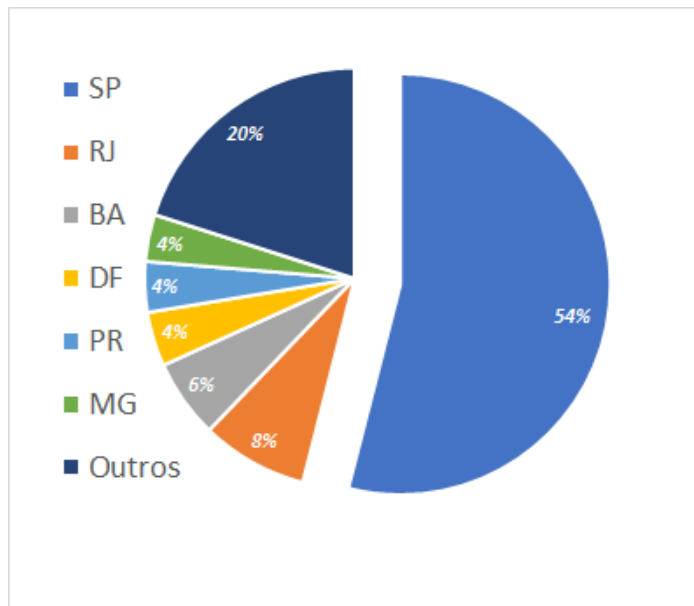


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=399483>>. Acesso em: 10/07/20.

¹⁷ SISMIGRA - Sistema de Registro Nacional Migratório, que faz parte dos registros administrativos da Polícia Federal que comportam os pedidos de registros de estrangeiros para a emissão de documentação específica, o atual RNM, ou Registro Nacional Migratório.

Espera-se que esta pesquisa venha somar com informações relevantes e pertinentes sobre a comunidade turca na cidade de São Paulo, dada a atual carência de artigos, dissertações e teses que tratam sobre o tema, bem como sobre o Movimento Hizmet e sua importância política, seu fundador, seus opositores e a maneira pela qual se manifesta um governo de caráter totalitário na Turquia nos dias atuais.

CAPÍTULO 1:

Uma breve história dos turcos pelo mundo: formação étnica e diáspora

*“Não causa estranheza a ninguém a frase ‘eu sou turco’,
pois todo mundo acha que sou árabe”*

Relato de um dos entrevistados

A imigração turca ao Brasil, como veremos adiante com mais detalhes, é um processo recente, que se iniciou há menos de duas décadas, no entanto, é imperativo que para entendermos o início desse processo, seja necessário dar alguns passos atrás e buscarmos entender como se inicia, muito antes, a diáspora turca pelo mundo, que vai resultar em mais de 3,5 milhões de turcos dispersos em diversos países, predominantemente europeus. Buscaremos aqui traçar uma breve linha histórica turca que nos dê elementos que fortaleçam as investigações futuras a respeito de sua chegada ao Brasil; quais suas razões, motivações e interesses.

Consideramos importante, nesta breve apresentação sobre os turcos apresentar sua história e sua diáspora, buscar não apenas os elementos necessários ao desenvolvimento da pesquisa, como entender de forma mais aprofundada o nosso objeto e, dessa maneira, dissolver certos pré-conceitos comuns com relação à Turquia e seu povo.

Para tanto, nos cabe responder a pergunta mais básica possível: afinal, o que é um turco?

Segundo um dos entrevistados da pesquisa, *"não existe uma coisa que eu possa chamar de cultura turca. Não existe um tipo de turco, a gente é muito diferente. Tem vários tipos de turcos"*. Se nos ativermos a esse relato, a nossa tarefa de tentar definir de forma apropriada o que étnica, histórica e culturalmente podemos chamar de gentílico turco torna-se extremamente complicada. No entanto, vamos nos atentar aos fatos históricos que se apresentam para cercar os dados sob duas perspectivas possíveis: Primeira, a de que existe sim um gentílico turco, que podemos rastrear segundo uma história étnica, com base em características predominantemente linguísticas e não apenas territoriais ou culturais, dado o

fato de que, tanto os fortes elementos da cultura, como a religião ou seu território estão marcados pela interação, compartilhamento, troca e herança de outros povos. Segunda, a diferença clara entre o que podemos chamar de gentílico turco e cidadão turco. O território turco abrigou e abriga uma grande quantidade de etnias não túrquicas¹⁸, como armênios, gregos e curdos. Muitos desses cidadãos são tratados politicamente como turcos, mas são etnicamente distintos, o que pode gerar certa confusão ou flutuação nos números da imigração turca - como veremos mais detidamente no caso do Brasil, tendo-se em conta que no passaporte turco não há discriminação étnica.

1. Uma breve história dos turcos:

A origem do próprio termo gentílico “turco” é incerta, e esbarra no que Mackenzie chama de uma “mistura de poucos fatos e muita ficção” (Mackenzie, 1965, pg 69), no entanto, segundo Riu (1985), no decorrer da Idade Média a Europa tomou contato com uma série de povos túrquicos, provavelmente oriundos da Ásia, mas que gozavam de características comuns - talvez a língua ou costumes. Eram conhecidos pelos nomes de seus clãs, até que o nome “t’u-kiue” apareceu em um texto chinês, descrevendo uma população nômade da região do Altai. Segundo consta, tais pastores nômades, grandes guerreiros e exímios cavaleiros vagavam então pelas estepes asiáticas, aparecendo e reaparecendo “como por magia”, porém com distintos nomes: uiguros, kirguises, oguzos e até os búlgaros têm alguma descendência desses povos, doravante chamados “turcos”, nome que, segundo o autor, significaria “os fortes” (RIU, 1985).

Nômades das estepes, relacionados aos mongóis e talvez também aos unos, se espalharam pelas planícies da Ásia Central conquistando e tomando de assalto a outros povos e às vezes criando pequenos “impérios das estepes” que acabavam sendo absorvidos pelos povos originais, mais sedentários (Stone, 2012), de modo que, há séculos, os turcos têm sido absorvidos e integrados pelas sociedades conquistadas, formando um amálgama cultural e religioso difícil de destilar e especificar com clareza. Como já foi dito, o aspecto religioso, por exemplo, não é fiável para definir um povo que, durante os últimos 1.300 anos já adotou

¹⁸ Optamos aqui por utilizar a nomenclatura “túrquico” que pode tanto se referir a um conjunto de línguas altaicas como também a uma série de povos com proximidades etno-linguísticas e “turco” para nos referir a um povo específico dentro desse conjunto.

diversas manifestações religiosas, desde o tengriismo xamânico mongol, passando pelo budismo e, mais recentemente, adotando o islamismo como sua religião¹⁹.

Stone, em sua “*Breve história de Turquia*” (2012), faz um enorme esforço de coleta de dados etimológicos para demonstrar o quanto a língua turca foi deixando a sua pegada por onde passaram os seus falantes. Da Mongólia até o interior do território russo, dos Balcãs ao Irã, da antiga Pérsia à antiga Índia - presenteada pelos turcos com o Taj Mahal, os vocábulos turcos estão espalhados por uma extensa região (Stone, 2012). Apesar da língua turca ter sido historicamente “contaminada” por vocábulos de origem persa e árabe, tendo inclusive adotado, o nada adequado, alfabeto árabe para a sua escrita, é possível afirmar que, dentre muitos elementos possivelmente definidores da etnicidade turca, o mais estanque é sem dúvida a sua língua.

O antigo Império Turco Otomano aglutinou, em seu período glorioso, uma quantidade enorme de territórios e, portanto, de povos e etnias, e com base nessa informação é possível dizer que muitos desses árabes, sírios e armênios - sem considerar aqui outras etnias possíveis, de fato nasceram em território do que seria a atual Turquia, mas não compartilhavam de certos elementos étnicos comuns que viriam a ser considerados como definidores da nacionalidade turca.

Um desses marcadores mais relevantes, a língua turca, terá uma fortíssima importância na definição da identidade nacional e receberá, por conta disso, uma atenção especial na fundação da nova República Turca por Kemal Atatürk²⁰, que promoverá um grande esforço político e social para a sua remodelação - para modelar uma nova língua turca²¹, excluindo as palavras de origem árabe e persa, “turquicizando” outras e, o mais importante, deixando de lado o uso do antigo alfabeto árabe para a escrita do turco, que passa a ser escrito em alfabeto latino, com o uso de alguns sinais diacríticos especiais para dar conta da fonética da língua (GÜRÇAGLAR & ALBACHTEN, 2019). Esse evento promove uma cisão muito clara entre a moderna e a antiga cultura turca.

A partir da reforma da língua, abandonando a sua estrutura otomana, um turco comum agora precisava de um dicionário para ler um simples jornal e, uma geração depois, já se

¹⁹ Segundo relatório da European Commission, 99% dos turcos se auto declaram muçulmanos, mas há muitas outras religiões, incluindo cristãos ortodoxos gregos, apostólicos armênios, siríacos e judeus. Disponível em: https://eacea.ec.europa.eu/national-policies/eurydice/content/population-demographic-situation-languages-and-religions-103_en.> Acesso em: 28/09/2020.

²⁰ Mustafá Kemal Atatürk funda o Estado nacional turco em 29 de Outubro de 1923. Atatürk é considerado o pai da Turquia moderna e um herói nacional, sendo sua memória guardada e amplamente celebrada pelo turcos até os dias atuais. Em: Atatürk - Vater der modernen Türkei - Deutsch Welle Documental. 1 vídeo (51 min).

²¹ A reforma ocorreu em 1º de Novembro de 1928.

criou um abismo entre a antiga literatura e a nova - um jovem turco já não tinha mais acesso a todo um conjunto de conhecimentos otomanos que já não pertenciam mais à sua cultura.

Portanto, a importância da língua turca como símbolo de uma pureza étnica será crucial no período imediatamente posterior à criação da República Turca, e o seu processo de “refinamento”, abandono de estrangeirismos e troca do alfabeto também está relacionado não apenas com as facilidades de alfabetização de uma “população turca”, mas também com uma melhora em seus processos administrativos, como nos descreve Stone:

A reforma mais importante se deu em 1928, na língua, até então o turco se escrevia com o alfabeto árabe e continha um grande número de palavras árabes, ou em questões que tivessem a ver com emoções e comida, de origem persa. No entanto, o árabe é uma língua gutural, com apenas três vogais, enquanto o turco possui oito, e inclusive há problemas com as consoantes, porque o árabe tem quatro variantes para o “z”. Para o turco, um alfabeto latino ou mesmo cirílico tinha muito mais sentido, se o objetivo era que a maior parte da população estivesse alfabetizada. Como ocorre com frequência na Turquia, nisso também foi o exército a força criativa. Durante a Primeira Guerra Mundial, se necessitavam enviar um telegrama cifrado, tinham que traduzir o original ao francês, depois codificá-lo e enviá-lo com pontos e traços do Morse, para que o destinatário tivesse que realizar depois o processo inverso. Os oficiais já tinham sugerido que era necessário simplificar todo o processo e dez anos depois de terminar a guerra era isso que iria ocorrer: em um mês se latinizou o alfabeto (STONE, 2012 , p. 24)

Segundo Anderson, as línguas administrativas tinham apenas essa função, a de instrumento administrativo, de língua franca de controle de um domínio político que se limitava a uma função (Anderson, 2013), como foi o caso do turco no Império Otomano. Nessa condição, as línguas não eram impostas à população que não as falava originalmente. Por essa razão, os países formados a partir da dissolução do antigo Império, mantiveram as suas línguas originais e não adotaram o turco como língua vernacular ou administrativa. Para o autor o processo de fortalecimento de uma língua, como se deu com a língua turca, tem por excelência, a criação de um sentimento nacionalista, de uma ideia de comunidade unificada (Anderson, 2013).

Construir uma identidade linguística, ou um “campo linguístico particular” (Anderson, 2013, pg 82) no qual “centenas de milhares ou milhões” de pessoas se sintam

inseridas de maneira particular é, segundo o autor, um “embrião de uma comunidade nacional”. (Anderson, 2013, pg 82).

O destino dos povos de fala turca das zonas incorporadas à Turquia, Irã, Iraque e União Soviética (...) uma família de línguas faladas, que podiam ser montadas numa ortografia árábica, tornando-se assim compreensíveis entre si, perdeu essa unidade devido a manipulações deliberadas. Para enaltecer a consciência nacional da Turquia turca, em detrimento de qualquer identificação islâmica mais profunda, Atatürk impôs uma romanização obrigatória.” (Anderson, 2013, pg 84)

Obviamente que até hoje a língua turca permanece carregada de vocábulos e expressões de origem principalmente árabes, no entanto, foi notável o esforço em direção a uma pureza da língua, a um resgate de uma identidade turca que se fortalecia na medida em que lapidava o seu instrumento de comunicação e gestão.

Nesse mesmo período, outro evento que nos é relevante é que a República Turca nasceu laica. “Atatürk estava disposto a eliminar o islã da vida pública”, diz Stone, (2012, p. 209) e para tanto cria uma série de restrições às manifestações religiosas islâmicas; em 1924 é abolido o califado²², e em seguida são fechadas as madrasas²³ e os tribunais da charia²⁴, o Alcorão é traduzido para o turco e até mesmo a majestosa Hagia Sophia (Santa Sofia), que tinha servido de mesquita por 478 anos, desde a tomada de Constantinopla pelos turcos, foi secularizada em 1931 e convertida em museu²⁵. A “lei do chapéu” de 1925 proibiu o uso do “fez” ou “tarbush”²⁶, símbolo dos antigos costumes do Império, e o kaftan²⁷ entre as

²² O califado é um modelo de liderança política e religiosa islâmico. Sua origem remonta ao período imediatamente seguinte à morte do profeta Maomé, onde em “uma reunião de íntimos colaboradores e líderes, escolheu-se um do primeiro grupo como sucessor do Profeta (khalifa, de onde vem a palavra “califa”): Abu Bakr, um seguidor de primeira hora, cuja filha ‘A’isha era esposa de Maomé” (HOURANI, 2019, p. 43). Segundo Hourani, houve um enorme impacto dentro da religião islâmica quando da decisão da nova República turca de abolir o califado otomano. Segundo ele, essa decisão “deu origem a ideias sobre a natureza da autoridade política, e um dos seguidores de ‘Abduh, “Ali ‘Abd al-Raziq (1886-1966), escreveu um livro famoso, *al-Islam wa usul al-hukm* (O Islã e as bases da autoridade política), em que argumentava que o califado não era de origem divina, e que o Profeta não tinha sido enviado para fundar um Estado, e na verdade não o fizera (...). As ideias dele foram mal recebidas pelos conservadores religiosos, mas suas implicações, de que o Califado não devia ser restaurado, tiveram aceitação geral” (HOURANI, 2019, p. 454-455).

²³ As madrasas são escolas corânicas, dedicadas ao estudo dos textos sagrados e de sua “doutrina legal” (HOURANI, 2019). “Era uma escola muitas vezes, embora não sempre, ligada a uma mesquita; incluía um lugar de residência para estudantes” (HOURANI, 2019, p. 221)

²⁴ Conjunto de leis islâmicas baseadas nos escritos corânicos e em parte nas tradições e comentadores (hadith) (HOURANI, 2019).

²⁵ Atatürk - Vater der modernen Türkei - Deutsch Welle Documental. 1 vídeo (51 min)

²⁶ Chapéu de feltro vermelho usado pelos homens durante o Império Turco Otomano. O fez ficou muito conhecido na cultura popular, pois os turcos sempre eram representados usando esse tipo de chapéu.

²⁷ “Um tipo de vestido longo e elegante, feito principalmente de seda” (Çoğu ipekten yapılan, bir tür uzun, süslü üst giysisi). “Uma vestimenta feita de algum tipo de tecido valioso ou pele de carneiro que os sultões colocam

mulheres. Essa lei foi duramente criticada entre os turcos, que viam o chapéu ocidental como um sinal de ateísmo²⁸.

Além das reformas linguísticas e da criação de um Estado laico, há certas controvérsias relacionadas às tentativas da República Turca, nesses primeiros anos de existência e já liderada por Atatürk, de criar uma nação predominantemente turca.

Uma dessas polêmicas históricas diz respeito às ações do exército turco na retomada da cidade de Esmirna do poder grego. Após a invasão turca à cidade, contra a qual não houve resistência grega, os bairros cristãos foram incendiados e mais de cem mil gregos e armênios se viram obrigados a fugir para as ilhas gregas, sem nenhum tipo de ajuda. O saldo então é que a multicultural Esmirna se converte em uma cidade totalmente turca. Após a reconquista do território turco, a assinatura do tratado de Lausanne, em 24 de Julho de 1923, autoriza a repatriação forçada de centenas de milhares de pessoas, para transformar o então multiétnico Império Otomano em um Estado nacional turco. Gregos e armênios que eram então cidadãos Otomanos são obrigados a deixar o recém fundado país, enquanto muçulmanos turcos que viviam em territórios adjacentes à nova fronteira turca da Anatólia se movimentam na direção contrária, ocupando os territórios que consideravam historicamente seus (STONE 2012).

Em 1925 os curdos, que segundo Mackenzie já ocupavam historicamente o território da atual Turquia e cujo percurso de ocupações históricas pode ser traçado até mesmo pela sua língua, que deixou traços no turco (MACKENZIE, 1961), exigiam a sua emancipação territorial, que foi negada pelo governo. A revolta que se seguiu foi duramente combatida resultando no enforcamento dos líderes curdos. Os curdos, como os bascos ou mesmo os catalães na Espanha, fazem parte do grupo de povos que clamam por sua identidade religiosa, linguística, histórica ou cultural, mas para os quais não há autonomia territorial. Para Cohen, existe hoje uma quantidade dez vezes menor de estados nacionais com relação a esses povos (COHEN, 2011), o que é uma constante fonte de conflitos.

Até hoje as questões relacionadas ao laicismo do Estado e aos curdos são um problema político a ser enfrentado pelos turcos e, em especial os problemas que envolvem a religião e o Estado serão palco para muitas disputas políticas na Turquia no transcorrer de sua história recente.

Desde a dissolução do Império Otomano houve por parte das lideranças turcas a necessidade de se afirmar a nacionalidade turca. Inicialmente por meio da língua, em seguida

em alguém para conquistá-los ou recompensá-los” (Padişahların gönül almak, ödüllendirmek için birine giydirdikleri değerli kumaş veya kürkten yapılmış giysi, hilat). Em: <https://sozluk.gov.tr/>. Acesso em: 15/11/2020.

²⁸ Atatürk - Vater der modernen Türkei - Deutsch Welle Documental. 1 vídeo (51 min)

por uma disputa pela exclusividade do território na formação de um “país turco”. Ergin (2017) considera que os esforços para racializar “o turco” deriva do desejo de modernização e ocidentalização, que buscava por uma “autenticidade turca”, após a criação da República Turca, em 1923, segundo ele:

Por um lado, liberdade e igualdade foram amplamente percebidas como a base da modernidade; por outro lado, os intelectuais do Ocidente estavam engajados em uma gigantesca tarefa de classificar a humanidade de acordo com a raça, usando métodos pseudocientíficos. Foi neste contexto que entre o tardio Império Otomano e o início da República as elites perceberam que reivindicar a individualidade no mundo moderno não seria possível sem uma filiação racial (ERGIN, 2017, p. 4).

Para Ustan (2016), é inegável que essa posição da Turquia estava completamente atrelada à sua tentativa de ocidentalização, inclusive ideologicamente pois, segundo o autor:

Podemos afirmar que el nacionalismo turco nació con las investigaciones sobre turcología, las cuales por primera vez fueron realizadas por los europeos. Por ejemplo, el primer turcólogo fue Konstanty Polkoźic-Borzęcki, quien usó el nombre turco o árabe de Mustafa Celaleddin Paşa (1826-1876). Él era de origen lituano y escribió en francés el primer libro sobre el tema, llamado *Les Turcs Anciens et Modernes* y publicado en 1869, donde postulaba que muchos pueblos provenían de la raza turca. (USTAN, 2016, p. 347)

A própria posição geográfica da Turquia a transformou naturalmente em um espaço de passagem e circulação de povos e culturas nos últimos milênios. Obviamente que, apesar do enorme esforço empreendido pelas primeiras lideranças turcas em turquicizar seu território, o mesmo permanece até hoje permeado por diversos povos não túrquicos, como já citamos o caso dos curdos, que são linguisticamente aparentados ao grupo indo-europeu do persa. Essas populações, atualmente, têm espaço e gozam de certa liberdade no território turco, incluindo a possibilidade de frequentar escolas em suas próprias línguas, apesar do artigo 42 da Constituição Turca ser claro com relação à prioridade do turco como língua do Estado e da educação:

Nenhuma outra língua além do turco deve ser ensinada como língua materna aos cidadãos turcos em qualquer instituição de ensino. Línguas estrangeiras que forem

ensinadas em instituições de ensino e as regras a serem seguidas pelas escolas que conduzem a educação em uma língua estrangeira devem ser determinadas por lei. As disposições dos tratados internacionais são reservadas.²⁹ (TÜRKİYE CUMHURİYETİ ANAYASASI, 1982, p. 8).

Buscamos aqui apresentar os aspectos absolutamente fundamentais da trajetória do povo turco e de sua história recente que nos permitam entender, em linhas gerais, como o próprio Estado turco tentou se definir etnicamente. Primeiro pelo aspecto linguístico, remodelando esse marcador histórico da etnicidade de um povo e facilitando inclusive a sua alfabetização - para se apropriar ainda mais desse elemento. Segundo pela tentativa de exclusão de povos de seu território que não correspondiam a esse marcador, na tentativa de criar um estado turco, ou seja, que também fosse geograficamente delimitado, e por fim pela secularização de suas instituições, desvinculando a nova Turquia do seu antigo passado islâmico otomano, que era pluricultural e multiétnico e também assegurando que não seria pela religião que o novo Estado seria definido.

Özkırmılı, citado por Bedlek resume essas tentativas do Estado turco de criação de uma identidade nacional como um resultado lógico de apresentar, de forma coerente, uma série de características identificáveis como um território comum, uma religião, uma língua e uma noção de pertencimento (BEDLEK, 2016).

2. A Diáspora Turca

A palavra diáspora deriva do verbo grego “*speiro*”, que significa semear, posposto ao prefixo “*dia*”, que significa sobre (COHEN, 2001). Portanto, para os gregos, a ideia de diáspora relacionava-se com a ocupação e colonização de novos territórios, a expansão do mundo grego e de sua *paideia*. No entanto, na modernidade essa palavra ganhou outros contornos, mais bem definidos e enquadrados com a significação de algo que possui, se lembrarmos dos mais icônicos movimentos diaspóricos da história; a saber dos judeus, africanos, palestinos e armênios (COHEN, 2001), um tom no mínimo negativo.

Tendemos a associar a movimentação de grandes populações humanas como algo ruim, afinal, só podem estar sob a influência de algum fator negativo para que se desloquem

²⁹ “Türkçeden başka hiçbir dil, eğitim ve öğretim kurumlarında Türk vatandaşlarına ana dilleri olarak okutulamaz ve öğretilmez. Eğitim ve öğretim kurumlarında okutulacak yabancı diller ile yabancı dille eğitim ve öğretim yapan okulların tabi olacağı esaslar kanunla düzenlenir. Milletlerarası anlaşma hükümleri saklıdır”

em massa, para que deixem os seus lugares, as suas posses, os seus lares e suas memórias, fortalecendo o atual significado que damos ao termo, como “um trauma coletivo, um banimento de onde alguém sonhou com um lar, mas viveu em exílio” (COHEN, 2001, p. 9).

Stuart Hall, ao problematizar a noção de identidade na diáspora, usará o termo segundo o seu valor mais comum, associando-o aos flagelos históricos da população judia e, que na sua versão mais contemporânea, é movida pela “ pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades - os legados do império em toda parte - podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão.” (HALL, 2003. p. 28), o que está de acordo com a definição de Canales e Zolniski, que dizem que na diáspora

O deslocamento pode implicar em uma mudança definitiva da residência do migrante, que não se integra completa e totalmente no lugar de assentamento. Em vez disso, se mantém e reforça o pertencimento a comunidades ou organizações que operam na escala internacional. Como é o caso dos missionários, como também dos judeus dispersos por todo o mundo. No entanto, historicamente essa modalidade migratória não obedeceu a razões de trabalho, senão a perseguições de base política, religiosa ou cultural (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 413).

No entanto, segundo Cohen, a própria ideia de diáspora varia muito, pois há povos que, mesmo não tendo sido historicamente perseguidos ou mesmo terem se movimentado como agentes colonizadores ativos, consideram, a si mesmos, como diaspóricos e isso os fortalece identitariamente (COHEN, 2001). Os roma, mais comumente chamados de ciganos, são um excelente exemplo da ideia que nos traz Cohen, de uma população que vive em diáspora e se identifica com essa qualidade da mobilidade.

A definição de diáspora que nos dá o World Migration Report 2018³⁰, da IOM (International Organization for Migration) é:

O termo diáspora é usado no círculo acadêmico e político para referir-se a pessoas (e frequentemente seus descendentes) originários de um país específico e que vivem no exterior. De qualquer modo, não há um acordo único sobre a definição do termo. Na verdade, já se sugeriu que o termo “comunidades transnacionais” deveria descrever melhor a realidade das experiências contemporâneas de migração, onde migrantes estabelecem e mantêm conexões com indivíduos em suas comunidades originárias ou

³⁰ World Migration Report 2018. International Organization for Migration (IOM) - The UN Migration Agency.

migrantes em outros países. De fato, a IOM usa os termos diáspora e comunidades transnacionais de maneira intercambiável (World Migration Report 2018, p. 20).

Alguns autores, no entanto, defendem que o termo comunidades transnacionais seria mais adequado na descrição dos fenômenos migratórios contemporâneos, dada a circunstância de que, tais migrantes, mesmo que estabelecidos, mantêm relações e conexões com seus lugares de origem, ou mesmo com migrantes de outros países, de maneira a pertencerem a dois ou mais países ao mesmo tempo (VERTOVEC & COHEN, 1999).

Para Safran, uma descrição única de um fenômeno não é suficiente para que cientistas sociais possam considerar a seu respeito (SAFRAN, 2011). Assim, o conceito de diáspora que foi largamente empregado na academia e que sempre esteve associado às características históricas da diáspora judaica, não serve para descrever todos os possíveis fenômenos diaspóricos, de maneira que, atualmente, o conceito de “diáspora”, ou mais especificamente “comunidade diaspórica”, “parece ser usado cada vez mais como uma designação metafórica para diversas categorias de pessoas - expatriados, expulsos, refugiados políticos, residentes estrangeiros, imigrantes e minorias étnico raciais” (SAFRAN, 2011, s.p); desta feita, o autor dirá que acadêmicos têm aplicado o termo para categorizar movimentações como a de cubanos e mexicanos para os EUA, paquistaneses no Reino Unido, magrebinos na França e a de turcos na Alemanha. Portanto, abrangendo movimentações contemporâneas de indivíduos que “estão conectados a mais de um país” (World Migration Report 2018, p. 305), formando suas comunidades locais e fortalecendo as suas redes migratórias de maneira a formarem o que poderíamos chamar de “*comunidades diaspóricas transnacionais*”, pois são formadas por movimentos diaspóricos, mas também são caracterizadas pelo manutenção de suas conexões, seja com sua origem, ou com outras comunidades pelo mundo.

Aqueles que estão longe de seu território, procuram de alguma maneira manter o seu elo com o território deixado ou imaginado, mas é certo que mantêm alguma ligação com outros iguais e em igual circunstância, ou segundo Cohen:

A ideia de uma diáspora, portanto, varia muito. No entanto, todas as comunidades diaspóricas estabelecidas fora de seus territórios natais (ou natais imaginários), reconheçam que "o antigo país" - uma noção frequentemente enterrada profundamente na língua, religião, costumes ou folclore - sempre tem alguma reclamação sobre sua lealdade e emoções. Essa afirmação pode ser forte ou fraca, corajosamente ou humildemente articulada em uma dada circunstância ou período

histórico, mas a adesão de um membro a uma comunidade diaspórica é demonstrada por uma aceitação de uma ligação inevitável com sua história de migração passada e um senso de co-etnia com outros de origem semelhante (COHEN, 2001, Pg 10).

É em consonância com Safran que usaremos aqui o termo já amplamente estabelecido de Diáspora Turca (Şenay, 2013), para caracterizar um grande movimento da população turca, na escala de milhões de pessoas, no início da década de sessenta, em direção a alguns países europeus, mas, em especial, para a Alemanha. No entanto, como vimos, não descartamos a noção, defendida por autores como Vertovec e Cohen, de comunidades transnacionais, dadas as características que encontraremos nessas comunidades turcas diaspóricas, que manterão e fortalecerão os seus laços originários. Portanto, neste primeiro momento, o uso do termo diáspora turca refere-se a um período de êxodo de parte da população turca, inicialmente para os países europeus, em busca de trabalho.

Conforme os dados publicados pela instituição do governo turco “Yurtdışı Türkler ve Akraba Topluluklar Başkanlığı” (Diretoria para turcos no exterior e comunidades relacionadas), ou YTB, a Turquia assinou acordos de trabalho com vários países a partir dos anos 60, em especial com a Alemanha, em 1961, e posteriormente com Áustria, Bélgica e Holanda em 64 e nos anos seguintes com a França e Austrália³¹.

Enquanto a Europa experienciava um amplo desenvolvimento econômico, as migrações internas na Turquia, a partir dos anos 1950, saturaram o mercado com mão de obra em uma economia que não era suficientemente forte e industrializada para comportá-la (Dedeoğlu & Genç, 2017), forçando a população turca a buscar uma válvula de descompressão para esse excesso, de modo que os acordos firmados com os países europeus vieram em perfeita consonância com essa necessidade turca.

Esses acordos firmados no pós-guerra (tabela 1) foram fortalecidos e incentivados na Alemanha pela política dos “trabalhadores convidados” (Gastarbeiter), promovendo uma movimentação intensa de turcos para as indústrias alemãs (QUIROZ, 2007), que mesmo enfrentando as duras rotinas de trabalho e exploração radical da mão de obra turca pelos alemães, situação denunciada por Günter Wallraff em sua icônica obra “*Cabeça de turco*”, a possibilidade de trabalho em “uma economia com enormes possibilidades de expansão” (WALLRAFF, 2004, p. 12), em uma potência capaz de fornecer um alto padrão de vida, atraiu literalmente milhões de turcos para a Alemanha.

³¹ Em <<https://www.ytb.gov.tr/yurtdisi-vatandaslar/genel-bilgi>> . Acesso em 20/01/2021.

Tabela 1: Quadro histórico dos principais acordos europeus de acolhimento de trabalhadores estrangeiros

	Country	Labor Export Agreement	Turkish Population (estm.)
	Germany	1961	3,000,000
	France	1965	440,000
	Netherlands	1964	390,000
	Belgien	1964	250,000
	United Kingdom	1959	200,000
	Austria	1964	205,000
	Switzerland	1969	120,000
	Denmark	1970	60,000
	Sweden	1967	60,000
	Norway	-	16,000
	Finland	-	10,000
	Total		4,651,000

Fonte: Turkish Diaspora in Europe & Euro-Turks Barometer Surveys, 2014

Segundo Schiffauer (2005), apesar do pico da migração de trabalho ter sido em 1968, tendo o término oficial do processo de “importação” da mão de obra turca ocorrido em 1978, os principais locais de residência dos turcos na Alemanha, até hoje, distribuídos nas principais cidades industriais do território alemão, como Berlin, Colônia, Hamburgo, Dresden, Frankfurt, entre outras, denunciam a razão de sua vinda; mão de obra nesses polos industriais (SCHIFFAUER, 2005) que, de acordo com o relatório da YTB, representaram um importante papel no desenvolvimento econômico dos países anfitriões, o que permitiu a permanência desses trabalhadores em seus países de destino.³²

No entanto, tal permanência só viria a ocorrer em larga medida após a década de 70 pois, como descrito pela YTB, durante os anos 60, os trabalhadores turcos não tinham o objetivo de permanência nos países de trabalho. A ideia era a de acúmulo de capital que seria empregado no seu retorno à Turquia, pois “tanto o governo alemão quanto os turcos, consideraram que a imigração seria temporária” (Schiffauer, 2005 p.1130). Muitos desses trabalhadores não eram das grandes cidades, mas das pequenas vilas e vilarejos agrícolas, em

³² Em <<https://www.ytb.gov.tr/yurtdisi-vatandaslar/genel-bilgi>> . Acesso em 20/01/2021.

especial da região da Anatólia. Tinham por objetivo retornar com dinheiro para a família, para casar ou abrir um negócio próprio, ou seja, levavam consigo a esperança do retorno e com ela a perspectiva de uma melhor condição de vida ou, como diz Stuart Hall; “cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor” (HALL, 2003. p. 28).

Essa primeira onda migratória era de jovens com pouca educação, que sonhavam com a possibilidade de investir algum dinheiro acumulado com o trabalho na Europa em algum negócio nas grandes cidades turcas, no entanto, por serem “desqualificados” (unskilled), tiveram um campo limitado de investimentos (motoristas de caminhão ou táxi, atividades hoteleiras ou vendas) que rapidamente se saturou, forçando aqueles que ainda residiam na Alemanha a permanecer. Essas condições somadas às crises que assolaram a Turquia no início dos anos setenta, como a crise do petróleo de 1973, ofereceu barreiras para o retorno desses trabalhadores à Turquia. (SCHIFFAUER, 2005, p. 1131-1132)

Para o autor, as perspectivas de retorno para a maior parte desses turcos se tornava cada vez mais difícil até meados dos anos noventa. Enquanto a Alemanha era vista pelos turcos como sinônimo de alienação e trabalho, a Turquia ainda era vista como *hayat* (vida) e *istikbal* (futuro), mas, à medida que a possibilidade de regresso se esvaía, as relações entre Alemanha e Turquia se tornavam mais complexas. É nesse período que se desenvolve, na visão de Schiffauer, o que ele chama de “transnacionalismo diaspórico turco”, caracterizado por uma decisão de permanência no território alemão, mas sem que se cortem os vínculos com a Turquia (SCHIFFAUER, 2005)

O fato é que desde os anos 60 os turcos já se estabeleciam nesses países, como mostra um filme publicitário de 2011 que comemora os cinquenta anos da imigração turca para a Alemanha, celebrando a data como um evento de permanência desses imigrantes que, na década de 60 deixaram a Turquia em busca de trabalho e lá constituíram família e mantiveram viva a sua cultura.³³

Foi apenas entre as décadas de 80 e 90 que, segundo o YTB, há uma melhora do processo diaspórico turco nesses países, no sentido de se “institucionalizar a diáspora”, ou seja, quando se inicia um processo de organização da população turca nesses países, criando os moldes do que viriam a ser as diversas organizações turcas intra-comunitárias, voltadas à manutenção da cultura, língua e religião e mantendo ainda fortes laços com a Turquia, em um

³³ Em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cYc1vmIxLVI&t=54s>>. Acesso em: 12/10/2020

processo que, segundo Yurtnaç, cria um “poder sutil” (YURTNAÇ, 2012), de expansão da esfera de influência da Turquia por meio de seus cidadãos diaspóricos.

Mesmo que algumas dessas organizações comunitárias, chamadas pelos turcos de *Kültür ve Yardimlasma Dernekleri* (Associações para cultura e assistência mútua) já tivessem sido criadas nos primeiros anos da imigração, orbitando ao redor dos objetivos comuns da comunidade e sendo capazes de atendê-la de diversas maneiras, inclusive no quesito de seu reforço identitário, o seu fortalecimento só foi possível, segundo Schiffauer, quando trabalhadores mais qualificados começaram a migrar para a Alemanha - processo que se dá em meados dos anos 90 (SCHIFFAUER, 2005).

Antes disso, as comunidades, formadas predominantemente por trabalhadores “desqualificados”, não tinham a capacidade de auto organização e estavam completamente submetidas às estruturas dos países hospedeiros, o que segundo Schiffauer gerava certos inconvenientes e preocupações nos residentes ou recém chegados, que viam as sociedades ocidentais como excessivamente libertárias e progressistas com relação a valores tradicionais turcos de família e religião (SCHIFFAUER, 2005).

A partir do final da década de 1990, surgiu um novo tipo de associação e algumas das já existentes ganharam novas funções (Çaglar, 2003). No contexto da crescente importância dos laços econômicos transnacionais, elas serviram como um ponto de encontro para políticos locais, pequenas e médias empresas regionais e empresários da diáspora.

Eram um terreno fértil para as redes econômicas transnacionais e para o encaminhamento das remessas enviadas ao país de origem. As atividades de caridade (...) também ganharam importância. A associação estudada por Çaglar (2003), (por exemplo), oferece bolsas de estudo para o ensino médio. (SCHIFFAUER, 2005, p. 1135 - grifo nosso)

Também o elo que cria o transnacionalismo diaspórico tornou-se mais forte com o surgimento de novas tecnologias que permitem um contato cada vez maior e constante com aqueles que permaneceram e suas famílias, como o baixo custo das viagens aéreas e a criação de mídias que, mesmo fora do país, são capazes de transmitir informação e entretenimento na língua original para centenas de milhares de diaspóricos (SCHIFFAUER, 2005). Elementos, portanto, que são capazes de fortalecer os laços que essas comunidades têm com seus lugares de origem. Esses laços se estendem intergeracionalmente, por meio da manutenção da língua,

tradições, manifestações religiosas e identitárias que, nessas populações transnacionais se fortalecem também pela criação dessas associações culturais. Em certa medida, esses meios e modelos pelos quais essas comunidades sustentam a sua identidade e reafirmam a sua presença nesses territórios respondem à pergunta de Stuart Hall de “como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?” (HALL, 2003, p. 30).

3. Características da Diáspora turca após os anos 2000 - mudança da dinâmica

A população turca no início dos anos 2000 era de 63,6³⁴ milhões de indivíduos, e 2,8 milhões de turcos viviam fora do país³⁵, o que representa cerca de 5% de turcos em diáspora - predominantemente na Europa.

No entanto, segundo os dados da YTB, a partir desse período, dificuldades de educação e emprego começaram a surgir na comunidade diaspórica europeia, somado a racismo institucional, islamofobia, discriminação e questões relacionadas a direitos e cidadania, mudando o panorama dessa diáspora e exigindo novas decisões das comunidades envolvidas³⁶.

Nos anos 2000, segundo Schiffauer, a taxa de desemprego entre a população turca na Alemanha era de 20,2%, contra os 10% da população em geral e 18% entre outros estrangeiros (SCHIFFAUER, 2005), o que indica uma dificuldade dessa população em encontrar emprego, reflexo da crise na indústria pesada alemã, na qual eram tradicionalmente empregados.

Até então, a imensa quantidade de turcos fora do país colocava a Turquia como o sétimo país que mais recebia remessas estrangeiras até o ano 2000³⁷, vindas predominantemente da Alemanha. Todavia, o aumento do quadro de desemprego alterou essa posição. Ao mesmo tempo em que o aumento da xenofobia apresentava barreiras para o ingresso de novos turcos nos países historicamente recebedores, o corte de remessas dificultava os planos daqueles que dependiam desses valores para migrar. Essa nova realidade de desemprego gerou um aumento dos “negócios étnicos” (SCHIFFAUER, 2005, pg 1132),

³⁴ Relatório Apex Brasil 2013 - Agência brasileira de promoção de exportações e investimentos: Turquia, perfil e oportunidades comerciais. pg 9.

³⁵ World Migration Report 2018. International Organization for Migration (IOM) - The UN Migration Agency.

³⁶ Disponível em: <<https://www.ytb.gov.tr/yurtdisi-vatandaslar/genel-bilgi>> Acesso em 18/11/2020.

³⁷ MPI - Migration Policy Institute - Bilateral Remittance Flows. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/bilateral-remittance-flows?width=1000&height=850&iframe=true>>. Acesso em: 20/11/2020

caracterizados por atividades que não exigiam qualificações especializadas - como os restaurantes - e os pequenos bairros turcos formados na Alemanha tendiam a utilizar-se de bens e serviços internos, formando assim uma rede de solidariedade (SCHIFFAUER, 2005).

No que concerne aos problemas de direito e cidadania enfrentados por essas comunidades, em especial na Alemanha, ressaltamos aqui a lei de cidadania alemã, criada por uma decisão imperial de 1913, que determina que a cidadania alemã só é concedida por *jus sanguinis*, ou seja, por descendência alemã direta - consanguinidade, e não por *jus solis* - local de nascimento. Portanto, na prática, os filhos e netos dos primeiros imigrantes turcos na Alemanha, na década de 60, ainda não são alemães de direito e sim turcos³⁸, e lhes é, por exemplo, vetado o direito ao voto, o que exacerba ainda mais a necessidade desses imigrantes se fortalecerem por meio de suas comunidades.

Para Dedeoğlu e Genç (2017), a manutenção, após o ápice das migrações a trabalho, do fluxo de turcos pela Europa se perpetuava em decorrência das comunidades já formadas nesses países: “entende-se que os turcos migraram para os países europeus onde a população de imigrantes turcos já era significativa, em outras palavras, eles optaram por migrar para os países europeus que já abrigavam grandes comunidades turcas” (DEDEOĞLU & GENÇ, 2017, pg 14), mas, as circunstâncias que permitiam ou facilitavam o trânsito dos turcos pelo território europeu estavam mudando, produzindo um câmbio significativo no fluxo dessa população a partir dos anos 2000, como nos diz Içduygu;

No final dos anos 2000, cinquenta anos após o início de uma extensa migração turca para Europa, pela primeira vez na história desta imigração, o número de pessoas que migravam da Turquia para a Europa era menor do que o número de pessoas, turcas ou estrangeiras, migrando da Europa ou retornando à Turquia (Içduygu, 2010b). Esta tendência de fluxos mistos entre a Europa e a Turquia e a presença de importantes comunidades de imigrantes turcos na Europa devem ser vistas dentro deste contexto de um legado dos primeiros programas de trabalhadores convidados e, adicionalmente, como resultado da globalização contemporânea. (IÇDUYGU, 2011, p. 7)

A Alemanha, país historicamente escolhido por essa população, passou por um progressivo esvaziamento de sua comunidade turca após os anos 2000, “perdendo” 165 mil turcos nos cinco anos seguintes e quase 330 mil nos próximos cinco anos, como mostra o

³⁸ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft28039808.htm>>. Acesso em: 14/11/2020.

gráfico 2. Essa perda, apesar de parecer pequena se comparada ao volume total de turcos no território alemão, que teve seu ápice nos anos 2000 com mais de um 1,6 milhões de turcos na Alemanha, corresponde a 20% de perda em dez anos e o total de turcos que deixou o território alemão em uma década é maior do que o número máximo de imigrantes turcos na França, segundo país com a maior população turca na Europa até então.

Segundo Momo (2014), um fator importante que modificou os padrões migratórios após 2010 foi a crise econômica de 2008, que gerou alto desemprego nesses países europeus, historicamente recebedores da mão de obra turca. Obviamente que, o maior índice de desemprego gerou também uma maior concorrência por postos de trabalho antes predominantemente ocupados por imigrantes, fazendo com que alemães e franceses - para considerarmos aqui os dois países europeus em destaque, começassem a enxergar essa população imigrante como concorrência direta, aumentando o grau de xenofobia dessas sociedades.

Os imigrantes estão descobrindo, segundo Sayad (1998), que o que os moveu ao seus destinos nada mais foi do que o movimento da economia capitalista e que, portanto, há uma constante adaptação não apenas de seus fluxos no mundo, mas também de como são vistos ou recebidos no mundo por conta desse mesmo fluxo do capital. A mão de obra que antes se fazia necessária, era tolerada por essas sociedades até o momento em que deixou de se fazer tão fundamental e se ressignifica pelos rumos do capital, convertendo-se em um problema de ordem política, econômica e laboral. Essas sociedades não querem mais aceitar o “outro” quando esse é concorrência para o “eu” (SAYAD, 1998). Esse confronto de interesses gerados pelo capital, mais especificamente aqui pela crise de 2008, resulta nas reações xenofóbicas contra os imigrantes que podem ser tanto individuais, na forma de ataques diretos aos seus sujeitos, quanto estatais, que se valem de modelos formais do Estado para a exclusão, expulsão ou não aceitação dos imigrantes.

Gráfico 2: Estoque de imigrantes turcos na Alemanha entre 1990 e 2019

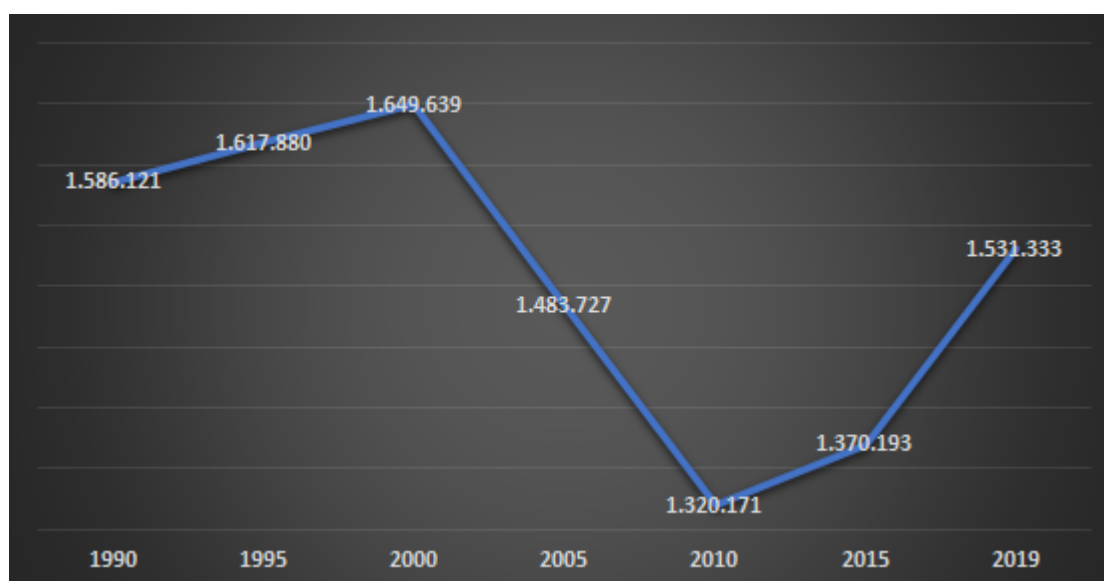


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados do MPI - Migration Policy Institute

Enquanto Alemanha e França lideraram como destino histórico dos turcos não apenas na Europa como no mundo, a soma dos fenômenos já citados contribuiu para a mudança do eixo migratório, como podemos ver na figura tabela 2; entre 2000 e 2015 houve uma diminuição de 3% no estoque europeu de imigrantes turcos enquanto, no mesmo período comparado, houve um aumento de 353% de imigrantes turcos na América do Norte, colocando os EUA como o segundo país com a maior população turca fora da Turquia, posto que tinha sido ocupado pela França nas últimas décadas (gráfico 3).

Tabela 2: Tabela comparativa de estoque de imigrantes turcos por macrorregião: 1990 a 2015

REGIÃO	1990	1995	2000	2005	2010	2015	2000 X 2015
África	3.817	3.307	3.052	3.503	4.109	4.994	64%
Ásia	83.256	109.640	118.367	125.886	153.185	157.457	33%
Europa	2.448.405	2.540.146	2.635.324	2.469.292	2.396.501	2.550.736	-3%
América Latina e Caribe	4.504	3.768	3.057	2.611	2.203	2.592	-15%
América do Norte	66.805	82.143	98.033	111.210	127.577	443.726	353%
Oceania	33.246	32.718	34.060	37.460	39.810	39.710	17%

Tabela elaborada pelo autor segundo dados do MPI - Migration Policy Institute

Gráfico 3: Imigração turca para os EUA e França: 1990 a 2019

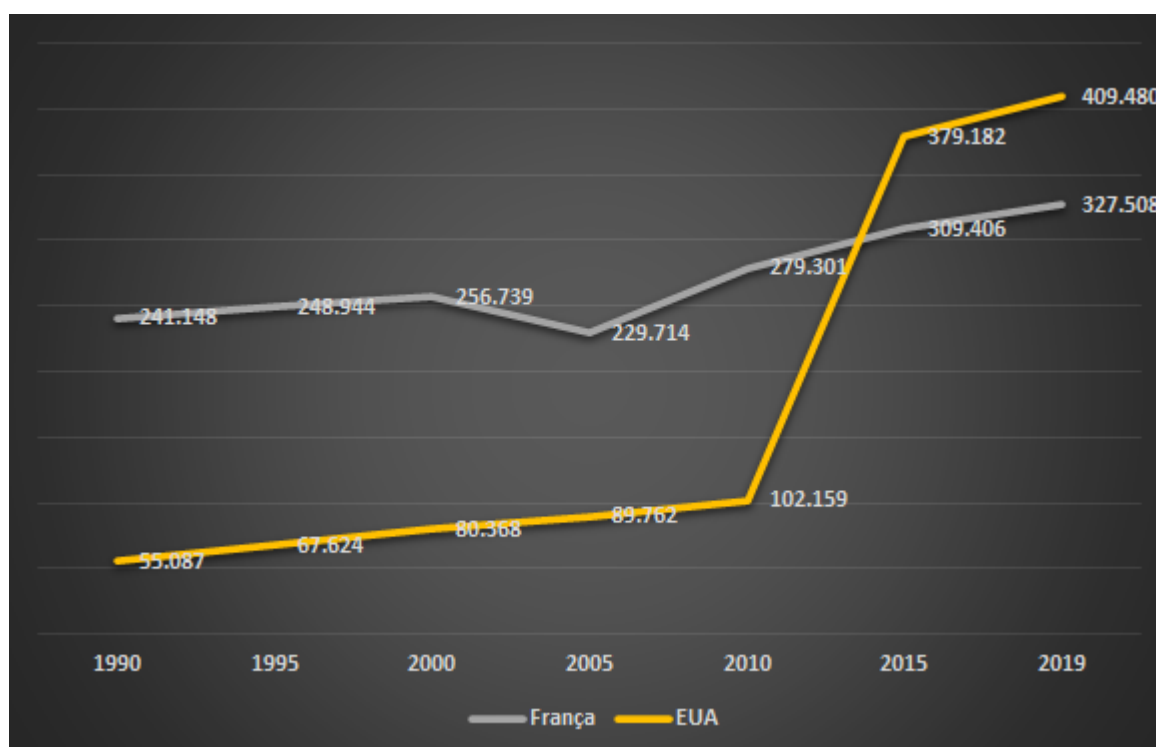


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do MPI - Migration Policy Institute

Após os anos 2000, os constantes esforços da Turquia em ingressar na União Europeia foram transpassados também pela necessidade de livre circulação dos seus cidadãos pelo território europeu, tendo-se em conta as relações migratórias históricas e as diversas comunidades formadas por milhões de turcos dispersos pela Europa. No entanto, tanto os esforços de ingresso na União Europeia quanto as negociações paralelas que envolviam o relaxamento das regras para obtenção de vistos de circulação, trabalho e estudo, foram em sua maior parte fracassadas.

Ainda que “muitos imigrantes turcos e suas famílias tornaram-se elementos permanentes das sociedades europeias e foram objeto de debates sobre as dificuldades de integração, cidadania, aculturação, multiculturalismo e, mais recentemente, radicalismo islâmico”(DEDEOĞLU & GENÇ, 2017, pg 13), permanece um sentimento na Europa, mobilizado pela islamofobia e xenofobia, que propaga o medo de que caso a Turquia entre para a União Europeia, ou mesmo que se liberem os vistos de ingresso dos turcos na UE, haja uma segunda onda migratória turca nesse território. Ademais, alguns países veem a extensa onda de refugiados que ingressam na UE por meio do território turco como um exemplo de descontrole da Turquia com relação às suas próprias fronteiras (DEDEOĞLU & GENÇ, 2017).

Desde o início dos anos 2000, há processos mais rigorosos para a concessão de vistos de ingresso na UE para cidadãos de países terceiros. Alguns países, como o caso da Turquia, que são zonas de trânsito migratório ilegal, devem se comprometer a controlar as suas fronteiras, tornando-as impermeáveis aos ilegais, para que tenham seus vistos concedidos sem maiores transtornos (Dedeoğlu & Genç, 2017). No entanto, como vimos, a Turquia não consegue cumprir com essa diretriz da UE o que dificulta ainda mais a aquisição de um visto:

Todos os anos, centenas de milhares de turcos solicitam vistos aos consulados da UE e esperam longas horas na frente dos consulados e suas agências intermediárias (European Stability Initiative 2016). Eles gastam tempo e enormes somas de dinheiro meramente para serem avaliadas para viagens à UE. Para muitos solicitantes, cerca da metade deles, são concedidos vistos de entrada única válidos apenas por alguns dias, enquanto mais de 30.000 inscrições são rejeitadas todos os anos. (Dedeoğlu & Genç, 2017, pg 5)

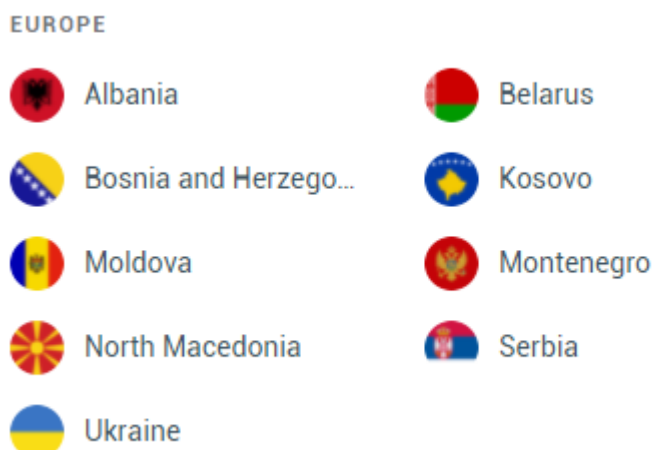
Soma-se a isso a barreira do alto custo do passaporte turco, em decorrência de uma alta demanda histórica, que o figurou entre um dos mais caros do mundo para a sua emissão. Esses valores foram reduzidos a partir de 2010, justamente quando se dá novamente um aumento da saída de turcos para países da UE, no entanto, não podemos justificar tal aumento da circulação de turcos unicamente pela variável da redução de custo do passaporte, mas é possível que esse seja também um dos fatores desse aumento. Mesmo com a redução de custos, o passaporte turco ainda segue sendo um dos mais caros para emissão, com taxas atuais de 1.265 Liras Turcas ou aproximadamente 180 dólares (2020 Yılı Pasaport Ücretleri)³⁹.

Todos esses fatores, somados aos acordos que limitaram a emissão de vistos para os cidadãos turcos no começo dos anos 2000 se converteram em fortes barreiras para a movimentação turca pela UE.

Segundo fontes de “jornais europeus e turcos (...) o acordo do visto entre UE e Turquia está à beira do colapso.” (Dedeoğlu & Genç, 2017, p. 7). A Tabela 3 mostra que, atualmente, apenas nove países da Europa isentam os turcos de visto, no entanto, nenhum desses países teve qualquer relação histórica expressiva com a Turquia no que concerne às migrações e tão pouco figuram entre as economias pujantes do continente.

³⁹ Em: <<https://www.gezipedia.net/827-2019-yili-pasaport-ucretleri.html>>. Acesso em 18/02/2021

Tabela 3: Os países europeus que não exigem visto para os turcos



fonte: <https://www.henleyglobal.com/passport-index>

A dificuldade de entrada nos países que historicamente os receberam influenciou a direção desses fluxos migratórios, obrigando os turcos a darem seguimento à sua diáspora por meio da imigração a outros países, fora desse eixo histórico. É então, a partir dos anos 2000, que veremos a chegada de turcos a regiões e países antes não tradicionalmente ocupados por eles. Ressaltamos aqui não apenas os EUA (gráfico 4), Canadá e Austrália como também alguns países africanos, em especial a África do Sul, mas também países sul americanos, como Argentina, Chile e Brasil, como podemos ver pelos dados do MPI (Migration Policy Institute), que mostram a dispersão da população turca pelo mundo no ano de 2019 (gráfico 5), onde é possível constatar não apenas o acúmulo de turcos pelo território europeu como também o surgimento de pequenos focos diaspóricos na América do Sul e África.

Ressaltamos aqui a maior facilidade de entrada nesses países, como podemos ver pela tabela 4; enquanto apenas nove países da Europa não exigem o visto de entrada para os turcos, esse número aumenta para dezoito na América do Sul, incluindo as principais e emergentes economias do continente. Segundo o relato de um dos entrevistados: “Quem pôde foi para o Canadá, EUA e países europeus e quem não conseguiu veio para o Brasil”.

Tabela 4: Os países da América Latina que não exigem visto de entrada para os turcos

AMERICAS

 Argentina	 Belize
 Bolívia	 Brasil
 Chile	 Colômbia
 Costa Rica	 Equador
 El Salvador	 Guatemala
 Honduras	 México **
 Nicarágua	 Panamá
 Paraguai	 Peru
 Uruguai	 Venezuela

fonte: <https://www.henleyglobal.com/passport-index>

Gráfico 4: Os cinco países que mais concentram imigrantes turcos em 2019

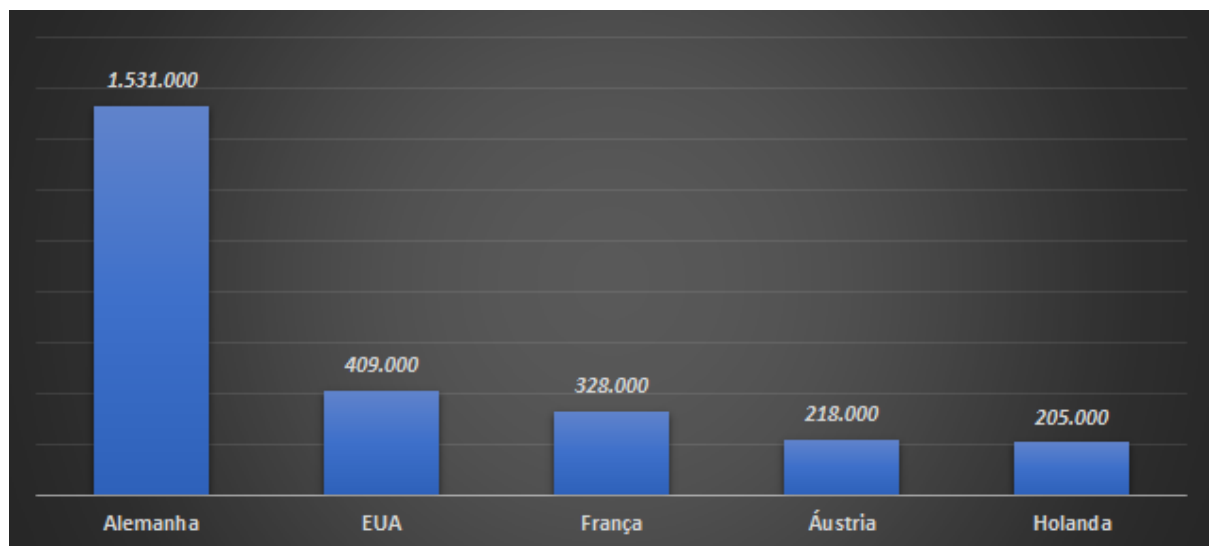
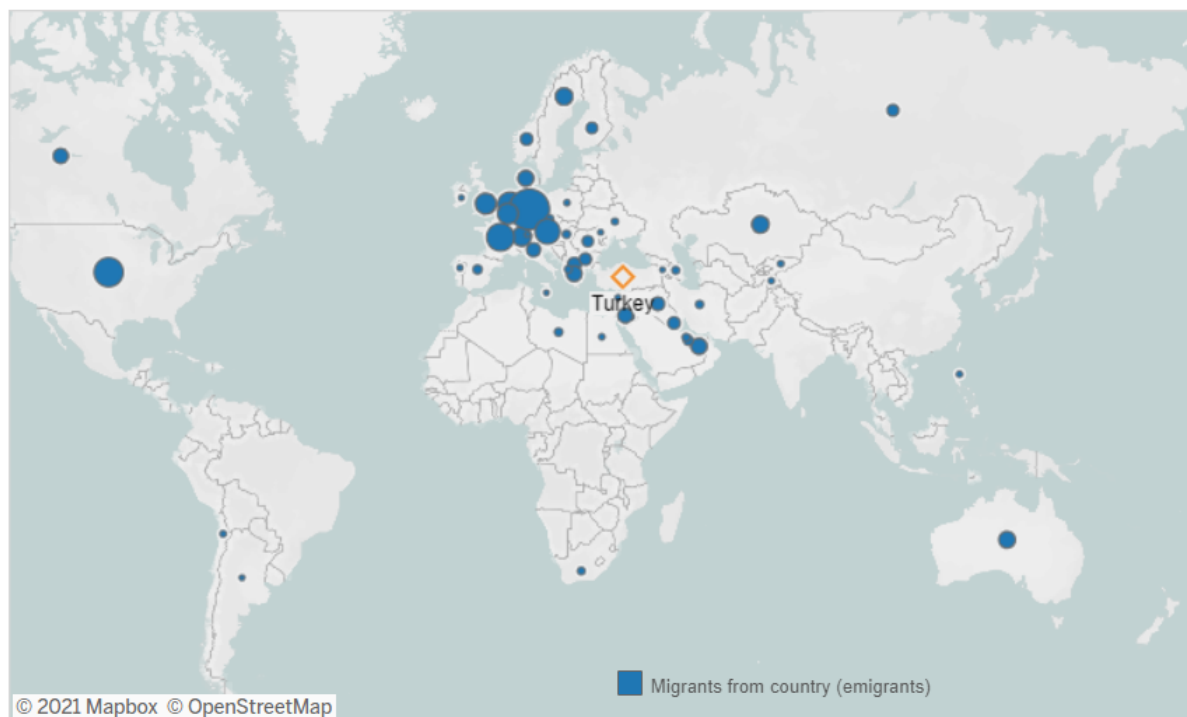


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados do MPI - Migration Policy Institut

Gráfico 5: Dispersão turca pelo mundo: 2019

Immigrant and Emigrant Populations by Country of Origin and Destination, mid-2019
Estimates



Fonte: MPI - Migration Policy Institute⁴⁰

Outra mudança significativa é que a ida para novos países envolve a chegada em territórios ainda não explorados pela comunidade e, portanto, onde não há o apoio histórico de comunidades locais - como aquelas que existem na Alemanha e França, que auxiliem esses novos imigrantes com informações, estadia, custos, aprendizado da língua, trabalho, etc. Veremos então como aqueles que chegam a esses novos destinos já são mobilizados para a criação desses espaços, para a obtenção de informações e facilitação da criação de uma rede migratória, como é o caso, em especial, dos EUA, Argentina e Brasil.

Mesmo com todas as dificuldades que vimos para o ingresso dos turcos nos países da UE e que mudaram o cenário da diáspora turca pelo mundo, podemos ver no Gráfico 6 que a Europa ainda é residência e destino para uma grande parcela dessa população, e que a Alemanha segue "*hors concours*" como o principal destino dos turcos no mundo (gráfico 7), representando sozinha a residência de 44% do total de turcos fora de seu país. Para Schiffauer (2015), esse é um quadro que tende a permanecer, não apenas pela proximidade territorial como também por conta das facilidades migratórias criadas nos últimos cinquenta anos de

⁴⁰ Em:

<<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/immigrant-and-emigrant-populations-country-origin-and-destination?width=1000&height=850&iframe=true>> Acesso em: 15/01/2021.

imigração turca por esse território; como parentes, amigos e conhecidos vivendo nesses países, instituições culturais e religiosas que os abrigam e dão apoio, ou seja, toda uma rede migratória já historicamente consolidada.

Gráfico 6: A diáspora turca atualmente: Europa 2019



Fonte: MPI - Migration Policy Institute⁴¹

⁴¹ Em:

<<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/immigrant-and-emigrant-populations-country-origin-and-destination?width=1000&height=850&iframe=true>> Acesso em: 15/01/2021

Gráfico 7: Relação percentual do estoque de imigrantes turcos em 2019: Os cinco principais destinos no mundo, os cinco principais destinos na Europa e Alemanha

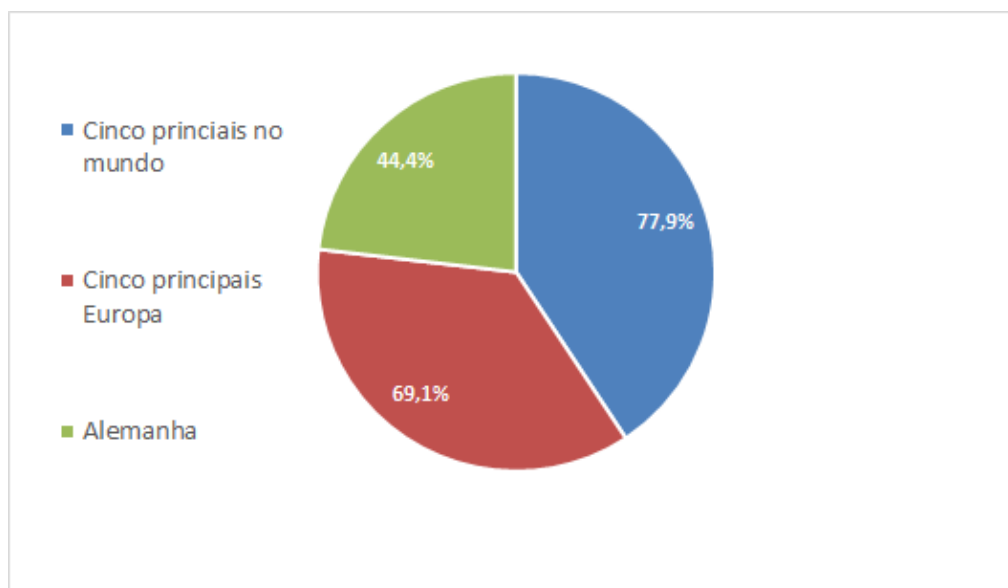


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados da United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, International migration, International migration Stock 2019.

É importante ressaltar que, apesar do destino diaspórico ter sido alterado nas últimas duas décadas, colocando no mapa da migração regiões e países antes não explorados pelos turcos, o estoque dessa população em regiões como América Latina ainda é quase inexpressivo, como podemos ver pelo número total de turcos por continente no ano de 2019, apresentado no Gráfico 8.

Três principais fatores nos foram apresentados como gatilhos para a escolha do destino pelos turcos; países economicamente sólidos, que possibilitam a entrada no mercado de trabalho (WALLRAFF, 2004; SCHIFFAUER, 2005) a proximidade geográfica com a Turquia (SCHIFFAUER, 2005) e por fim países que já possuem uma rede migratória consolidada (DEDEOĞLU; GENÇ, 2017), que é facilitadora do ingresso e permanência.

Se considerarmos esses três fatores, tanto de forma isolada quanto em conjunto, é notável que, ao escolher seus destinos após os entraves migratórios dos anos 2000, os turcos tenham optado pelos EUA, com sua economia forte e amplo campo de trabalho, e por regiões mais próximas como Ásia e África, que superam em muito o estoque de imigrantes turcos se comparadas à América Latina e Caribe, mas que os países escolhidos nesses últimos territórios tenham sido o Chile, Argentina e Brasil, com suas economias em desenvolvimento (gráfico 9).

Gráfico 8: Imigrantes turcos por continente em 2019

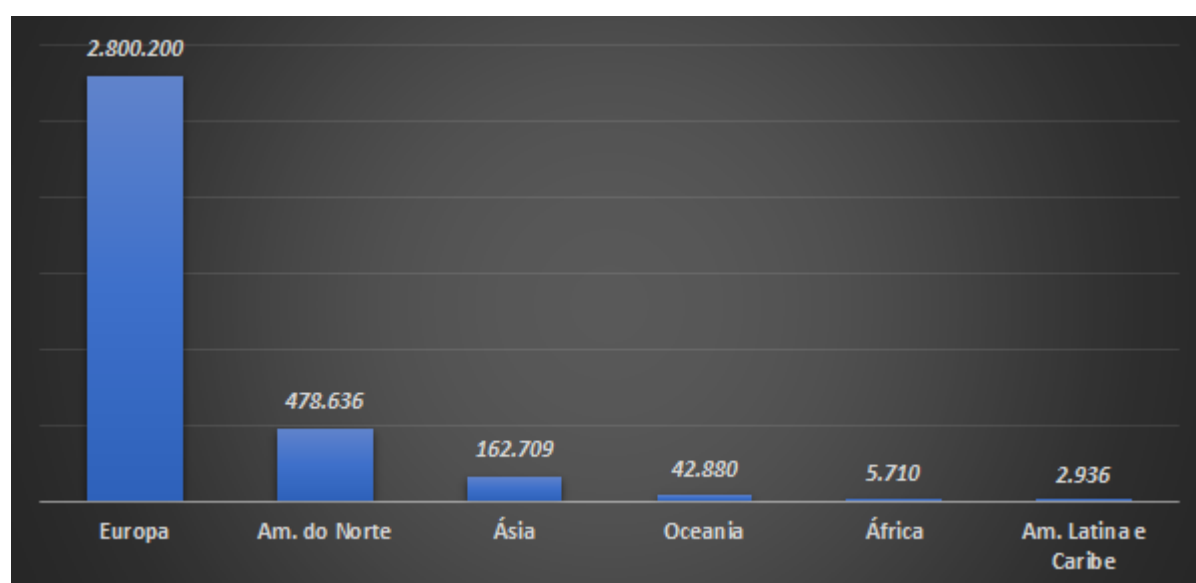


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados da United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, International migration, International migration Stock 2019⁴²

Gráfico 9: Imigrantes turcos na América Latina e Caribe em 2019 - Cinco principais países

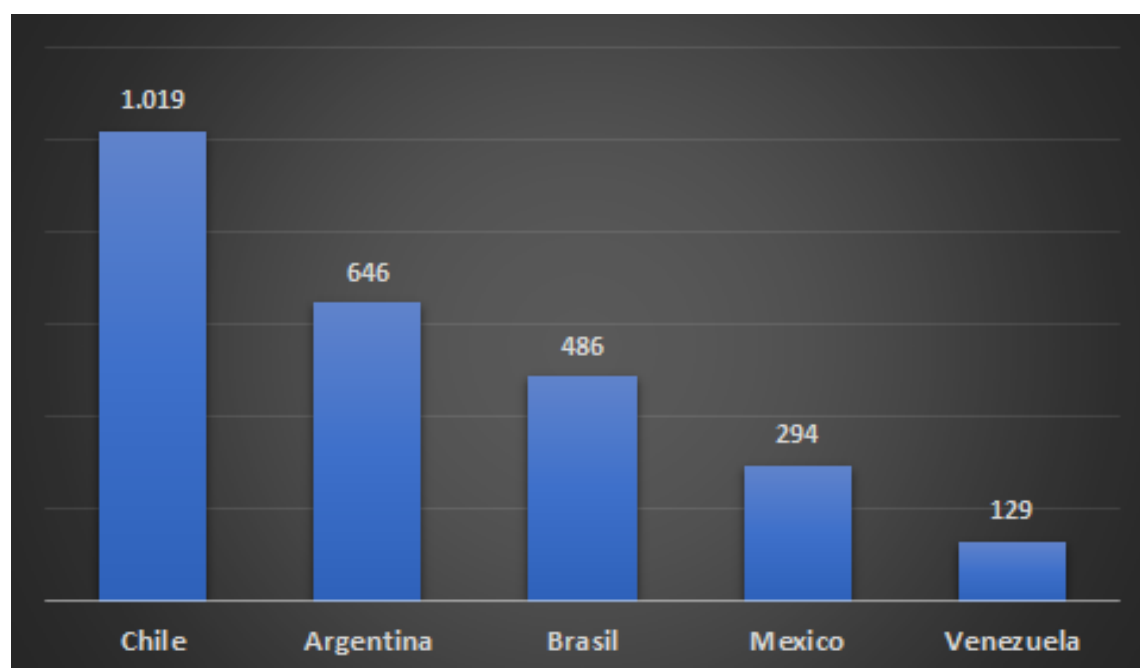


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados da United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division, International migration, International migration Stock 2019⁴³

⁴² Em: <<https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>>. Acesso em 23/11/2020.

⁴³ Em: <<https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates19.asp>>. Acesso em 23/11/2020.

Vimos, então, que a diáspora turca teve seu início nos anos 1960 com a saída de milhões de turcos beneficiados pelos acordos de trabalho dos países europeus, em especial para a Alemanha. Esses turcos que lá permaneceram solidificaram uma rede migratória e de solidariedade para aqueles que, décadas depois, ainda migravam para esses países em busca de trabalho mas que, nas últimas duas décadas, foi impactada por razões políticas que dificultaram a entrada, permanência e circulação dos turcos pelos territórios da UE. As mudanças no eixo dessas movimentações colocou os EUA como o segundo país mais ocupado pelos turcos, mas também abriu caminho para a chegada de turcos em países, até então, não explorados pela comunidade, como é o caso do Brasil.

A experiência dessas comunidades turcas pelo mundo permitiu a criação de modelos de organização social e comunitárias, como centros culturais, educacionais e religiosos que servirão de base para aqueles turcos que ocuparão os novos territórios após a “crise” dos anos 2000.

4. Uma novíssima história da imigração turca no Brasil: A falsa descoberta da América pelos turcos

Em 1991, o grande escritor brasileiro Jorge Amado escreveu o que, nas palavras do autor, era um “romancinho” chamado “*A descoberta da América pelos turcos*”.

No livro de Jorge Amado, ambos personagens não são turcos; Ramil Bichara é sírio e Raduan Murad é libanês, o que já nos diz muito sobre o uso comum e corrente do gentílico “turco” no português brasileiro que, há mais de um século, nomeia genericamente como turcos as distintas etnias vindas da região do Médio Oriente, tais como armênios, sírios e libaneses. Jorge Amado brincou justamente com essa ideia ao escrever seu maravilhoso “romancinho” que, curiosamente, teve a edição em língua turca publicada um ano antes da primeira edição em língua portuguesa e que, segundo o autor; “a edição turca, publicada no começo de 1993, é linda; quanto à tradução, eu considero perfeita: as traduções perfeitas são aquelas em línguas que o autor não pode ler.”(AMADO, 1994, p. 11).

O autor deixa claro o erro histórico que enxertou no nosso vocabulário uma interpretação errônea sobre a imigração turca que, em larga medida, se perpetua até os dias atuais, quando diz que “a acreditar-se nos historiadores ibéricos, sejam espanhóis sejam portugueses, a descoberta das Américas pelos turcos, que não são turcos coisíssima nenhuma,

são árabes de boa cepa” (AMADO, 1994, p. 13), e não apenas árabes, como dito acima, mas distintas etnias foram agrupadas pelo gentílico, pois “os primeiros a chegar do Oriente Médio traziam papéis do Império Otomano, motivo por que até nos dias atuais são rotulados de turcos, a boa nação turca, uma das muitas que amalgamadas compuseram e compõem a nação brasileira” (AMADO, 1994, p.14).

O fenômeno que o autor descreve refere-se à dissolução do Império Turco Otomano, um grande e poderoso império que tem o seu ápice a partir da tomada de Constantinopla em 1453 pelos turcos, liderados por Maomé II, que convertem a cidade em sua nova capital e a renomeiam como Istanbul⁴⁴, e tem o seu declínio e gradual enfraquecimento entre os anos de 1908 a 1922, mas os fenômenos que levaram ao ocaso do Império já se manifestavam em uma série de conflitos e problemas administrativos desde o final do século XIX (STONE, 2012).

O fim do Império Turco Otomano desencadeou na criação de uma série de novos países independentes. Por volta de 40 novos países se formaram com a dissolução. Esse fenômeno tem um alto impacto nas populações dessas regiões, anteriormente submetidas ao domínio turco e ao jugo de Istanbul, gerando uma forte onda de violência e perseguição étnicas, fortalecidas por um novo sentimento nacionalista turco que serviu de base para a perseguição dos ocupantes não turcos do território e que desencadearia, segundo Gingeras, em uma agenda de “deportações em massa, execuções, privações econômicas e de direitos” (GINGERAS, 2009. p. 19), gerando um aumento exponencial do número de pessoas que fugiram dessas condições buscando, principalmente, os países ocidentais como refúgio.

“O colapso otomano nos Balcãs trazia um presságio de um colapso generalizado” (STONE, 2012, pg 192), o que de fato ocorreu. Após o Tratado de Lausanne, que marca o definitivo fim do Império Turco Otomano, as fronteiras da atual Turquia foram estabelecidas, apesar de terem sido ampliadas em 1939, com a entrega por parte dos franceses da região de Antalya, que anteriormente pertencia à colônia francesa síria (STONE, 2012). A soma dessas ocorrências produziu, segundo Stone, “uma troca de população: quase meio milhão de muçulmanos, alguns deles de língua grega (...), cerca de um milhão de gregos, muitos de língua turca” (STONE, 2012, p. 208) saíram do território do antigo Império, fugindo das perseguições e privações. Esses fenômenos desencadearam um enorme retrocesso econômico tanto na recém declarada República Turca⁴⁵ (STONE, 2012), quanto nas regiões antes

⁴⁴ Optou-se aqui em usar a grafia turca do nome da cidade; Istanbul.

⁴⁵ Fundada em 29 de Outubro de 1923.

pertencentes ao Império, que agora começavam a cair sob o domínio europeu, gerando grandes movimentações humanas após a sua dissolução.

Tanto durante os anos de decadência do Império, que se arrastou por 14 anos, e por algum tempo após a sua caída, aqueles que buscavam por novas oportunidades em outros países seguiram se deslocando apresentando os “papéis do império”, como os chama Jorge Amado, ou seja, passaportes emitidos em Istanbul, a antiga capital do Império Turco Otomano.

Foram justamente esses não-turcos que, munidos com seus “papéis do império” (imagem 2) e dispersos pelas insalubres condições políticas do período, vieram dar nas costas brasileiras em busca de oportunidades - vieram “descobrir a América”, no entanto, como disse Jorge Amado; “turcos - dizia-se turcos, eram árabes, sírios e libaneses” (AMADO, 1994, p.14) e deste erro histórico, convencionou-se, no Brasil, a chamar de turcos todos aqueles que chegavam apresentando passaportes emitidos na Turquia, no entanto, eram de muitas e distintas nacionalidades, em especial libaneses, sírios e armênios, ou seja, todos etnicamente muito distintos dos turcos.

A decisão de migrar para a América, em especial para o Brasil, país quase que completamente desconhecido para a população do antigo Império Otomano foi, segundo Ustan, influenciada por uma propaganda, que tinha por objetivo a importação de mão de obra da região (USTAN, 2016). Segundo o autor:

A percepção de que existiam muitas riquezas na América era aumentada com visitas oficiais, como a do imperador brasileiro Pedro II (1877-1878), que em seus discursos convidou os povos orientais a conhecer e trabalhar no Novo Mundo. Não se pode esquecer que ele fez uma peregrinação pela Palestina, mas também percorreu muitas cidades da Síria. Associado a isso soma-se o burburinho provocado por uma feira norte-americana que abriu no Líbano, que gerou muitas expectativas (USTAN, 2016, p. 357)

Imagem 2: Exemplo de um passaporte otomano, emitido em 1914 para um judeu russo



Fonte da imagem: Wikipedia.org⁴⁶

A Tabela 5 mostra como esses imigrantes foram registrados pelo governo brasileiro e como, a medida que o antigo Império Otomano se aproximou dos seus momentos finais, o fluxo dos “turcos” que chegavam ao Brasil aumentou progressivamente:

46 Em:

<[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/1914 Turkish Ottoman passport issued at Jaffa.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/14/1914_Turkish_Ottoman_passport_issued_at_Jaffa.jpg)>

Tabela 5: Imigração por nacionalidade entre os anos de 1884 a 1933

estatísticas do povoamento » imigração por nacionalidade (1884/1933)					
Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

Fonte IBGE 2020⁴⁷

Cabe notar que Choairy (2013) nos alerta com relação à má conotação que tinham os chamados “turcos”, que eram associados, no final do século XIX, a trabalhos pouco produtivos, como o trabalho de mascate, em contrário ao trabalho fabril ou agrícola, que era extremamente valorizado na época como um modelo de produtividade e utilidade social. Portanto, a pequena atividade comercial, perambulante, que normalmente exerciam esses “turcos”, confrontava uma moral da época que preconizava que o bom cidadão, honesto e decente, deveria ser o sujeito trabalhador, que exercia, predominantemente, atividades no campo ou na fábrica.

Diante desse quadro de valorização do trabalho como mundo da ordem, todos aqueles que não seguiam os tipos de trabalho preconizados eram considerados ociosos e, por consequência, desordeiros, já que estavam a mercê do roubo, furto e de cometer delitos, em geral (CHOAIRY, 2013, p. 43)

A atividade de mascate não era bem vista pela elite da época, pois não produzia e nem gerava impostos e, desse modo, os sírios e libanes, então chamados “turcos”, foram considerados como “indivíduos ociosos e desordeiros” (CHOAIRY, 2013, p. 43), como é demonstrado no trecho abaixo, que nos traz Choairy e que foi extraído do jornal Gazeta de Piracicaba, do ano de 1887:

⁴⁷Em:

<<https://brasil500anos.ibge.gov.br/estatisticas-do-povoamento/imigracao-por-nacionalidade-1884-1933.html>>. Acesso em: 20/06/2020.

Chamo a atenção de quem competir para o procedimento pouco regular dos *turcos* que ultimamente têm infestado a cidade, penetrando em todas as casas, mesmo sem o consentimento de seus donos e sob o pretexto de impingirem as suas bugigangas.

Ora haverá, cousa mais desaforada que ser uma casa de família assim desrespeitada por esses marmanjos e mulheres sem ocupação séria?⁴⁸
(CHOAIRY, 2013, p. 43, grifo nosso)

Choiry demonstra como o uso do termo turco nessa época tinha um caráter pejorativo e desmoralizante, que vai acompanhar o uso desse gentílico por um longo período;

Além disso, os “turcos”, como são chamados os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, são comparados a pragas, que infestam e espalham doenças, sendo, portanto, considerados indivíduos inferiores, sem a moral do trabalho preconizado. As doenças nesse caso são as degenerações morais, já que tais indivíduos de costumes distintos se sujeitam a um exercício como meio de sobrevivência, visto com desconfiança e preconceito. O termo turco, como verificado na notícia, foi usado de modo pejorativo para caracterizar os “maus costumes” e a degeneração moral desses imigrantes. (CHOAIRY, 2013, p. 44)

Segundo Truzzi, o uso do gentílico turco como referência genérica aos árabes e sírios não é exclusividade do Brasil, mas também na Argentina e em outros países sul americanos que receberam esses imigrantes (TRUZZI, 2009) oriundos do antigo Império.

São comuns as idéias e estereótipos que relacionam os “turcos” aos negócios, como em um vídeo, consultado na pesquisa, que tenta responder o motivo pelo qual “os turcos são tão bons comerciantes”⁴⁹. O autor do vídeo em questão tenta demonstrar as razões pelas quais os chamados “turcos” teriam essa faceta comercial mais desenvolvida, no entanto, apenas generaliza os povos árabes do Brasil sob o gentílico “turco”, dizendo coisas como “muito provavelmente, quando você vai ao mercado da sua cidade (...) sempre tem aquela ideia de

⁴⁸ Periódico Gazeta de Piracicaba, 31/08/1887.

⁴⁹ Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UxeVpnT2gXg>>. Acesso em 04/10/2020

que o turco sabe fazer negócio, que ele é o rei dos negócios, que ele é o dono das vendas, das tendas, que ele é o dono de todas as lojas.”⁵⁰

A imagem 3, por exemplo, nos mostra a propaganda de uma loja chamada “Ao cachimbo turco”, que fez muito sucesso na cidade de São João del Rei, e onde hoje funciona um centro cultural que leva o mesmo nome. No entanto, apesar do nome, a loja foi fundada em 1888, por Armando Bittar, que era de origem libanesa.

Imagem 3: Loja inaugurada em 1888 em São João Del Rei, MG



Fonte: <https://saojoaodelreitransparente.com.br/organizations/view/112>.

Esse engano foi alimentado popular e midiaticamente, garantindo a sua perpetuação até os dias de hoje; de maneira que não se estranha que uma das questões mais buscadas no Google sobre a palavra “turco” seja: “quem é turco, nasce onde?”.

Trespasa o processo de identidade étnica e cultural de um turco no Brasil ser corriqueiramente confundido com árabes ou sírios e, por isso, cabe-nos agora tentar responder com maior precisão à pergunta frequente dos usuários do Google, que por mais

⁵⁰ Em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UxeVpnT2gXg>>. Acesso em 04/10/2020.

óbvia que nos pareça, ainda causa dúvidas em alguns quando se afirma que, a imigração turca no Brasil é muito mais recente do que nos diz o senso comum.

5. A verdadeira descoberta da América pelos turcos

“Educação é a língua comum mais efetiva para se relacionar com os outros. Nós estamos dando o nosso melhor para isso; nós não temos outras intenções”

Fethullah Gülen

Para Bauman, uma comunidade é um espaço que nos conforta, nos acalenta, no qual nos sentimos seguros. Um espaço no qual podemos dividir com outros, com os quais compartilhamos certas semelhanças, nossas inseguranças, incertezas e, por isso, um espaço repleto de pessoas com as quais podemos contar (BAUMAN, 2003). Segundo o autor, “na comunidade podemos relaxar - estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (...) e nunca somos estranhos entre nós” (BAUMAN, 2003, p.7-8).

A noção de comunidade aqui apresentada por Bauman nos é muito cara, pois reflete muito os ideais que moveram centenas de turcos a vir para o Brasil e criar aqui algo que podemos efetivamente chamar de “comunidade turca”, inspirados pelos ideais do Movimento Hizmet e de seu fundador, Fethullah Gülen e portanto, para entendermos os ideais que trouxeram os “primeiros” turcos ao nosso país é de suma importância apresentarmos aqui este personagem.

6. O personagem Fethullah Gülen

Em seu livro sobre Fethullah Gülen, Jon Pahl questiona como contar a história de um homem que é “celebrado por alguns como santo e difamado por outros como um terrorista?” (PAHL, 2019, p. 1) e “como pôde um jovem garoto muçulmano, nascido em um pequeno e remoto vilarejo turco vir a inspirar um movimento global de milhões de indivíduos dedicados à alfabetização, empreendimento social e diálogo interreligioso” (PAHL, 2019, p. 4).

De fato essas perguntas traduzem toda a complexidade do personagem Fethullah Gülen e a dificuldade de resumir, em poucas páginas, a sua vida e a importância para uma grande parcela da população turca. No que diz respeito às nossas questões, Gülen se insere como idealizador de um movimento que mobilizou milhares de turcos a saírem da Turquia

em direção a outros países, em todos os continentes, com o objetivo de espalhar os seus ideais pelo mundo. Atualmente o seu pensamento é responsável pela presença de turcos em mais de 100 países, incluindo o Brasil, de modo que não podemos entender a chegada dos turcos a São Paulo, no começo dos anos 2000, desconectada dos ideais humanitários e educativos de Fethullah Gülen, o fundador do Movimento Hizmet.

Nascido na cidade de Erzurum, na Turquia, em 1938, Gülen vem de uma família humilde, mas que conseguiu dar ao jovem uma boa educação em “instituições modernas e tradicionais”(GÖKTEPE, 2016, p. 4), que rendeu a Gülen um amplo conhecimento da espiritualidade islâmica e humanista, mas consciente dos limites da educação islâmica, Gülen ampliou os seus estudos também nas ciências seculares.

Dentre as influências do jovem Gülen estava o intelectual e reformador islâmico curdo Said Nursi, que pregava um islã modernizado (PAHL, 2019) e a ideia de que as ciências seculares, em especial a lógica e a matemática, vinham auxiliar a fé revelada e não confrontá-la. Essa referência intelectual o acompanhará para o resto de sua vida, formando a complexidade do seu pensamento que, à primeira vista, pode parecer paradoxal aos olhos “ocidentais” incapazes de conceber um líder islâmico que movimenta a sua vida para a criação de escolas, com o principal objetivo de ensinar ciências e tolerância e não religião.

Gülen iniciou a sua vida pública como imã⁵¹ e pregador na cidade de Edirne e, após uma série de palestras de sucesso, foi promovido a diretor de um colégio interno na cidade de Izmir. “O trabalho em Izmir foi um divisor de águas na carreira de Gülen, uma vez que a cidade seria o berço do movimento que se cristalizou em torno de seu discurso e ativismo” (GÖKTEPE, 2016, p. 6) e que viria a ser o Movimento Hizmet, do qual trataremos com mais detalhes em seguida.

Nos seus discursos, “diferenciados pela profundidade do conhecimento, sensibilidade e eloquência”, (GÖKTEPE, 2016, p. 6) ele buscava um ativismo politicamente neutro, muito voltado aos jovens, então polarizados por questões internas da política turca. Seus discursos se tornaram tão populares que começaram a ser gravados e reproduzidos, aumentando ainda mais a sua popularidade e seu alcance, de maneira que, aos trinta anos, Gülen já era nacionalmente reconhecido (GÖKTEPE, 2016).

Gülen escreveu mais de oitenta livros, sendo muitos deles traduzidos para mais de trinta idiomas, e foi considerado, no ano de 2008, como um dos intelectuais mais influentes do mundo (CARROLL, 2018). Esses números refletem o poder, a complexidade e a

⁵¹ Guia espiritual islâmico que orienta as preces na mesquita.

profundidade de suas ideias; no entanto, segundo John Pahl, os cinco principais elementos que conduziram a vida de Fethullah Gülen, e portanto formadores de seu pensamento, e que servirão de inspiração para a fundação do Movimento Hizmet podem ser resumidos da seguinte forma:

1. integridade de participação das *práticas de não violência* do islam;
2. *princípio do pluralismo* - manifesto no comprometimento com o diálogo;
3. *Empatia engajada*, ou seja, um sentimento profundo pelo sofrimento do mundo e a boa vontade de se envolver para o alívio desse sofrimento;
4. Um comprometimento para a *alfabetização* espiritual e científica;
5. Um modelo organizacional de *empreendimento social*.⁵² (PAHL, 2019, p. 121)

De acordo com a pesquisadora Jill Carroll, há um contato muito grande entre os princípios do pensamento de Gülen e uma filosofia secular ocidental, derivado inclusive da própria formação do pensador turco, que não dispensou o estudo dos textos ocidentais, mas todo o contrário, adotou-os como apoio aos textos sagrados e interpretativos do islã, o que dilui as contradições possíveis entre o tradicionalismo islâmico e as posturas reformistas e modernizantes de Gülen. Para a autora, a aproximação do pensamento gülenista com o princípio do Imperativo Categórica kantiano figura como um excelente exemplo de como se processa, dentro de sua filosofia, a noção de Serviço (Hizmet, em turco), que dará nome ao movimento inspirado por Fethullah Gülen;

Assim, ao passo que Kant defende o valor inerente dos seres humanos com base na condição destes como agentes racionais, por meio da qual a lei moral vem a ser praticada no mundo, Gülen defende o valor dos seres humanos com base na posição destes como único agente por meio do qual o livro da criação de Deus pode ser conhecido (...). Em ambos os casos, os seres humanos, como indivíduos e grupos, são indispensáveis para os constituintes fundamentais da existência, por um lado a moralidade por meio da racionalidade humana, por outro lado todo conhecimento, sabedoria e amor (...). Além disso, Gülen, assim como Kant, toma o valor e a dignidade humana como base para definir comportamentos legítimos e ilegítimos para com as pessoas na sociedade, embora Fethullah Gülen baseia seus argumentos no Alcorão, não apenas na razão, ao contrário de Kant. Em um trabalho sobre os Direitos Humanos no Islã, Gülen argumenta que o Islã tem a mais elevada concepção dos Direitos Humanos universais, não superada por qualquer outra religião, sistema

⁵² Os grifos são originais do autor.

ou comissão. Ele disse: "o Islã entende que matar uma pessoa é como matar toda a humanidade, pois, pelo assassinato de uma pessoa tem-se a ideia de que qualquer pessoa pode ser morta". (CARROLL, 2016, p.33)

Portanto, se lembrarmos a fórmula pela qual Kant elaborou o seu Imperativo Categórico; “aja de maneira que possa querer que a minha máxima se torne uma lei universal” (KANT, 1993, p. 14), para Carroll, há um princípio moralizante como pano de fundo do pensamento gülenista e que servirá de modelo para que as suas ações sejam reproduzidas pelos seus seguidores - como princípios universais a serem espelhados pelo mundo.

Imagem 4: Foto do líder do Hizmet Fethullah Gülen



Fonte: <https://www.dw.com/pt-br/zeitgeist-quem-%C3%A9-fethullah-g%C3%BClen-o-arquival-de-Erdo%C3%97an/a-19440609>

No ano de 1999, Fethullah Gülen viaja para os EUA para tratar de questões de saúde que exigem que ele se retire da “atmosfera politicamente carregada da Turquia” (GÖKTEPE, 2016, p.11) e fixa residência nesse país a partir de então, não voltando mais à Turquia, no que alguns chamarão de um exílio auto imposto pelo clérigo.

Após as recentes instabilidades políticas na Turquia, em especial a tentativa de golpe militar em 2016, que segundo o presidente turco Erdoğan, foram promovidas pelos

seguidores de Gülen, a Turquia o declara, e a seus seguidores, como terroristas e pede aos EUA a sua extradição imediata. O pedido não foi atendido pelo governo estadunidense até o momento e Fethullah Gülen continua intelectualmente atuante e influente.

7. O Movimento Hizmet

O Movimento Hizmet, palavra que significa Serviço em turco, é um movimento islâmico-civil que, baseado nos ideais de Fethullah Gülen, desde o início dos anos oitenta vem organizando uma série de seus seguidores das mais diversas áreas e de forma absolutamente voluntária, tais como “estudantes, acadêmicos, empresários, profissionais liberais, funcionários públicos, agricultores, homens e mulheres, jovens e velhos” (CARROLL, 2016, p. 5) que “contribuem para múltiplas formas de serviços que se concentram em centros de ensino, escolas, faculdades, hospitais, organização de ajuda humanitária, instituições de mídia, tanto na Turquia quanto em mais de 170 países pelo mundo” (CARROLL, 2016, p. 5).

Segundo Findley (2015), o Hizmet é um dos três mais importantes movimentos religiosos que ajudaram a moldar a Turquia moderna, comparando-o, inclusive, ao movimento fundado pelo grande intelectual islâmico Said Nursi, que muito inspirou o próprio Fethullah Gülen na construção de suas ideias.

Desde os anos 80 o movimento vem se expandindo por meio da construção de mais de 500 escolas na Turquia, incluindo cursos pré-vestibulares e, mais recentemente, centros universitários. O movimento também lidera o mais importante jornal turco, o Zaman, bem como emissoras de rádio e canais de TV (GÖKTEPE, 2016).

Os instrumentos educacionais Hizmet, tanto na forma de escolas, cursos pré-vestibulares ou universidades, são financiados por empresários turcos simpatizantes mas, em alguns países, as escolas Hizmet são criadas no modelo público-privado de escolas charter, que já somam mais de 1500 escolas em 170 países. Inspirados no movimento, empresários abriram também, ao redor do mundo, não apenas escolas, mas “universidades, hospitais, organizações de assistência, centros de estudo, associações empresariais, órgãos de mídia e editoras”(GÖKTEPE, 2016, p. 7).

Para Ebaugh (2010), o movimento se expande pela diáspora turca, ou seja, com a imigração de turcos pelo mundo, mas dado o seu caráter educativo e assistencial, o próprio

movimento é responsável por uma parcela significativa dessa diáspora turca, levando seus membros a estarem presentes em mais de 170 países.

Aqui no Brasil, o Hizmet está presente desde o ano de 2003, quando empresários turco simpatizantes do Movimento, decidiram abrir em São Paulo uma Escola Hizmet, o Colégio Belo Futuro, no bairro da Granja Julieta, dando início então às primeiras movimentações de turcos para a cidade de São Paulo.

8. São Paulo'ya hoşgeldiniz (Bem-vindo a São Paulo)

Segundo os relatos da comunidade, não há memória que tenha registrado outros turcos na cidade antes de 2004, quando chegou um dos primeiros turcos à cidade. Os entrevistados relataram que há a possibilidade da vinda de outros antes desse período, mas duvidam muito que tenham permanecido no Brasil pois, segundo eles, há uma grande movimentação de turcos pelo mundo, principalmente daqueles associados aos trabalhos portuários. No entanto, os números oficiais registrados pelo SISMIGRA, como mostra o gráfico 10, somam apenas 23 turcos que pediram residência no Brasil entre os anos de 2000 a 2003, sendo que destes, apenas 9 declararam São Paulo como residência final.

Gráfico 10 - Pedidos de residência no Brasil de cidadãos turcos, entre 2000 e 2020

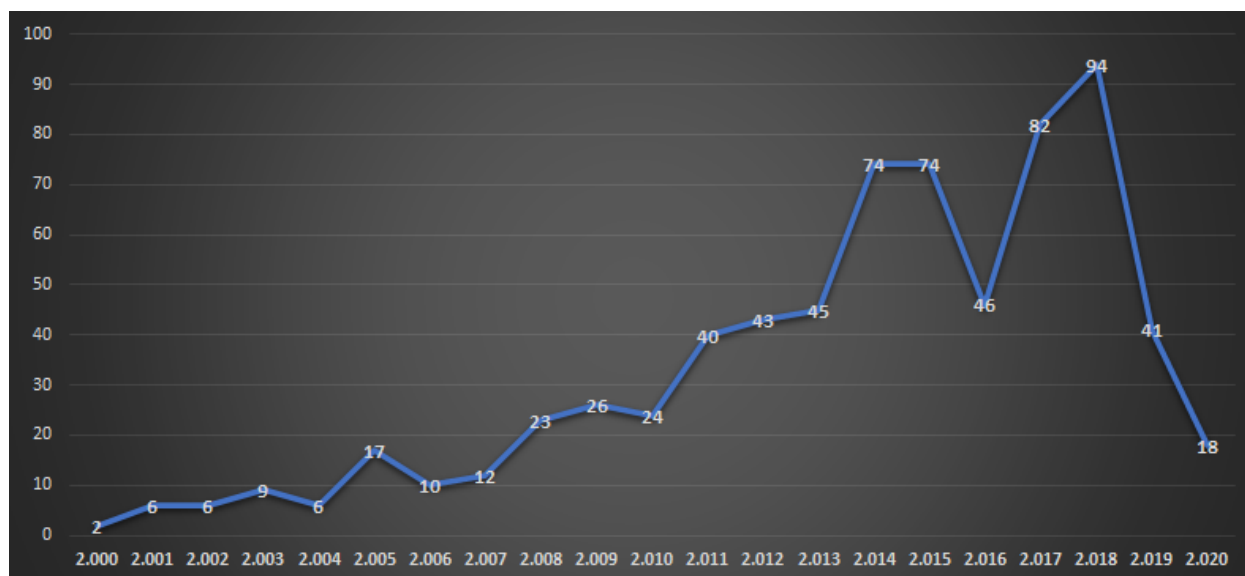


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

Vale ressaltar que a base de dados do SISMIGRA não é constantemente atualizada, de maneira que, após receber o seu registro, esses imigrantes permanecem nas tabelas do sistema, mesmo que tenham deixado o país (BAENINGER; DEMÉTRIO; DOMENICONI, 2020). No entanto, os números do SISMIGRA serviram para fortalecer os relatos dos entrevistados quando disseram, por exemplo; “não conhecemos ninguém antes de 2003”, ou “quase não houve turcos em São Paulo antes da nossa chegada”.

As relações entre o Brasil e a Turquia foram historicamente bem distantes. O último líder de Estado brasileiro a visitar a Turquia, antes do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2009, tinha sido Dom Pedro II, em 1885, ano no qual assinou o primeiro tratado bilateral de amizade e comércio entre Brasil e Turquia, na época, ainda Império Turco Otomano. Mais de um século se passou de uma “amizade” fria e distante entre as duas nações até que, segundo o presidente do CCBT, *“as relações entre esses países intensificaram-se principalmente na última década”*, quando o *“intercâmbio dos países, tanto na área comercial, como na educacional, turística e cultural, fortaleceram as relações e trouxeram grandes contribuições”*⁵³. Para o Itamaraty, esse estreitamento de relações se deu justamente a partir da visita do então presidente Lula à Turquia, *“na primeira década do século XXI”*⁵⁴.

No entanto, se nos ativermos à cronologia das relações bilaterais Brasil-Turquia (tabela 6), apresentada pelo Itamaraty, o início das relações se dá no ano de 1992, com a visita do chanceler turco Süleyman Demirel aos eventos da Rio 92, mas essa data não marca efetivamente a criação de quaisquer relações bilaterais, ou acordos significativos que garantissem ou justificassem a vinda de cidadãos ou cidadãs turcas ao Brasil.

Segundo os relatos da comunidade, essa chegada se inicia efetivamente a partir do ano de 2004, a convite do Hizmet, para iniciar alguns trabalhos relacionados ao movimento no país; incluindo a pesquisa para a abertura de uma escola, pois quase não havia polos do Hizmet na América do Sul, salvo um pequeno núcleo na Argentina.

⁵³ Em: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=392539>> Acesso em: 20/04/2020.

⁵⁴ Em: <<http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5458-republica-da-turquia>>. Acesso em: 10/07/2020.

Tabela 6: Cronologia das relações bilaterais Brasil-Turquia⁵⁵

Ano:	Evento:
1992	Participação do Chanceler Süleyman Demirel na Rio-92
1995	Visita ao Brasil do Presidente Süleyman Demirel
1998	Visita ao Brasil do Chanceler Ismail Cem
2003	Visita ao Brasil do Ministro da Defesa Nacional, Vecdi Gönül
2004	Visita à Turquia do Chanceler Celso Amorim
2004	Entrada em vigor do Acordo de Isenção de Visto Para Titulares de Passaportes Comuns
2006	Visita ao Brasil do Chanceler Abdullah Gül
2009	Visita do Chanceler Celso Amorim a Istambul, para participar do II Fórum da Aliança de Civilizações (abril)
2009	Visita à Turquia do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (maio)
2010	Visita à Turquia do Ministro Celso Amorim (janeiro)
2010	Visita ao Brasil do Chanceler Ahmet Davutoğlu (abril)
2010	Participação do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan no III Fórum Mundial da Aliança das Civilizações, no Rio de Janeiro
2010	Entrada em operação do voo direto da Turkish Airlines São Paulo-Istambul
2011	Visita a Istambul do Chanceler Antonio de Aguiar Patriota (11 e 12 de setembro)
2011	Visita à Turquia da Presidenta Dilma Rousseff (6 a 8 de outubro)
2012	Visita do Chanceler Antônio Patriota à Turquia (24 e 25 de fevereiro)
2012	Participação do Primeiro-Ministro Recep Tayyip Erdogan na Conferência Rio+20
2013	Visita do Chanceler Antonio Patriota à Turquia (2 a 5 de janeiro)
2014	Visita do Chanceler Luiz Figueiredo à Turquia (28 de agosto)
2015	Visita do Chanceler Mevlut Çavusoglu ao Brasil
2018	160 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e a Turquia
2015	Visita do Chanceler Mevlut Çavusoglu ao Brasil

Fonte: Itamaraty

9. O início da comunidade turca Hizmet em São Paulo

No ano de 2003, alguns empresários turcos, atrelados aos ideais do Movimento Hizmet, decidiram expandir as atividades educacionais do movimento na América do Sul, onde existia apenas um colégio Hizmet, na cidade de Buenos Aires. Enviaram, no ano seguinte, um professor para avaliar as condições e possibilidades para a abertura de um colégio Hizmet em São Paulo, evento que ocorreu no ano de 2006, com a abertura do Colégio Belo Futuro.

Esses eventos marcaram o que podemos considerar como o surgimento de uma comunidade turca (Hizmet) na cidade de São Paulo. O colégio, mesmo antes da sua abertura, já é um atrativo para os novos membros da comunidade que, a convite do Hizmet na Turquia, começaram a chegar em São Paulo para integrar a primeira equipe administrativa e de professores.

Esse primeiro momento dos turcos em São Paulo foi marcado por muitas dificuldades de adaptação, tanto dos primeiros a chegar na cidade quanto do que viria a ser o embrião da comunidade, como nos relata um dos entrevistados:

⁵⁵ Em: <<http://antigo.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5458-republica-da-turquia>>. Acesso em: 10/07/20.

Quando eu cheguei era outro Brasil, não tinha consulado, não tinha embaixada e não tinha turcos. Eu nem imaginava, nem conhecia, não tinha nada na internet. Não tinha Facebook na época. Tinha Orkut, mas na Turquia não era popular, apesar de ter sido criado por um turco chamado Orkut, então eu não conhecia.

Quando eu vim, foi por meio de um visto de estudante de português para estrangeiros em um curso particular. Fui recebido pela diretora do curso no aeroporto e fui viver na casa de uma família para aprender a língua mais rápido e também para resolver tudo de uma vez.

Foi tudo um choque! Eu falava bem inglês, mas aqui não rolava inglês, quase ninguém falava. Hoje até que você consegue se virar, consegue achar um ou outro que pode se comunicar, mas há 16 anos não era assim, era muito difícil, o que fez eu me esforçar muito para aprender português.

Como foi o primeiro país que conheci, talvez não tivesse sido tão chocante se tivesse vindo antes a turismo ou se tivesse conhecido outros países, mas já cheguei morando, como brasileiro.

A comida foi uma dificuldade. A gente que é muçulmano não come porco e aqui muita comida tem porco. Inclusive, eu não sabia que porco não era considerado carne. Eu pedia alguma coisa sem carne e me davam presunto, ou alguma coisa com salame. Carne para brasileiro é bife!

Os brasileiros não conheciam a Turquia e a cultura turca; falavam em deserto, camelo. Falavam que a gente tinha quatro esposas, achavam que era árabe.

Não veio pro Brasil um número de turcos para mudar essa história. Aqui também existe uma confusão entre o árabe e o islã⁵⁶, e como a maioria dos turcos são muçulmanos, tem essa confusão também.

10. Composição e distribuição da comunidade Hizmet em São Paulo

A comunidade não sabe o seu número exato, mas acredita que seja algo por volta de 30 famílias, ou aproximadamente 200 pessoas, vivendo “todos ao redor da Escola e do CCBT”, como nos diz um entrevistado, ou seja, no bairro da Granja Julieta, no distrito de Santo Amaro, região Centro-Sul de São Paulo.

O questionário online fortaleceu essa informação quando apresentou 100% da amostragem como residentes do distrito de Santo Amaro, com pequenas especificações

⁵⁶ A maior parte dos muçulmanos não são árabes, na verdade, o árabes correspondem apenas à quinta parte do mundo islâmico (BALTA, 2016)

geográficas dentro dessa região, como Granja Julieta, Alto da Boa Vista e Largo Treze, todos bairros pertencentes a Santo Amaro.

A partir do ano de 2016, novos negócios conduzidos por membros da comunidade, predominantemente associados à alimentação, começaram a surgir no entorno do Centro Cultural Brasil Turquia e do Colégio Belo Futuro. A imagem 5 mostra a distribuição geográfica de cinco restaurantes turcos (Capadócia, Sultão, Casa Turca, Comida Turca e Dondurma), marcados em vermelho, abertos após 2016, nas proximidades do CCBT e CBF, marcados em roxo. A imagem citada representa um recorte da região, com dimensões aproximadas de 3 quilômetros em sua extensão Norte-Sul e de 5 quilômetros na extensão Leste-Oeste. Como podemos ver, a distância máxima de um dos restaurantes em relação ao CCBT ou ao CBL é de menos de 4 quilômetros.

Os turcos em São Paulo “constroem novas territorialidades a partir da ocupação comercial ou cultural de espaços públicos” (MAGALHÃES, BÓGUS e BAENINGER, 2018, pg, 405) e, podemos constatar esse modelo pela abertura de restaurantes turcos na região central de São Paulo, e portanto fora do pequeno circuito espacial da comunidade que orbita ao redor do CCBT, aproveitando-se da diversidade gastronômica da região e fortalecidos pelas já “antigas” quebaberias que existem na Rua Augusta desde meados de 2005, formando um pequeno polo laboral dos turcos. No entanto, ressaltamos aqui que alguns desses restaurantes, anteriores ao ano de 2016, não são de membros da comunidade turca Hizmet, como há também quebaberias que não são de turcos.

Outro fenômeno que podemos constatar pela pesquisa é que os turcos não marcaram e definiram a sua territorialidade como podemos ver em outras regiões de São Paulo. Como disse um dos entrevistados: “a gente não criou um bairro turco. Andando por aqui você não sabe que tem turcos aqui. A gente não tem lojas de artigos turcos, você não escuta as pessoas falando turco na rua. A gente só mora aqui”. Existem, segundo os entrevistados, condomínios com uma maior presença turca, com muitas famílias morando próximas, mas mesmo nesses casos, essas famílias dividem os espaços com brasileiros. Para um deles, a presença de turcos nos condomínios oferece benefícios e malefícios; os administradores confiam nos turcos, sabem que são silenciosos, organizados e “bons pagadores”, e portanto sempre estão dispostos a alugar para outras famílias turcas - fortalecendo assim as suas redes migratórias. No entanto, por outro, lado existem certas diferenças culturais que podem gerar algum incômodo, por exemplo, em uma das entrevistas nos relataram que as famílias do condomínio tinham sido advertidas pelo fato de deixarem seus sapatos na porta de casa, do lado de fora, sendo que esse é um costume muçulmano, de não usar sapatos dentro de casa.

Onde eu quero chegar. Meu filhos também não pisam, mas não são tão atenciosos como eu. Eu vejo isso, essa diferença de uma geração para outra está diminuindo.

A detailed map of São Paulo, Brazil, showing a route from Chácara Santo Antônio (Zona Sul) to the Airport. The route is marked with a blue dashed line and includes several stops: Casa Turca, Igolegio, Alto da Boa Vista, Jardim Petrópolis, Vicente Ráo, Jardim Cordeiro, and Vila Alexandre. The map also shows major roads like Av. das Nações Unidas, Av. Morumbi, and Av. Washington Luís. Other landmarks include the Hospital Santa Maggiora, the Airport, and various restaurants and shops. The map is labeled with neighborhood names such as Chácara Santo Antônio, Vila Cordeiro, Brooklin, Campo Belo, and Planalto Paulista.

Ao analisarmos a composição etária da comunidade, constatamos que ela é predominantemente jovem.

55

No que concerne à ocupação dos turcos que compõem a comunidade Hizmet, nos chama atenção o alto índice daqueles que se declararam professor ou professora como atividade que exerciam antes de chegar ao Brasil. Os dados do questionário digital mostram que 63% declararam ter essa profissão. Como segunda atividade principal temos os estudantes, que representam 13% da amostra (gráfico 11).

Os números do SISMIGRA também apontam a atividade de "professora/professora" como a mais representativa da amostra, com 12% dos imigrantes se declarando dessa profissão, logo abaixo dos 13% que se declararam pertencentes a atividades não listadas pelo sistema (gráfico 12). Esses números, tanto oriundos do SISMIGRA quanto do questionário digital demonstram a mesma informação, de que temos aqui uma comunidade formada por imigrantes não apenas especializados, mas também intelectualizados. Como já vimos, os primeiros turcos vieram a convite de empresários com o objetivo de fundar um colégio. Esse modelo migratório turco, baseado na expansão por meio de atividades educacionais é muito comum ao Hizmet, como veremos mais à frente, ao analisarmos as Escolas Hizmet no mundo. Vemos aqui um padrão de uma migração que se forma a partir da vinda desses sujeitos intelectualizados e, o seu impacto na comunidade será claro, não apenas por meio da fundação do colégio, ao redor do qual orbita uma grande parte da comunidade como também por meio das atividades do CCBT, que durante a sua história fechou acordos de ensino e promoção da língua e cultura turcas com grandes instituições e universidades, como USP⁵⁷ e PUC-SP⁵⁸.

Esse grande percentual de professores/intelectuais não só se justifica por um modelo migratório baseado no modelo de expansão do Movimento Hizmet, que funda escolas e centros culturais ao redor do mundo, servindo de base estrutural para a vinda de outros membros e atraindo novos turcos para esses países e regiões ainda não historicamente explorados pela comunidade, como também está de acordo com o que Baeninger e Almeida, citando Wenden (2001), chamam de “novos fatores de atração e esquemas migratórios” (BAENINGER, ALMEIDA, s/a, p. 32), que se caracterizam por uma “multiplicação dos fluxos existentes, bem como pela variedade dos modos de instalação, entre os quais, pode-se destacar: reagrupamento familiar, estudantes, trabalhadores qualificados e classes médias” (BAENINGER, ALMEIDA, s/a, p. 32).

⁵⁷ <http://sce.fllch.usp.br/node/2890>

⁵⁸ <http://www.brasilturquia.com.br/curso-de-lingua-e-cultura-turca-na-puc-909.html>. O curso de língua e cultura turcas da PUC-SP foi encerrado pela universidade.

Conforme os dados apresentados por MOMO (2014), houve também um grande aumento de imigrantes qualificados no Brasil após o ano de 2010, que relaciona-se com a crise financeira de 2008, que impactou as economias globais que tradicionalmente recebiam os imigrantes - como vimos no caso da Alemanha e França, que começaram a fechar as suas fronteiras, e converteu o Brasil em um “destino atraente para tais profissionais” (MOMO, 2014, pg 98), por conta da solidez de sua economia e baixo índice de desemprego. (MOMO, 2014).

Gráfico 11: Percentual por ocupação dentro da comunidade Hizmet

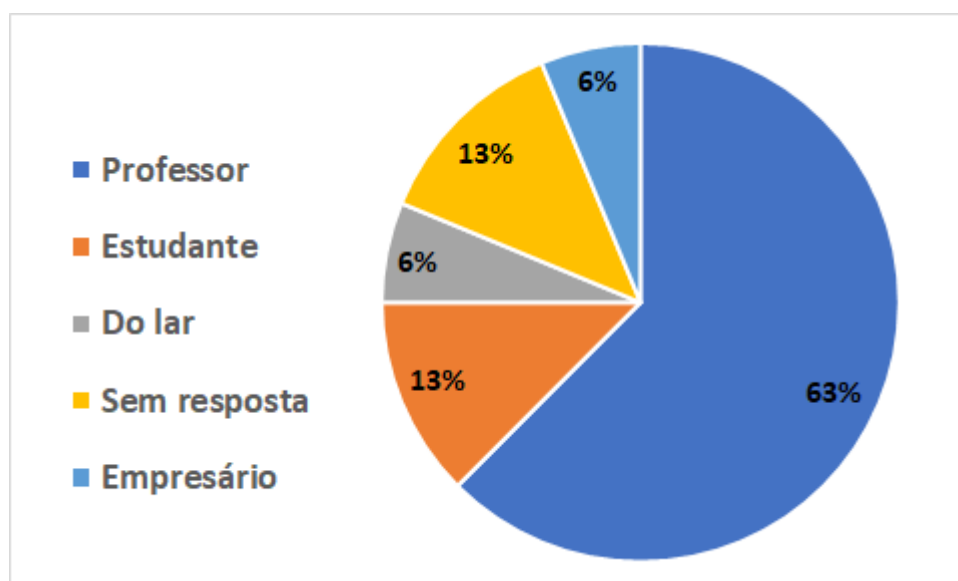


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados do questionário digital

Gráfico 12: Ocupação de imigrantes turcos em São Paulo: SISMIGRA

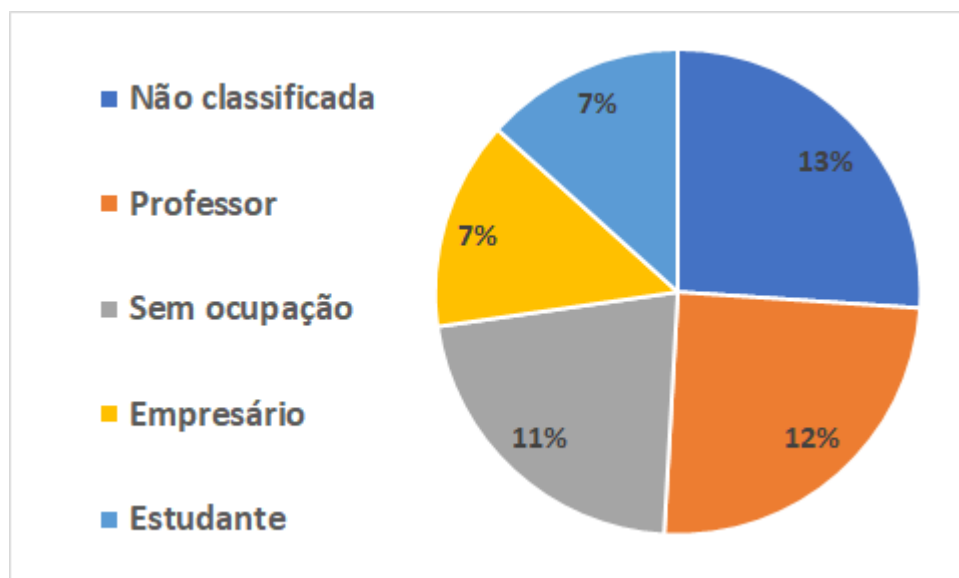


Gráfico elaborado pelo próprio autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020

Sobre a vinda de turcos não pertencentes ao Hizmet, um dos entrevistados nos relatou que muitos vieram para casar-se com brasileiras e voltaram para a Turquia com suas novas esposas, fazendo oscilar o número de turcos na cidade, que sempre foi pequeno, de no máximo algumas centenas, como nos conta o entrevistado:

A maior parte dos turcos veio para se casar com brasileiras. Não é que turcas vieram se casar com brasileiros, mas o oposto, turcos que vieram para se casar com brasileiras. O maior número é formado por eles, e estão em território nacional. Em seguida somos nós, a comunidade do Hizmet. Talvez seja por volta de 700 a mil turcos. Talvez, não chegue a isso... eu diria uns 500 há uns três anos atrás, sendo que uns 300 somos nós (Hizmet), em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Caxias do Sul.

Esses números, relatados pela comunidade, estão de acordo com os números do SISMIGRA, que somam 366 turcos que pediram residência em São Paulo entre os anos de 2004 a 2020 (gráfico 13), ou seja, desde a chegada dos primeiros integrantes da comunidade até os dias atuais. Lembremos que aqui usaremos os números das bases de dados do SISMIGRA apenas como variável de confirmação das informações dadas pelos membros da comunidade, que têm de forma muito mais vívida as oscilações da comunidade; sua distribuição tanto no espaço quanto no tempo.

Gráfico 13: Pedidos de residência de turcos em São Paulo, entre 2004 a 2020

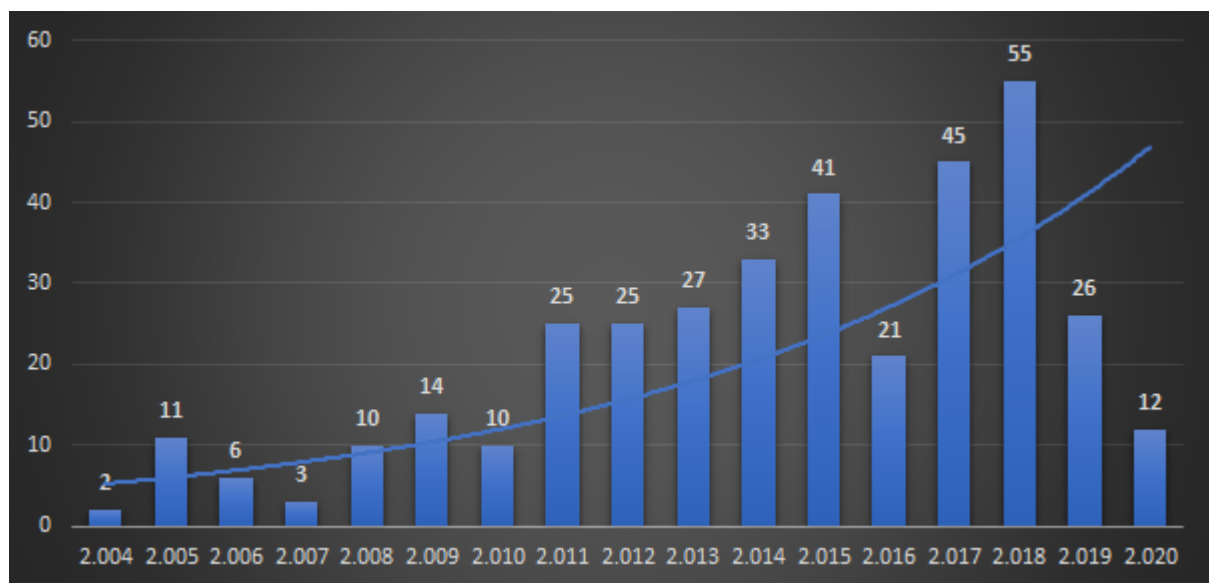


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

Originalmente, apenas os homens vieram integrar as atividades do Hizmet em São Paulo, trazendo suas mulheres e famílias após se instalarem adequadamente no país. Há pelo menos um caso conhecido de um membro da comunidade que trouxe também a sua mãe para o Brasil, reconstituindo em São Paulo a família deixada na Turquia. No entanto, como mostra o gráfico 14, a proporção entre homens e mulheres na comunidade ainda é bem desigual, sendo mais de dois homens para cada mulher.

Gráfico 14 - Relação percentual entre imigrantes turcos por sexo - Estado de São Paulo - 2000 a 2020.

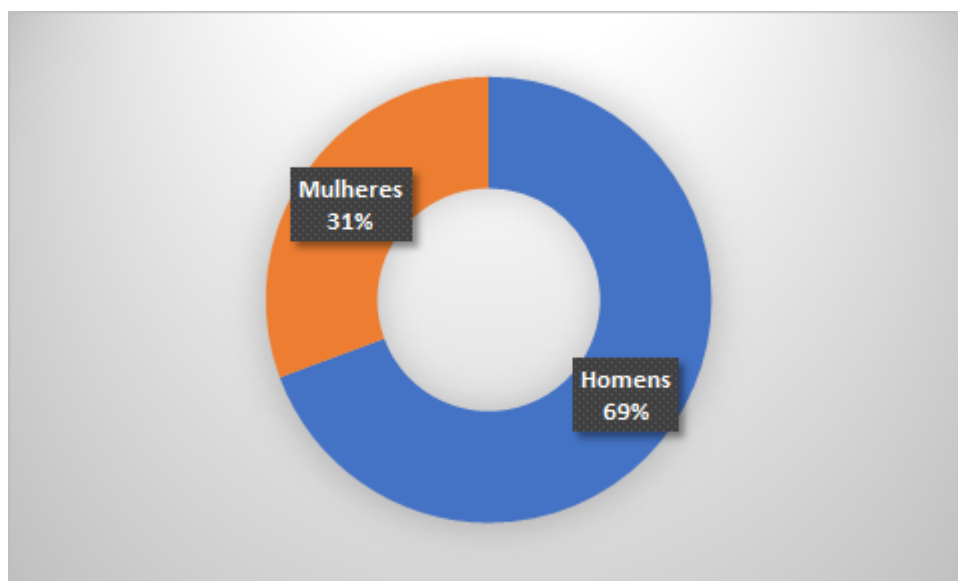


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

Com relação ao percentual de homens versus mulheres, os dados do SISMIGRA informados acima estão em perfeito acordo com aquelas informações dadas pela comunidade por meio do questionário digital, que nos apresentou a mesma distribuição, ou seja, 31% de mulheres contra 69% de homens. Tendo-se em conta que os dados do SISMIGRA não correspondem de maneira exclusiva à comunidade Hizmet em São Paulo, mas a todos os turcos residentes na capital, podemos deduzir que essa proporção corresponde a um padrão de migração dos turcos, ou seja, migra o dobro de homens em relação ao número de mulheres.

11. Relações comunitárias e familiares

Dados da pesquisa digital mostraram que 36% da amostra total dos homens que responderam ao questionário se declararam solteiros, mas entre os que se declararam casados, 73% disseram não terem se casado no Brasil, portanto, tendo-se em conta a diferença proporcional entre homens e mulheres dentro da comunidade, isso nos leva a crer que deixaram suas mulheres na Turquia para trazê-las quando já estabelecidos. Tal situação, segundo alguns entrevistados, ocorre com alguma frequência na comunidade, não apenas com relação às mulheres, mas também a outros familiares.

Apesar da relação desigual entre homens e mulheres, os casamentos entre turcos e brasileiras, dentro da comunidade Hizmet não são tão comuns quanto aqueles dos turcos não simpatizantes do movimento. Para alguns entrevistados, a vinda de turcos não simpatizantes do Hizmet para o Brasil em busca de mulheres brasileiras para casamento se intensificou muito na última década. Os homens vinham, muitas vezes, já com “indicações de mulheres”, ou em alguns casos já as conhecendo previamente - por conta de antigos encontros em viagens, ou até mesmo de relacionamentos virtuais que foram sendo alimentados por meses.

Ficavam pouco tempo no Brasil e voltavam à Turquia, levando consigo as brasileiras. Alguns se casaram no Brasil, inclusive em cerimônias realizadas na antiga sede do CCBT, mas a maior parte deles decidiu se casar na Turquia, respeitando todos os ritos e a proximidade com a família do noivo.

Dentro da comunidade Hizmet, salvo algumas exceções de casamentos espontâneos entre turcos e brasileiras, há uma tendência a casamentos culturalmente endogâmicos. Na amostra do questionário online, 88% de homens e mulheres que se declararam casados são casados com outros turcos, e apenas 12% com brasileiros/brasileiras.

Segundo pesquisa realizada na comunidade turca alemã (SCHIFFAUER 2005), mais da metade da segunda geração de turcos-alemães ainda escolhem seus parceiros de casamento entre os próprios turcos, inclusive trazendo-os da Turquia. Tal qual ocorre na comunidade turca brasileira, há uma desproporção entre o número de homens e mulheres entre eles, havendo muito mais homens do que mulheres na comunidade. Dessa maneira, se faz necessário, em especial para os homens, “importar” suas parceiras da Turquia caso queiram permanecer culturalmente endogâmicos, o que explica o fato de que apenas 18,3% dos homens são exogâmicos, enquanto para as mulheres esse número é ainda menor, apenas 6,5% (SCHIFFAUER, 2005).

Para Schiffauer (2005), esses casamentos são o resultado das redes transnacionais, mas também um mecanismo importante para a sua manutenção. No entanto, esse modelo, que era muito comum, mudou, e os casamentos arranjados entre meros conhecidos e parentes, muitas vezes envolvendo uma mulher ou homem de algum vilarejo, se modificou e esses possíveis pares agora estão condicionados a um maior capital cultural, dando ênfase em educação, domínio da língua e atividades profissionais para a escolha de um parceiro.

Nesse modelo de casamentos intraculturais há uma predominância maior de uma manutenção das tradições, como a língua turca, que prevalece como língua doméstica entre os pais e os filhos, mesmo que nascidos fora da Turquia.

No que diz respeito ao uso da língua turca no ambiente doméstico, nos relata um dos entrevistados:

Em casa falamos em turco e eles falam com os colegas [da escola] em português. Sinto dificuldade deles em turco, às vezes para explicar a lição falo em português, mas 95% do tempo falamos em turco. Essa é uma questão que a gente brincava com os árabes. Íamos para a mesquita e eles chamavam os jovens para estudar o árabe, os velhos diziam que a língua tá indo embora e a gente brincava que chegaríamos a esse ponto também. A gente sentia um pouco o que ia encontrar. Em casa a opção de falar turco é porque os pais não falam português. Meus filhos entre eles falam turco, o que estamos tentando fazer [falar o turco com eles]. Assistimos coisas em turco. São a primeira geração de turcos-hizmet no Brasil e acho que eles vão manter a língua entre irmãos. Turcos com turcos, por exemplo, fora de casa, quando brincam, falam em português. Eles têm facilidade de se expressar em turco com a gente em casa, mas não tem a mesma facilidade de manter a língua com os seus colegas [também da comunidade]. Os filhos saberão turco, mas não com a mesma profundidade que os pais.

Segundo os dados do questionário digital sobre o conhecimento da língua portuguesa (gráfico 15), constatamos que 19% da comunidade tem o nível avançado da língua portuguesa, 25% intermediário, 37% o nível básico e 19% declararam não falar o português.

Gráfico 15 - Nível da língua portuguesa entre os turcos da comunidade Hizmet

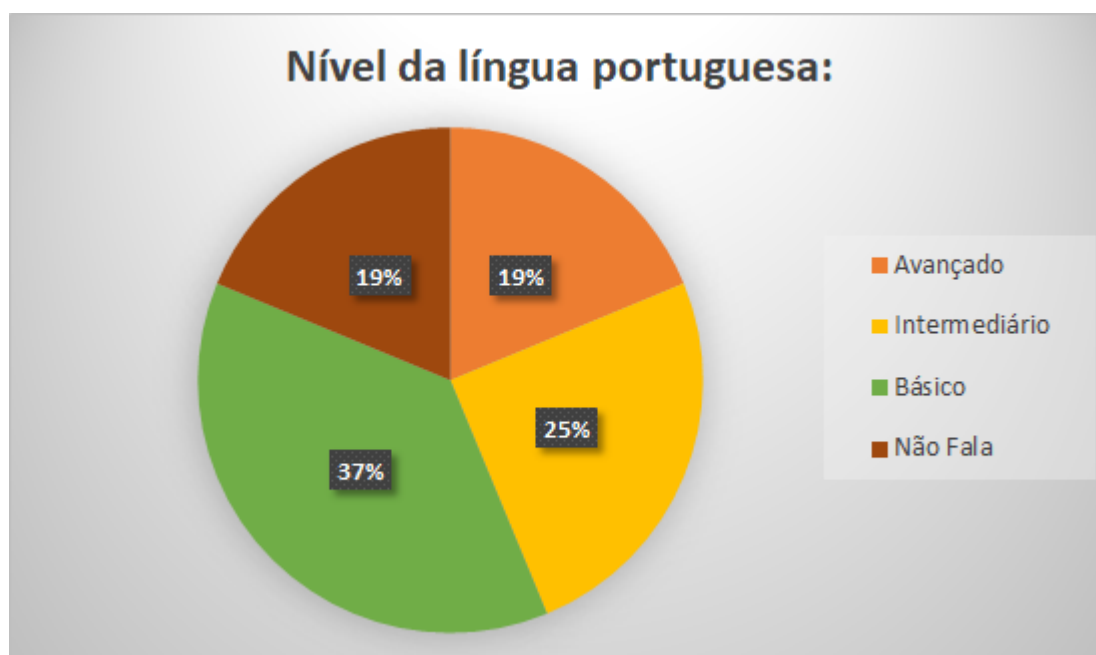


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do questionário digital: 2021

Esses dados são significativamente alterados quando analisamos os percentuais por grupo, separando a análise entre homens e mulheres. Nesse caso, verificamos que, enquanto no grupo dos homens temos 27% de falantes avançados, 46% de falantes básicos e 0% de não falantes, no grupo das mulheres o percentual de falantes avançados é de 0%, o de falantes básicos é de 20% e o de não falantes é de 60%.

Isso demonstra como as mulheres estão muito mais dedicadas ao ambiente doméstico e intracultural da comunidade, exercendo pouca ou nenhuma atividade fora do circuito social familiar ou comunitário, tendo, desse modo, pouca oportunidade de ampliar as suas habilidades na língua portuguesa, constatação corroborada também com base no relato de um dos entrevistados, que nos disse: *“a minha mulher não fala português ainda. O pouco que ela sabe ela aprendeu com os nossos filhos em casa”*.

Tais constatações são reforçadas pelos dados da pesquisa digital que mostraram que, enquanto 100% das mulheres declararam participar tanto de eventos familiares quanto religiosos na comunidade, apenas 36% dos homens declararam participar de ambos os tipos de eventos, e deram respostas mais amplas e variadas com relação aos eventos com os quais estão envolvidos. Outro dado que demonstra uma maior relação doméstica das mulheres é que, na pesquisa, 80% delas declararam não ter atividade profissional no momento, contrastando com os 44% de homens que declararam não estar trabalhando.

De acordo com um dos entrevistados, a diferença entre o conhecimento do português entre homens e mulheres se explica pela condição doméstica das mulheres versus a condição laboral dos homens na comunidade:

Em geral os homens montam um negócio e se ocupam com ele e as mulheres se encontram no centro cultural, para tomar chá e bater papo. Às vezes visitam umas às outras e, por isso, as mulheres aprendem mais devagar o português. Quando você monta um negócio, você aprende rápido. As mulheres geralmente ficam em casa e também cuidam das crianças, e por isso para elas é importante ter vizinhas (explicando a razão pela qual preferem viver próximos uns dos outros), isso é importante porque as mulheres preferem ficar perto umas das outras.

Schiffauer (2005), ao analisar as comunidades transnacionais turcas na Alemanha, relata que o turco tende a ser a língua franca dentro dessas comunidades, o que explica o fato de que, por exercerem atividades predominantemente intra-comunitárias, as mulheres acabam usando quase que exclusivamente o turco na sua comunicação. No entanto, segundo o autor,

a língua alemã tende a ganhar força a partir das segundas e terceiras gerações, como percebemos claramente no caso dos turcos nascidos no Brasil ou que chegaram aqui muito jovens e preferem usar o português entre si. O autor nos traz os dados de uma pesquisa realizada em Berlim segundo a qual, 77% dos turcos vivendo naquela cidade tinham um bom ou médio nível da língua alemã, enquanto 23% não tinham conhecimento da língua alemã (SCHIFFAUER, 2005, p. 1132), número muito próximo aos 19% de São Paulo. No caso da Alemanha, a partir da terceira geração, a língua turca se converteu na língua da diáspora, ou seja, uma língua intra-comunitária (SCHIFFAUER, 2005).

Percebemos, pelas entrevistas, que é uma preocupação real de alguns turcos que seus filhos, mesmo aqueles nascidos no Brasil, percam a língua turca ou deixem de se comunicar com eles por meio do turco, inclusive por considerarem essa língua um instrumento importante para a manutenção das tradições comunitárias; tanto as familiares quanto as religiosas:

A minha filha mais velha viajava constantemente para a Turquia e se comunicava com os parentes, falava o turco, mas está esquecendo porque há cinco anos já não viaja à Turquia. A mais nova, como é filha de turco com brasileira, não fala a língua. Na escola a gente tenta fazer atividades para ensinar, mas duas horas por semana é difícil para aprender.

O Brasil tem o risco dos filhos perderem o turco e isso já é visível. Tem casais de pais turcos em que os filhos já estão tendo dificuldade com a língua. Talvez a terceira geração já não fale mais, talvez os que nascerem aqui realmente já não falem mais, como já acontece com meus amigos nos EUA. Lá tem uma comunidade grande do Hizmet também.

Isso dificulta várias coisas. Aprendemos nossa religião com nossa língua. Muitas vezes a gente traduz, mas não tem correspondência, e a gente tem que descrever muito mais, fica mais difícil. Nos EUA tem muitos amigos que conseguem manter a tradição e união nas datas comemorativas, mas aqui a comunidade é muito pequena. Talvez mais pra frente a gente pense em soluções mais concretas [porque] sem saber o turco a leitura dos livros é mais difícil.

Minha filha, por exemplo, assistia desenhos turcos antes, mas agora não assiste mais, porque não entende. Tudo fica pra gente ensinar. Na Turquia eles aprendem naturalmente, mas aqui não dá pra ser assim. Tem muito mais dever para os pais. Eu queria que minha filha mantivesse o turco para poder falar com os avós.

Em outro relato:

Quando a gente vai ver um filme, eu prefiro o turco. Aqui em casa, quando brincam entre elas, falam em português. Só em casa a gente fala em turco, para manter a língua. Acho que vai ser cada vez mais difícil manter a língua.

É difícil porque minha filha que nasceu na Turquia, quando fala, já mistura as línguas. Nessa parte o Hizmet ajuda a gente, temos livros da Turquia sobre a religião e a cultura. As crianças têm que ler os livros em turco, para manter essas coisas, então, seria melhor se elas entendessem o turco. Quero ajudá-las a manter o turco!

Apesar das “construções identitárias ocorrerem na, e pela língua” (FERREIRA, 2002; RAJAGOPALAN, 1998 in FERREIRA, 2014, p. 213), a ideia de uma comunidade que se organiza, a partir da segunda ou terceira geração, por meio de duas ou até mais línguas, segundo Rajagopalan (2016), não nos deveria causar tanta surpresa, dado o fato de que, segundo o autor, os nossos conceitos básicos sobre linguagem foram herdados de uma tradição linguística do século XIX que pregava a ideia de “uma nação, uma língua e uma cultura”. Tal ideia não tem mais aderência à realidade atual, “marcada por fenômenos irreversíveis como a globalização” (RAJAGOPALAN, 2016, p. 26). Vemos nessas comunidades transnacionais o que Rajagopalan chama de “categorias mistas” de comunidades linguísticas, que não se adequam mais às categorias rígidas da linguística clássica que dirá que ou uma língua é materna ou é estrangeira. Segundo o autor, o

multilinguismo está se tornando cada vez mais a norma e não a exceção em nosso mundo, [e] esse aumento exponencial, e ao que parece, irreversível, de casos de multilinguismo se deve, de um lado, a ondas migratórias envolvendo grandes massas de população no cenário mundial pós-guerra, e do outro lado, à popularização da informática e ao encurtamento de distâncias entre continentes (...) Ao fazer vista grossa às mudanças geopolíticas em curso no mundo inteiro, mudanças com resultados concretos plenamente visíveis a olho nu, a linguística de hoje mostra sinais de querer se enclausurar numa torre de marfim, contemplando, com saudade, o mundo perdido de identidades fixas e delineadas de uma vez por todas. Como chega a exclamar Donald Davidson, filósofo norte-americano de grande repercussão internacional, a facilidade com que costumamos falar de línguas tende a ofuscar o fato elementar de que tais entes inexistem no mundo real, mas são verdadeiros construtos criados em resposta a certas demandas históricas. O perigo reside em

acreditar que, uma vez reificados, tais objetos estariam imunes a quaisquer questionamentos quanto à sua utilidade contínua (RAJAGOPALAN, 2016, p. 27-28).

Esse “encurtamento de distâncias” de que nos fala o autor é um importante elemento para a manutenção dessas comunidades transnacionais, que têm, atualmente, a possibilidade de comunicar-se com parentes e amigos por todo o mundo de maneira muito mais efetiva e, para tanto, é condição *sine qua non* o instrumento de uma língua franca. Portanto, mesmo que a língua acabe naturalmente perdendo sua força identitária a partir da segunda geração, ela ainda é um mecanismo importante de filiação cultural e de laços familiares.

Para Kaya (2019), há a construção de um “terceiro espaço”, que é gerado nessas comunidades transnacionais pelos imigrantes e seus descendentes, e que permite a construção de identidades que transcendem a noção maniqueísta cartesiana (Kaya, 2019, p. 24). Nesse caso entre o ser turco e não turco, ou seja, ser turco ou brasileiro, como se uma identidade turco-brasileiro não fosse possível de existir. No entanto, um dos entrevistados se auto definiu dizendo; “eu sou um turco brasileiro”. Essa segunda geração já se define dentro desse terceiro espaço, que flui nessa perspectiva de uma terceira identidade, conectando duas línguas e duas culturas.

Segundo o autor, é um hábito e um erro “encapsular as identidades dos imigrantes em “frames” estáticos, rejeitando qualquer possibilidade de mudanças e adaptações dessas populações” (Kaya, 2019, p. 25) e, se as essencializamos, consideramos o seu meio de origem como a base de análise de sua cultura fora de seu território – o que nos parece um erro, como em achar que, o turco manterá a sua língua, incluso entre seus descendentes, mesmo estando fora da Turquia. Contudo, ao que parece, alguns aspectos originários de seu território se mantêm, como por exemplo a sua religião. A língua é um instrumento de adaptação social por excelência, não podemos nos adaptar a um território se não conhecermos a sua língua, ou seja, se a comunicação for truncada ou inexistente. No entanto, há hábitos culturais que podem se manifestar na intimidade da vida privada, como a religião e seus ritos (Kaya, 2019).

Aqui a pesquisa indicou que outra importante tradição que é mantida nas famílias é justamente o islamismo; 100% dos entrevistados e daqueles que responderam ao questionário, se declararam muçulmanos. As mulheres brasileiras não são muçulmanas e algumas, apesar de todo o respeito dado aos ritos e tradições do marido, seguem suas orientações religiosas originais - predominantemente cristãs. Nota-se portanto, uma certa preocupação por parte de alguns membros da comunidade com relação à manutenção da

tradição islâmica das filhas e filhos nascidos no Brasil, pois um dos importantes elos da comunidade, continuamente reforçado por meio de festas, jantares, ritos e eventos, é justamente o da tradição islâmica (imagem 6).

Imagem nº 6: Crianças fazem apresentação de dança dervixe, da tradição islâmica sufi



Fonte: Centro Cultural Brasil Turquia⁵⁹

Houve mudanças na composição da comunidade a partir da instabilidade política na Turquia, quando mudou sensivelmente a relação de imigração entre homens e mulheres, como podemos ver pelo gráfico 16. A partir do ano de 2017 ocorreu uma mesma tendência migratória entre ambos os sexos, apesar da proporção se manter a mesma, ou seja, de quase dois homens para cada mulher. Essa mudança também coincide com o aumento de imigrantes jovens, de 0 a 13 anos (gráfico 17), o que evidencia um fluxo maior da vinda de famílias inteiras ao país por conta dos eventos na Turquia.

Segundo entrevistados, após o ano de 2019, quando a repressão do governo turco aos integrantes do Movimento Hizmet alcançou o Brasil e membros da comunidade sofreram retaliações diretas, que serão tratadas em detalhes no capítulo 3, houve uma fuga de muitas famílias da comunidade para outros países, com medo de que o governo brasileiro se alinhasse ideologicamente com o governo turco e tal aliança representasse a prisão e extradição de integrantes do Movimento Hizmet no Brasil.

Portanto, evidencia-se aqui um período de inflação da comunidade a partir do ano de 2016, com a chegada de famílias inteiras e refugiados, e uma deflação a partir de 2019 quando se acirram as perseguições políticas à comunidade no Brasil e as informações que

⁵⁹ Disponível em:<<https://brasilturquia.com.br/retrospectiva-2019-1617.html>>. Acesso em 28/11/20

fluem pela rede migratória turca permitem que aqueles que estão fugindo do regime optem por opções mais seguras de refúgio.

Gráfico 16 - Imigração turca no Estado de São Paulo entre os anos de 2000 a 2020- composição por sexo

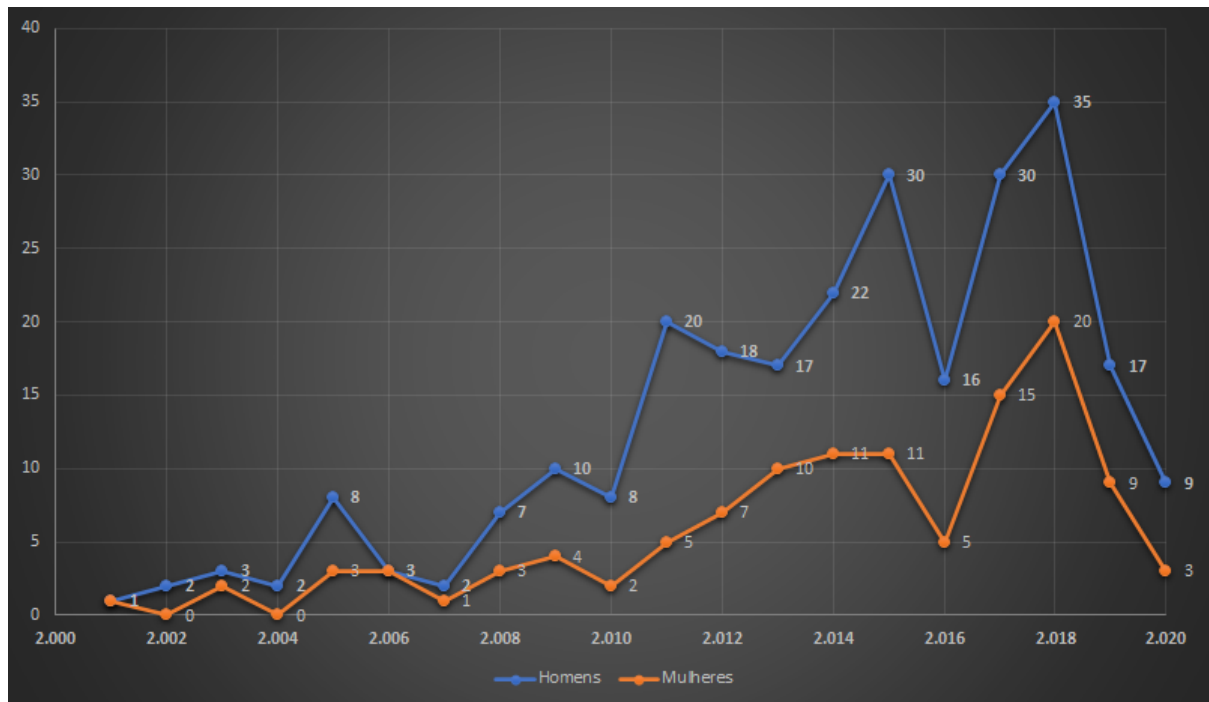


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

Gráfico 17 - Imigrantes turcos, de 0 a 13 anos, no estado de São Paulo.

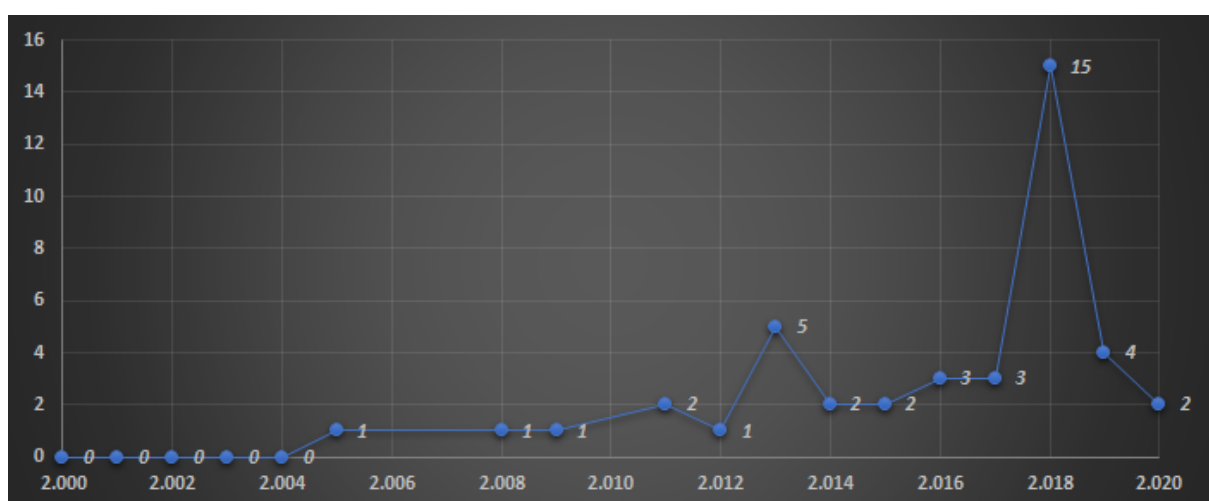


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), Departamento da Polícia Federal - Ministério da Justiça e Segurança Pública do Brasil, 2020.

12. Condição migratória

Segundo dados do questionário digital enviado à comunidade, por ser relativamente recente a sua presença em São Paulo, a comunidade turca ainda não apresenta uma quantidade significativa de indivíduos naturalizados; apenas 12%.

Da amostragem total, 38% já tiveram seu pedido de residência concedido e, portanto, pretendem se assentar no Brasil. Muitos desses residentes já trabalham junto à comunidade ou já montaram seu próprio negócio - predominantemente restaurantes. Os dados também mostraram que 69% dos que chegaram ao Brasil entre 2004 e 2020 têm como destino final o Brasil e 31% não pretendem se fixar no país. Dentre aqueles que não pretendem fixar residência no Brasil, 43% têm a Europa como destino pretendido e outros 57% têm seu destino a depender das oportunidades de trabalho que surgirem.

Essa busca pelo Brasil como destino temporário de trabalho, fortalecido obviamente por uma rede de informações dentro da comunidade, também se explica, segundo Bógus e Fabiano pelo fato de que

o fortalecimento da influência econômica e política do Brasil nas últimas décadas, ampliou o seu potencial atrativo para os migrantes internacionais. Essa influência é ainda mais forte entre os países da América Latina, o que confirma o destaque do Brasil como referência regional e faz com que cada vez mais autores, a exemplo de Patarra (2006, 2012) e Baeninger (2008), estudem como essas mudanças influenciam nos processos migratórios brasileiros. (BÓGUS & FABIANO, 2015, p. 130)

E, no que concerne à temporalidade da permanência daqueles que chegam ao Brasil, concluem os autores;

De acordo com relatos dos próprios imigrantes é possível concluir que o aumento da procura pelo Brasil como destino, não significa que eles queiram se estabelecer definitivamente no país. Na verdade, o imigrante que tem chegado ao Brasil em período recente não tem a intenção de ficar. Ele, na verdade, vem em busca de trabalho e quando consegue reunir alguns recursos, externa o desejo de voltar ao seu país de origem. (BÓGUS & FABIANO, 2015, p. 137)

Se considerarmos, dentro da amostra, aqueles que chegaram após os eventos políticos de 2016 na Turquia, o número daqueles que não pretendem se fixar no Brasil aumenta para 60%, o que nos parece um indicativo de que, para aqueles que estão imigrando ao Brasil por razões políticas, fugindo do regime e da perseguição de Erdoğan, o Brasil é apenas um país de passagem.

O percentual de solicitantes de refúgio é de 44% dentre os que responderam ao questionário (gráfico 18), no entanto, segundo relatos dos entrevistados, a concessão de refúgio é burocrática e demorada, e poucos até o momento foram concedidos dentro da comunidade, o que cria um sentimento de instabilidade entre eles, que não sabem se podem ou não criar planos para se estabelecerem no país.

Podemos, segundo Bógus e Silva, categorizar os turcos como pertencentes a fluxos migratórios mistos, já que “conjugam a diversidade de fatores e motivos para que as pessoas migrem, porém, sempre se caracterizam pela especificidade de uma mobilidade que congrega refugiados e solicitantes de refúgio entre seus membros (BÓGUS, SILVA et all, 2017, p. 17).

No entanto, vale ressaltar que, segundo relatos da comunidade, a condição de solicitantes de refúgio, por conta das perseguições políticas na Turquia, é relativamente recente, tendo se iniciado após os eventos de 2016 na Turquia, como nos relatou um dos entrevistados; “eu não conhecia nenhum solicitante de refúgio por pa

rte da Turquia antes de 2016, não precisava. Todos vinham com algum objetivo, todos tinham já arranjado trabalho ou estudo”.

Gráfico 18 - Distribuição da comunidade turca Hizmet segundo sua condição migratória: 2021

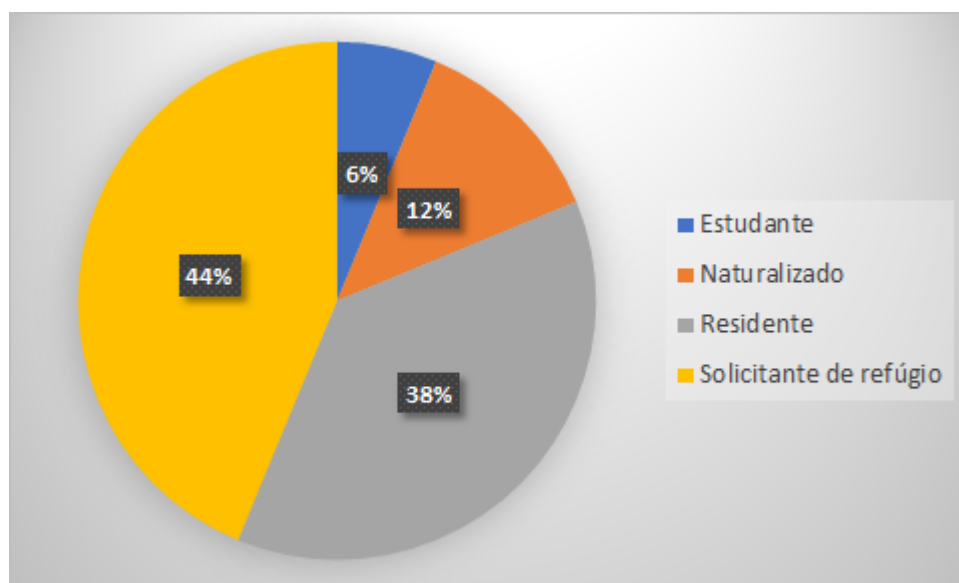


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do questionário digital: 2021

As razões pelas quais escolheram o Brasil como país de destino ou passagem são testemunho da dificuldade que os turcos têm de ingressar em muitos países. Antes dos eventos de 2016, há respostas justificando a escolha por associação às atividades do Movimento Hizmet, em especial dentre os mais antigos da comunidade, que vieram por convite para organização no Brasil do Movimento. Após 2016, há muitas respostas associadas à necessidade de visto, ou seja, escolheram o Brasil pelo fato do país não exigir visto para entrada. Conforme já vimos, os turcos têm sofrido até hoje com as políticas de concessão de vistos para muitos países, mas em especial para aqueles da União Européia, forçando-os a se deslocar para destinos com entrada mais facilitada e garantida. A presença de uma comunidade turca que já estava instalada no país há mais de uma década foi, sem dúvida, um facilitador para a escolha, como veremos com mais detalhes no capítulo 2.

Um dos entrevistados nos relatou que não sabia nada sobre o Brasil, mas achou interessante quando o Hizmet o convidou para fazer um trabalho no país, então, comprou um dicionário e ficou seis meses estudando o português antes de vir.

Esse relato serve de exemplo de como os primeiros a chegarem ao país de fato ainda não dispunham de uma rede migratória formada e consolidada, que os auxiliasse na adaptação, aprendizado da língua e até mesmo em definir com mais clareza as suas escolhas. Havia ainda pouca informação vinda do Brasil. Por outro lado, lê-se em uma resposta do questionário a seguinte justificativa de escolha: “um país com refugiados livres e abundantes, gente de sangue quente e relações humanas muito boas”. Percebe-se nesta resposta que o autor já tinha sido informado das condições do país no que concerne à receptividade dos refugiados, bem como sobre suas relações sociais “mais amigáveis”, ou seja, alguém que já estava estabelecido no Brasil há algum tempo corroborou com essa visão do país como sendo amigável e receptivo aos estrangeiros.

Neste capítulo, abordamos o histórico de formação da comunidade turca na cidade de São Paulo a partir do entendimento do seu processo diaspórico pelo mundo e das atividades do movimento Hizmet, bem como a sua distribuição territorial na cidade, suas tradições e composição familiar. Buscamos também entender as principais razões de escolha do Brasil como destino, influenciados principalmente pela dificuldade de ingresso nos países que faziam parte das suas tradicionais rotas migratórias.

CAPÍTULO 2:

Educação e cultura: Os turcos, suas instituições em São Paulo e a criação de sua rede migratória

“Man hat Arbeitskräfte gerufen, und es kamen Menschen”

(Os trabalhadores foram chamados e vieram as pessoas)

Max Frisch

1. As escolas Hizmet e o Colégio Belo Futuro:

Segundo Webb (2016), é impossível datar o surgimento do Movimento Hizmet em si, no entanto, sabe-se com precisão que

Os esforços educacionais do movimento Gülen começaram por volta de 1970, quando a influência militar sobre o governo sublinhou alguns dos pontos fortes e fracos do secularismo turco. Gülen começou estabelecendo “faróis” (...) e logo começou a encorajar seus amigos e associados a estabelecer escolas. Como começou a ficar claro que as escolas estavam produzindo alunos que eram além de boas pessoas, destaques acadêmicos, o movimento ampliou seus objetivos para incentivar e melhorar a educação disponível para todas as crianças turcas (WEBB, 2016, p. 9).

Na Turquia, por conta da carência de escolas em muito vilarejos, o que obrigava os estudantes a se deslocar por longas distâncias para poderem frequentar as aulas, as escolas criadas pelo Hizmet supriam essa necessidade por meio de dormitórios, nos quais os alunos podiam se instalar nos dias letivos, bem como salas de estudo que podiam ser usadas não apenas pelos alunos da escola Hizmet como também por aqueles das escolas públicas que necessitassem desse apoio. Isso, segundo Webb, objetivava que todos tivessem as mesmas oportunidades em face dos exames nacionais.

Inicialmente, esse projeto educacional surgiu por meio dos chamados “faróis” (Işık Evleri), que eram residências estudantis, custeadas por meio de uma pequena contribuição, mas que poderia ser gratuitas para aqueles impossibilitados de pagar, e auxiliavam estudantes que pretendiam ingressar na universidade, mas precisavam de um lugar de estada enquanto frequentavam a escola (WEBB, 2016).

Essas instituições, conforme nos descreve Webb, são mantidas e financiadas por “empresários que querem devolver à comunidade parte de sua prosperidade” (WEBB, 2016, p. 11), mas não apenas isso, muitas delas são geridas por antigos alunos que veem nesses projetos a possibilidade de ajudar o movimento e a sua ideologia, como nos diz Pahl:

Muitos, senão a maior parte dos líderes do Hizmet - por exemplo diretores e professores em escolas, presidentes e assistentes administrativos em centros de diálogo, editores e administradores de publicações - escolhem simplesmente seguir o exemplo do estilo de vida austero do próprio Gülen. Indivíduos que serviram em associações do Hizmet ou empresas não enriqueceram. Os lucros das organizações do Hizmet foram reutilizados em outros projetos do Hizmet. Porém, indivíduos que apoiaram o Hizmet - empresas ou comércio ou donos de empresas de construção, por exemplo - acumularam às vezes rendimentos consideráveis. Eles então usaram ou investiram esse lucro, às vezes um alto percentual dele, em outros empreendimentos do Hizmet (PAHL, 2019, p. 292)

No entanto, isso não significa que tais empreendimentos, em especial as escolas Hizmet, não ofereçam oportunidades de lucro para seus investidores pois, segundo o autor:

Muitas vezes, esse empreendimento tem um resultado irônico, pois as escolas e outras iniciativas se tornam atrativas às elites em muitas dessas regiões, à medida que a qualidade do que oferece o Hizmet se torna aparente. As escolas rapidamente se tornam auto sustentáveis. A máxima era “fritar no seu próprio óleo” tanto quanto possível, isso é, estabelecer iniciativas que gerassem apoio local e (eventualmente) lideranças. (PAHL, 2019, p. 381)

Apesar de serem criadas pelos integrantes do Movimento Hizmet, as escolas fundadas pelo movimento são seculares, e pregam ideais de integração e respeito inter religioso e cultural, de maneira que seus integrantes, sejam eles professores ou estudantes, não são necessariamente muçulmanos (WEBB, 2016) e é justamente a adoção de um modelo intercultural que promove o diálogo e a diversidade propostos por Gülen. Portanto, o fato de não serem escolas islâmicas ou proselitistas, explica a razão de tais escolas terem penetrado em mais de cem países, em sua maior parte, não islâmicos.

Não há uma administração central dessas escolas, como vimos, elas são comumente abertas por empresários da iniciativa privada que, simpatizantes dos ideais do Hizmet,

escolhem abrir uma escola segundo esses modelos. Dessa maneira, o número exato de escolas pelo mundo é difícil de ser calculado, mas, a quantidade de países que já possuem tais instituições educacionais ligadas aos ideais de Gülen oscilam entre 120 e 102 países⁶⁰. No entanto, os números podem variar muito.

É sabido que muitas dessas instituições são completamente absorvidas pelos interesses locais e se tornam escolas privadas regulares, como citado por Pahl (2019), muitas são fechadas por questões administrativas e outras por razões políticas. Portanto, o número exato, tanto de países quanto de escolas pelo mundo é muito incerto. O gráfico 19, por exemplo, mostra a quantidade de escolas por continentes ou macro regiões. Os dados são de um relatório de 2013⁶¹, em que das três escolas listadas como existentes na América do Sul, a saber; Argentina, Venezuela e Brasil, apenas a brasileira continua funcionando.

O Movimento Hizmet ganha especial atenção e força tanto na Turquia quanto no mundo pela criação e manutenção dessas instituições de ensino, de maneira a ser praticamente definido por elas. Justamente por isso, como veremos com mais detalhes no capítulo três, muitas dessas instituições serão perseguidas em diversos países alinhados com o discurso do presidente Erdoğan, e, por razões políticas, são fechadas permanentemente, absorvidas pela iniciativa privada, pelo controle do Estado local ou pelo Estado turco, que passa a controlá-las e administrá-las. No entanto, não há relações culturais e diplomáticas estreitas entre o Brasil e a Turquia nesse sentido, o que impossibilita a abertura de escolas oficiais - apoiadas e parcialmente financiadas pelo governo turco no país - como o que vem ocorrendo na Alemanha, que está prestes a receber escolas turcas, administradas pelo governo, em seu território, por conta de acordo a ser firmado entre o governo turco e o alemão⁶².

Segundo Kinkartz, repórter da Deutsche Welle:

[O] fato é que a Turquia – assim como os outros países – não pode se apresentar como o órgão administrador das escolas. Este papel tem que ser assumido por associações privadas. No entanto, há o caso do instituto educacional turco-alemão TÜDESB. A associação existe há 25 anos e possui laços próximos com a rede do

⁶⁰ Fonte: Documento “List of Gülen schools (run by Fethullah Gülen Movement) around the world”. Em: <<https://turkishinvitations.weebly.com/every-continent-but-antarctica.html>>. Acesso em 09/11/2020. Última atualização da lista em 24/11/2013.

⁶¹ Fonte: Documento “List of Gülen schools (run by Fethullah Gülen Movement) around the world”. Em: <<https://turkishinvitations.weebly.com/every-continent-but-antarctica.html>>. Acesso em 09/11/2020. Última atualização da lista em 24/11/2013

⁶² Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/01/11/alemanha-podera-ter-e-m-breve-escolas-turcas.htm>> Acesso em: 26/06/2020

polêmico clérigo turco Fethullah Gülen, que administra escolas e um jardim de infância em Berlim. O líder religioso é um dos maiores desafetos do presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan.⁶³

Gráfico 19 - Distribuição das escolas Hizmet por continente ou macro região: 2013

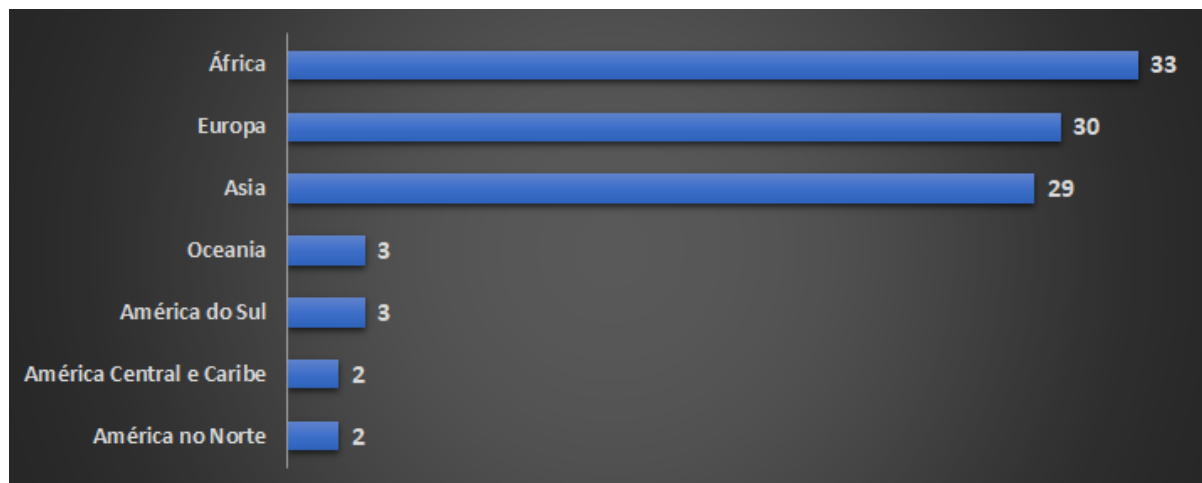


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do documento “List of Gülen schools (run by Fethullah Gülen Movement) around the world”⁶⁴

Como descrito no primeiro capítulo, os primeiros turcos que se instalaram em São Paulo vieram a convite do Movimento Hizmet para fundar uma escola do movimento na cidade. Até então, que se saiba, só existia uma única dessas escolas na América do Sul, instalada na cidade de Buenos Aires, na Argentina. Mesmo que a imigração turca já tivesse tocado antes países como Chile, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e República Dominicana⁶⁵, não se fundaram escolas Hizmet nesses países. Apenas Brasil, Argentina e Venezuela tiveram escolas abertas pela comunidade. Das três escolas que existiam apenas duas permanecem abertas, a de Caracas (imagem 7) e a de São Paulo (imagem 9). O colégio de Buenos Aires (imagem 8), foi fechado por razões de perseguição política do governo Erdoğan⁶⁶

⁶³Fonte: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2020/01/11/alemanha-podera-ter-em-breve-e-scolas-turcas.htm>> Acesso em: 26/06/2020.

⁶⁴ Em <<https://turkishinvitations.weebly.com/every-continent-but-antarctica.html>>. Acesso em: 09/11/2020. Última atualização da lista em 24/11/2013.

⁶⁵ Fonte: Reportagem da BBC - La huella en América Latina del Movimiento Gülen, la red a la que Turquía acusa por el intento de golpe de Estado. Em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-36866500>>. Acesso em: 03/05/2020.

⁶⁶ Em <<https://www.diarioarmenia.org.ar/cerro-el-colegio-turco-de-buenos-aires/>>. Acesso em 09/11/2019.

Imagem 7 - Fachada do colégio Hizmet “Los azulejos” em Cararas, Venezuela.



Fonte: <<https://www.facebook.com/MaarifColegioLosRiscos/photos/a.290551968548494/425978071672549>>

Imagem 8 - Fachada do colégio Hizmet “Hércules”, em Buenos Aires, Argentina.



Fonte: <<https://www.diarioarmenia.org.ar/cerro-el-colegio-turco-de-buenos-aires/>>

O colégio Belo Futuro, em São Paulo (imagem 8), foi, segundo dados das entrevistas, fruto da iniciativa de empresários turcos que tinham por objetivo a expansão do modelo de educação do Hizmet na América do Sul, que se baseia na interpretação que Gülen faz das

ideias do teólogo muçulmano Said Nursi, segundo o qual haveria três problemas no mundo: ignorância, conflitos e pobreza, para os quais Gülen propõe as seguintes soluções: a ignorância se resolve com a educação, a pobreza com a caridade e os conflitos por meio do diálogo⁶⁷, o que compõe parte dos pilares fundamentais do Movimento Hizmet, e é justamente o que propõe Gülen quando fala de uma educação que se baseie no diálogo intercultural.

Por essa razão, segundo um dos entrevistados, a ideia de abrir um colégio em outro país pode parecer louca aos ouvidos de um brasileiro, mas soa completamente normal para um integrante do Hizmet. Segundo ele, o movimento começa a sua expansão abrindo escolas pela Ásia, em países mais próximos da Turquia e com línguas e laços culturais mais aparentados, até se espalhar para todo o mundo, incluindo a América do Sul e África. No entanto, em alguns países essa expansão não se deu de maneira tão natural ou amigável como no caso do Brasil. No Mali, por exemplo, o governo só autorizou a abertura do colégio por meio de uma “propina”: a doação de 50 ônibus para o país.

Em 2004 chegou em São Paulo um professor turco, do movimento Hizmet, encarregado de avaliar as possibilidades de abertura de um colégio na cidade, fazer os contatos, averiguar os processos burocráticos, licenças e o melhor lugar para a abertura. Selecionou-se o bairro da Granja Julieta, bairro nobre da zona Sul da capital paulistana, e lá foi aberto o colégio no ano de 2006, após dois anos de pesquisas, investimentos e trâmites.

Imagem 9 - Imagem do colégio Hizmet “Belo Futuro” em São Paulo



Fonte: <<https://www.colegiobelofuturo.g12.br/tour-virtual/>>

⁶⁷ Informações vindas de entrevista.

O colégio, desde sua fundação, tornou-se um elemento de agregação e atração para os turcos que chegavam ou pretendiam vir para o Brasil. Os filhos e filhas de todos os entrevistados que ainda residem em São Paulo estudam no colégio e, um deles declarou que: “ter um colégio para receber seus filhos, sabendo que eles vão ter onde estudar. Um lugar que conhece a cultura, onde pode falar a língua, é um fator importante para se escolher vir para o Brasil”. Um outro relato nos fala sobre a importância da escola na escolha do país como destino, tanto para os imigrantes quanto para os refugiados. Segundo ele:

A comunidade não procurava uma escola que atendia o seu filho pela cultura, mas pela dificuldade que eles poderiam ter. Temos aqui um exemplo de um empresário que fugiu da Turquia, quando veio ele trouxe consigo outras duas famílias que tiveram problemas com as escolas, pois existe a ideia de que muitas escolas confessionais não aceitariam bem crianças muçulmanas.

A pequena comunidade Hizmet no Brasil, tem medo de colocar seus filhos em outras escolas. Esse tipo de pensamento não acontece por exemplo com alguém que se refugia no Canadá, por exemplo. Ele coloca o filho na escola sabendo que a aula será dada em francês ou inglês.

Eu acho que essa é a razão de tantos turcos estarem em St. Amaro.

Antes da fundação do Centro Cultural Brasil Turquia, em 2011, o colégio já oferecia à comunidade um importante espaço, inclusive no que concerne à divulgação cultural da comunidade, já que o colégio tinha cursos regulares de língua turca. O turco também chegou a ser ensinado de forma regular aos alunos, inicialmente como disciplina obrigatória no currículo, depois como optativa. Hoje a língua não é mais ensinada na escola, apesar de ainda existirem cursos eventuais de língua turca, direcionados principalmente, segundo dados dos entrevistados, a pais e mães casados com turcos e que têm filhos matriculados. No entanto, são cursos que se limitam ao básico da língua, normalmente com seis meses de duração ou aos finais de semana.

O colégio se declara em seu website como “internacional” e tem como prioridade atualmente o ensino da língua inglesa, de maneira que a língua turca foi gradualmente perdendo espaço na grade de ensino até ser completamente substituída pelo inglês. Um dos entrevistados relaciona a diminuição das aulas de turco também em parte aos eventos políticos de 2016:

A partir de 2016, com aquele desencanto, declarados como terroristas, todo o trabalho que tivemos para divulgar a língua turca, como fomos recebidos diferente, desencantou. Em 2017 decidimos não mais continuar com as aulas de língua turca. Hoje os alunos que recebemos são ensinados em português, de maneira que a escola já apresenta características de uma escola brasileira em quase 100%. Tivemos ainda algumas tentativas de manter os cursos de línguas, por exemplo, um curso de férias com trinta pais que queriam aprender. Na escola hoje só damos cursos básicos, com turmas fechadas e de curto período. Para os alunos que chegam de fora, tem um acompanhamento em língua turca, com leituras, apresentação de notícias em turco. É um acompanhamento, mas não vemos mais como indispensável. Eu queria que minhas filhas falassem turco na escola, para poder se comunicar com os meus pais. Mesmo que a escola tenha ensino bilíngue de inglês, a ideia foi desfazer a imagem de que a escola era uma escola dos turcos e por isso desviamos esse tipo de coisa (aulas de turco) para os fins de semana.

Apesar da redução das aulas de turco na escola, até o ano em que esta pesquisa foi concluída, o colégio ainda mantinha algumas atividades culturais relacionadas à Turquia que, associadas às atividades do CCBT, criavam um pólo de agregação e encontro da comunidade. Segundo dados do questionário digital, 88% dos que responderam disseram que participam dos eventos promovidos pelo Colégio Belo Futuro. Entre as mulheres, esse índice foi de 100% das respostas, mesmo entre as que se auto declararam solteiras ou sem filhos, o que demonstra que o CBF não é visto pela comunidade como um espaço de socialização predominantemente familiar, mas efetivamente comunitário.

Diferente, por exemplo, do colégio Hizmet de Caracas, cuja foto da fachada ostenta uma bandeira turca e na qual lemos a palavra turca *maarif* (educação) e, no site do colégio há publicações sobre as datas comemorativas turcas, o CBF não se apresenta mais como um colégio turco ou explicitamente ligado aos ideais do Hizmet. Podemos apenas encontrar alguns indícios com relação a isso, por exemplo, o site do colégio diz:

Educação para todos, com ênfase na educação pela paz, foi o lema principal que nos incentivou a trabalhar com educação pelo mundo desde 1983.

Em 2006 começamos a atuar no ramo educacional no Brasil, buscando consolidar uma formação embasada na capacitação integral de nossos alunos, no desenvolvimento de habilidades para a vivência de mundo (...)⁶⁸

⁶⁸Em: <<https://www.colegiobelofuturo.g12.br/o-colegio/>>. Acesso em 04/11/2020.

Ou seja, apesar do ano de abertura do colégio, 2006, o texto diz que há uma atuação pelo mundo desde 1983. O texto também nos traz alguns ideais do Movimento Hizmet, como “educação para a paz” e “vivência de mundo”. Lembremos aqui dos ideais de tolerância e multiculturalismo associados ao movimento.

O site do colégio também não traz qualquer turco como responsável por nenhuma área de gestão, de maneira que não seria mais possível identificar esse colégio como associado a uma comunidade específica e tão pouco ao Movimento Hizmet.

Para um dos entrevistados, essas mudanças, em parte, foram necessárias para que o colégio deixasse de ser visto pelos moradores como um “colégio dos turcos” e, segundo ele:

Um colégio com uma administração mais brasileira é melhor para todo mundo. Ainda temos algumas características turcas na administração, às vezes tem coisas difíceis por conta da cultura da gente que é mais humana e conflita com um jeito mais empresarial do brasileiro.

Apesar das mudanças e neutralização da imagem do colégio como associada à comunidade turca Hizmet, houve continuidade das atividades junto à comunidade. Um dos entrevistados nos contou que a festa junina, que antes não existia no colégio, passou a ser adotada, mas que comidas turcas, preparadas pelas mulheres da comunidade, eram servidas no evento, proporcionando uma união entre as distintas tradições culturais e religiosas.

O colégio, além de facilitador na criação de redes migratórias, também fortalece a transnacionalidade da comunidade por meio de eventos internacionais junto a outros colégios pelo mundo. Um grupo de alunos foi para o Turcomenistão em 2013, para representar o colégio em uma olimpíada de matemática e, segundo um relato, há muita troca de informações e conhecimentos entre os colégios, incluindo “encontros informais” organizados pelo Hizmet. Três alunos do colégio chegaram a frequentar universidades turcas, mas apenas dois conseguiram se formar, pois as universidades que frequentavam eram associadas ao Movimento Hizmet e foram fechadas pelo regime de Erdoğan.

As razões pelas quais os turcos começaram a migrar para o Brasil, como vimos, não estão unicamente ligadas à abertura de uma escola pelo Hizmet, mas antes disso, à soma de uma série de processos impeditivos em sua rota migratória histórica - que tinha a Europa como objetivo mais comum - e que levou o próprio movimento a rever as suas possibilidades de expansão pelo mundo, culminando então na busca por territórios ainda inexplorados pelos turcos, como o Brasil. No entanto, a criação de uma escola Hizmet em São Paulo é, sem

dúvida, o centro gravitacional ao redor do qual se formará a sua rede migratória, abrindo portas e concedendo informações e oportunidades para aqueles que buscavam destinos pelo mundo.

2. Os centros culturais e comunitários turcos no mundo

As escolas Hizmet não têm um centro administrativo que as regule, autorize ou não a sua abertura, essa decisão é tomada por empresários simpatizantes do movimento movidos por seus ideais.

Aqueles que chamamos aqui de maneira genérica de “centros culturais”, seguem o mesmo modelo de criação e expansão e por isso, há uma dificuldade inerente ao problema em quantificá-los histórica ou geograficamente. Suas fundações e objetivos são diversos e seus números, flutuantes.

Segundo Sayad, há uma característica do imigrante em se “instalar de forma mais duradoura na sua condição de imigrante” (SAYAD, 1998, p. 45) ou seja, de se perceber como tal, na sua diferença, dotado de elementos diversos aos da sociedade que os abriga. Portanto, valorizar esses elementos, seja sua língua, religião, culinária ou manifestações artísticas colocam essas comunidades nessa “condição de imigrante” da qual nos fala Sayad, ou nas palavras de um dos membros da comunidade: *quanto mais dizemos que ‘somos’ mais estamos integrados*.

Identificar-se na “condição de imigrante”, segundo Smith (1995), é um importante passo na formação das comunidades transnacionais, que, ao se conceber pelos seus membros, identifica os “outros que são migrantes como eles próprios e portanto, confiáveis” (Smith, 1995, p. 33). É justamente essa relação de confiança o motor que impulsionou, segundo Schiffauer, a formação de comunidades turcas que se viram diante de novos desafios após a percepção de que, para muitos, não haveria retorno para a Turquia depois do período trabalhado na Alemanha (SCHIFFAUER, 2005). Uma série de novos problemas surgiram para esses imigrantes; manutenção da língua e de tradições religiosas, criação dos filhos nascidos na Alemanha, possibilidades de casamento dentro da própria comunidade ou por meio da “importação” de maridos e esposas, conseguir trabalho, a necessidade de se manter contato com os parentes na Turquia, e ainda, a necessidade de assegurar o envio de remessas financeiras para eles (SCHIFFAUER, 2005). Logo, para o autor, essas comunidades, chamadas pelos turcos de *Kültür ve Yardimlasma Dernekleri* (Associações para cultura e

assistência mútua), surgem como uma resposta imediata à solução de muitos dos problemas apresentados.

Schiffauer nos diz que é comum na Turquia a ideia de que as crianças “devem pegar normas sociais e valores entre seus semelhantes” (SCHIFFAUER, 2005, pg 1134). Essas preocupações sobre a socialização se estendiam para o controle do espaço; as meninas tendiam a se limitar ao ambiente doméstico enquanto os meninos tinham mais liberdade de movimentação (MIHÇIAZGAN, 1986 in SCHIFFAUER, 2005). Esse controle do espaço se perde no processo migratório, e o contato com uma cultura diferente é sentida pelos pais como algo potencialmente danoso à criação dos filhos, segundo seus valores tradicionais.

Nesse cenário, os centros culturais também passaram a dar conta dessa demanda, na medida em que eram espaços de socialização e transmissão das tradições, calibrando os laços culturais dos imigrantes e assegurando um conforto para pais e mães ao saberem que seus filhos encontrariam um espaço de educação e socialização tradicionais que transcendia o doméstico, fortalecendo, portanto, os laços transnacionais (SCHIFFAUER, 2005).

Canales e Zolniski (2000), ao analisar tais associações no México, nos resume o quanto tais entidades têm valor não apenas cultural e de manutenção das tradições, mas também político e econômico dentro das comunidades que representam:

Analisa-se uma das formas mais importantes de organização política de caráter transnacional desenvolvida por imigrantes mexicanos nos EUA. O debate se centra no caso das denominadas “associações de comunidades de origem”, popularmente conhecidas como “clubes”.

Essas associações surgiram originalmente com o propósito de contribuir com os emigrantes para a melhoria das condições de vida de seus conterrâneos, mantendo contato com as comunidades de origem no México. Assim, as associações representam uma das principais formas de organização política transnacional por meio da qual os imigrantes mexicanos, transcendendo as barreiras políticas e geográficas que os separam de suas comunidades de origem, estão ativamente vinculados a elas. Geralmente são formados por migrantes de uma mesma comunidade mexicana e seu objetivo é enviar remessas e outros recursos materiais para melhorar as condições estruturais de seu lugar de origem (...). A análise dessas associações ilustra tanto as possibilidades de realização de ações coletivas em comunidades transnacionais a partir de suas redes e capital social, quanto dos limites e desigualdades sociais que as caracterizam.. (CANALES & ZOLNISKI, 2000, p. 423, tradução nossa).

Para os autores, essas comunidades surgem a partir de formas básicas e primárias de solidariedade, confiança e reciprocidade,

como [aquelas] que dão expressão e substâncias às comunidades transnacionais. Dessa forma, os atuais processos migratórios, diferentemente dos registrados no início do século XX, permitiram a criação de um campo social de significados e ações no qual as comunidades transnacionais podem se identificar como unidades discretas, ou seja, comunidades em si mesmas (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 419)

Todavia, a idealização, criação e manutenção de tais espaços não eram simples, dependiam de uma classe de trabalhadores mais qualificada, que só começaria a chegar na Alemanha nos primeiros anos da década de 70 (SCHIFFAUER, 2005). Diferente do que ocorreu em São Paulo, no qual desde o início do processo de imigração, a cidade já recebeu imigrantes altamente qualificados, permitindo encurtar o tempo de incubação para a gestação de seu centro cultural na cidade.

De acordo com os dados apresentados por Yutnaç (2012), há mais de duzentos milhões de turcos no mundo associados a tais comunidades, sendo elas não apenas pontos de contato entre esses turcos e seu país, como entre eles e outros milhares ao redor do mundo, bem como servindo de apoio para aqueles que se dirigem a esses países, oferecendo informações, estadia e, às vezes, até ajuda financeira (Yutnaç, 2012).

Tais comunidades também proporcionam um espaço de “solidariedade, confiança e reciprocidade” de que nos falam Canales e Zlolsniski (2000), por meio da emulação de um espaço que os remete às origens e a uma segurança imaginada, no qual podem usar a sua língua, comer a sua comida, professar a sua religião e manifestar seus hábitos culturais sem medo e sem risco, o que Tschoepe denomina de uma “paisagem doméstica” (homescape) que se define como uma “paisagem imaginária e materializada da memória, noções de pertencimento da coletividade, bem como intimidade cultural diaspórica compartilhada” (TSCHOEPE, 2017, p. 115).

Vlachou dirá que “a cultura tem o poder de criar espaços de encontro, livres, abertos, e não ameaçadores, ou seja, a cultura tem o poder de acolher. Tem o poder de criar espaços com o outro, onde a realidade se percebe de uma forma distinta e não midiática” (VLACHOU, 2017, pg. 8). Desse modo, esses centros culturais buscam criar para seus frequentadores essa atmosfera de acolhimento e segurança, mas também são modelos

consistentes de ações de comunidades transnacionais, quando se movimentam na direção da integração dos turcos de uma determinada região com seu país de origem e com outros turcos ao redor do mundo, por meio da troca de informações e assistência. Como complementam Canales e Zlolniski:

Não é em poucos casos que as redes sociais de reciprocidade, confiança e solidariedade operam também originadas pela condição étnica e migratória da população, que a localiza em uma situação de minoria social. Os trabalhadores migrantes, aprisionados em contextos de desigualdade e precariedade gerados pelo processo de globalização, buscam articular formas de responder, ainda que não de “retirar-se”, de tais processos como atores dentro de suas próprias comunidades. Nesse sentido, sua articulação por meio de comunidades transnacionais abre oportunidades de ação para enfrentar, a partir delas, a situação de vulnerabilidade. Os riscos do traslado, os custos do assentamento, a busca do emprego, a inserção social nas comunidades de destino, a reprodução cotidiana da família nas comunidades de origem, entre outros aspectos, tendem a descansar sobre o sistema de redes e relações sociais que configuram as comunidades transnacionais, de modo a facilitar tanto o deslocamento como a inserção laboral do imigrante (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 418, tradução nossa).

Schiffauer nos explica que essas instituições tendem a explorar seus espaços seguindo certos modelos, como a criação de cafés, que servem de local de encontro para seus membros, mas também como centros de debate, engajamento e ação política da comunidade (SCHIFFAUER, 2003).

Segundo o autor, “o envolvimento com questões de ordem política também cria um incremento das relações transnacionais entre esses centros e diversos outros ao redor do mundo, de fato, muitas dessas organizações parecem ser de ordem política ou religiosa (GREVE in SCHIFFAUER, 2003, pg 209).

Importante ressaltar que, quando falamos aqui desses centros culturais, estamos falando de um modelo de organização política, religiosa e assistencial que surge na Alemanha no final da década de sessenta e tem seu auge ao se organizarem de forma mais sistemática por meio de uma onda de imigrantes mais qualificados, por volta dos anos noventa (SCHIFFAUER, 2003). Todavia, essas organizações podem ter diversas filiações e direcionamentos políticos e podem funcionar de modos relativamente distintos. Na Alemanha, hoje, ao mesmo tempo em que há organizações como essas associadas ao

Movimento Hizmet, há também aquelas filiadas ao atual governo do presidente Erdoğan. Há organizações regionais, ou seja, que congregam turcos de regiões específicas fora de seu país e, mais recentemente, como veremos com mais detalhes no capítulo três, há intervenções do atual governo turco em muitas dessas instituições pelo mundo, o que as tem afetado muito - prejudicando em especial as suas práticas assistencialistas e de difusão cultural.

Na América Latina esses centros culturais são chamados de Internacional Anadolu DKM, Centros de lengua y cultura turca⁶⁹, e se encontram em diversos países, como Chile, Colômbia, Equador, Panamá, Peru, República Dominicana e Venezuela.⁷⁰

Diferente dos centros culturais que se originaram na Alemanha da diáspora, que seguiram um modelo comunitário de assistencialismo surgido de forma espontânea pelas necessidades dos imigrantes, as instituições que se seguiram a eles já tinham esse modelo pronto e testado há décadas pelas suas antecessoras e, portanto, seguem os mesmos moldes e são extremamente importantes para o fortalecimento das comunidades locais, mas não escondem a sua relação com o Movimento Hizmet, oferecendo, em geral, informações a respeito do movimento em suas páginas na internet.

3. O Centro Cultural Brasil Turquia (CCBT)

Segundo a publicação informativa do CCBT, a instituição foi fundada em 2011 como uma organização

não governamental, inspirada no Movimento Hizmet (...) por um grupo de turcos e brasileiros, com o objetivo de promover o diálogo, a compreensão, o respeito, o entendimento intercultural e a coesão social, realizando atividades culturais, acadêmicas e sociais, com apoio da comunidade turca e brasileira⁷¹ (CCBT, s/a, pg 3)

Portanto, o CCBT se apresenta como uma organização inspirada no Movimento Hizmet, como outras associações culturais latino americanas, o que permite que o CCBT mantenha estreitos laços de troca e diálogo pelo mundo, fortalecendo as suas atividades e suas redes e seguindo, como vimos, os mesmos modelos históricos assistenciais característicos dessas associações.

⁶⁹ Em: <<https://www.anadoludkm.com.mx/acerca-de>>

⁷⁰ Em: <<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-36866500>>

⁷¹ Catálogo do Centro Cultural Brasil Turquia. Também disponível digitalmente em <<http://brasilturquia.com.br/ccbt-1043.html>>.

Em São Paulo, o CCBT foi financiado por capital oriundo de doações de empresários turcos e por meio de atividades do próprio CCBT, como cursos de língua turca, artes turcas, como o Ebru⁷², cursos de português para estrangeiros, culinária turca, intercâmbios de alunos, palestras, exposições, shows, eventos culturais, jantares (imagem 10) e viagens financiadas. Um exemplo desse tipo de financiamento empresarial, que nos relatou um dos entrevistados, são as viagens que o CCBT promoveu para apresentar os empresários brasileiros a possíveis parceiros de negócio na Turquia. Também, segundo informações da instituição, organizou viagens "temáticas para diversos países", formadas por grupos de "gestores culturais, acadêmicos, formadores de opinião, autoridades e jornalistas" (CCBT, s/a, p. 30).

Imagem 10 - Foto de evento promovido na sede do CCBT



Fonte: <http://brasilturquia.com.br/fotos-da-filial-1329.html>

A instituição também manteve parcerias com diversas universidades e instituições culturais e de ensino, públicas e privadas, tanto na Turquia quanto no Brasil, organizando “cursos, debates, seminários, visitas acadêmicas e intercâmbio, entre outros trabalhos”⁷³.

⁷² Técnica de pintura turca.

⁷³ Em <<http://brasilturquia.com.br/atividades-em-universidades-1053.html>>. Acesso em: 10/03/2021

Destacam-se, entre suas parcerias, universidades e instituições como USP, FAAP, UnB, PUC-SP, UNICAMP, UNIRIO, UFRJ, Senac, Sesc, Centro Cultural Banco do Brasil, OAB, Centro Cultural São Paulo, entre outras.

Os seus objetivos de atuação estão descritos no 3º artigo do seu estatuto, como segue:

“.....Art. 3º - O CCBT tem por finalidade:

- a) promover, divulgar, apoiar, incentivar e coordenar trabalhos e eventos relacionados ao estudo dos diversos aspectos culturais das sociedades turca e brasileira;**
- b) fortalecer os laços entre as comunidades turca e brasileira, criar um espaço de referência e convivência entre pessoas de ambas as comunidades, promovendo a integração cultural das sociedades brasileira e turca, visando o estreitamento e a consolidação dos laços sociais entre os povos;**
- c) organizar e apoiar expressões culturais como a realização, no Brasil, na Turquia e em outros países, de apresentações, exposições e demais eventos, realização de encontros, seminários, discursos sobre temas de interesse de ambos os Países;**
- d) promover atividades educacionais e culturais variadas, difundindo a diversidade turca e brasileira nos costumes, na educação, no idioma, na música, teatro, cinema, literatura, artes, fotografia, dança, esportes;**
- e) realização de cursos para ensino dos idiomas turco, português e outros idiomas, bem como de gastronomia típica de ambos os países,**
- f) a prestação de serviços de interpretação e tradução, tanto para turcos como para brasileiros;**
- g) difundir o patrimônio cultural turco e brasileiro, propiciando uma interatividade entre as diferentes culturas, promovendo a aceitação das diversidades e o respeito entre os povos de ambos os Países;**
- h) a criação de uma rede de relacionamento entre os associados;**
- i) manter intercâmbio com quaisquer entidades, nacionais ou estrangeiras, que promovam o desenvolvimento das relações culturais com o Brasil e com a Turquia;**

- j) promover ações sociais e atividades destinadas aos seus membros e à comunidade em geral, diretamente ou através de instituições beneficentes, educacionais e outras, projetos de promoção de cursos livres e palestras, desenvolvendo, mantendo e divulgando a imagem social, econômica e cultural dos dois Países, incluindo os idiomas, costumes, gastronomia, e as expressões artísticas em geral;
- k) promover e praticar todos os atos inerentes e condizentes aos seus fins, bem como realizar qualquer atividade com eles relacionada;
- l) preparar, organizar, apoiar, editar, pedir, divulgar, publicar, de acordo com seus objetivos, livros, revistas, sites, filmes, peças de teatro, musicais, óperas;
- m) a representação dos interesses dos seus associados.....⁷⁴

O texto, como vemos, nos remete não apenas aos modelos das associações culturais já citadas, mas à criação de redes culturais, de informações e de amparo aos imigrantes, financiadas e apoiadas em grande parte pela própria comunidade local ou, segundo a instituição, por meio de “honorários de seus serviços, como cursos, traduções e consultoria, colaboração voluntária de seus associados e voluntários, parcerias com instituições culturais, acadêmicas e sociais e doações”⁷⁵.

A partir das informações fornecidas pelas entrevistas e dos dados gerados pelo questionário digital, se buscou entender a relevância que o CCBT teve na comunidade, bem como a possibilidade da instituição auxiliar na consolidação de redes migratórias turcas e na construção do que podemos chamar de uma comunidade transnacional por meio de suas atividades, conforme nos deixa claro o relato de um dos entrevistados, que enfatizou a importância que o centro cultural teve na criação de relações entre Brasil e Turquia:

O instituto tinha tudo para ser uma ponte entre dois países [Brasil e Turquia]; social, acadêmico e cultural. Nem tinha consulado [quando começamos], mas já tínhamos atividades informais desde 2006 ou 2007. Ninguém ligava para a embaixada ou consulado, ligavam para nós. Mudamos de espaço algumas vezes e isso valeu a pena. Cumprimos o nosso objetivo de virar uma referência e ajudamos os dois países a ter uma melhor relação, inclusive oficialmente. Só para ter ideia, por um tempo eu fui tradutor oficial dos dois governos, tínhamos um nível intenso de relação, organizando eventos toda semana com a

⁷⁴ Disponível em <<http://brasilturquia.com.br/ccbt-1393.html>>. Acesso em: 10/03/2021. Grifo nosso.

⁷⁵ Disponível em <<http://brasilturquia.com.br/apoio-ao-ccbt-1413.html>>. Acesso em: 30/04/2021.

embaixada e o consulado. Eles sempre nos elogiaram [Hizmet] como sendo os melhores representantes da cultura turca no mundo. Realmente tivemos esse papel. Fizemos a consultoria na novela que popularizou a Turquia⁷⁶ e, em seguida, a Turkish Airlines inaugurou voos diários para Istanbul.⁷⁷

Outro relato nos diz:

Os cursos de língua e cultura turca e de civilização islâmica que demos [CCBT] na PUC e USP formaram centenas de pessoas. Organizamos muitas viagens em parceria com a Turkish Airlines, que a cada cinco pessoas concedia uma passagem de graça. Também fizemos a consultoria da novela Salve Jorge, que embora não tenha mostrado o turco como de fato é, e tenha reforçado alguns preconceitos que as pessoas tinham, serviu para mostrar as belezas e outras faces da Turquia. Isso popularizou muito a Turquia aqui, e tudo isso foi construindo uma mensagem mais correta da Turquia. Eu diria que mais do que os turcos conhecem hoje sobre o Brasil os brasileiros conhecem sobre Turquia.

Constatamos, por meio das respostas do questionário digital, que 94% da comunidade frequentava os eventos promovidos pelo CCBT, o que o converte no mais importante pólo de agregação da comunidade. A quantidade de eventos que o CCBT promoveu, bem como a variedade dos mesmos, permitiu também uma interação dos turcos com indivíduos de fora da comunidade, propiciando oportunidades de trabalho e negócios, como nos foi relatado em entrevista.

Para um dos entrevistados, o CCBT era de fato o que unificava a comunidade em São Paulo e que, por meio de seus contatos, promovia o diálogo com turcos de fora da cidade, em especial com aqueles do Rio de Janeiro e Brasília. Ele nos relatou também que, na Alemanha, foi o Movimento Hizmet, na figura dos centros culturais, que ajudou a integrar uma comunidade que era de certa maneira fragmentada pois, como vimos, apesar dos centros culturais existirem na Alemanha desde o final do anos sessenta, os mesmos não gozavam necessariamente de uma integração ou comunicação.

⁷⁶ Novela Salve Jorge, exibida a partir de Outubro de 2012 pela rede Globo.

⁷⁷ Os voos da Turkish Airlines, entre São Paulo e Istanbul, aumentaram de 190 em 2012 para 299 em 2013 chegando a 365 em 2014. Fonte: Agência Nacional de Aviação Civil - ANAC. Histórico de voos, base de Voo Regular Ativo - VRA. Disponível em <<https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/historico-de-voos>>. Acesso em: 07/07/2020.

Os serviços do CCBT foram essenciais na abertura, em São Paulo, do Consulado Geral da Turquia. Os membros do CCBT auxiliaram o governo turco na busca por um imóvel no qual instalar o consulado, bem como na tradução e trâmites das documentações necessárias. Por anos, os funcionários do Consulado frequentaram as instalações do CCBT e participaram de suas atividades, promovendo também ações em conjunto, inclusive no que concerne às viagens promovidas em parceria entre o CCBT, a Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira (CCITB) e o Consulado Geral de São Paulo, com o objetivo de incentivar as relações comerciais Brasil - Turquia.

Também auxiliaram nas visitas oficiais do governo turco ao Brasil, nas quais os seus integrantes mais antigos serviram de tradutores e intérpretes, inclusive na visita que Erdoğan fez ao Brasil em 2011, tendo o premier, segundo relatos, elogiado enormemente as ações do Hizmet no Brasil.

o consulado turco veio depois de nós (Hizmet) para São Paulo. Então, a gente sabia como eles (Erdoğan) funcionavam. Eu mesmo aluguei o escritório do adido cultural da Turquia. Inclusive quando o Erdoğan chegou aqui, o diretor do protocolo de segurança dele disse que só confiaria na gente (Hizmet). A gente apoiava muito ele logisticamente. Por exemplo, o pavimento para os escritórios administrativos da Turquia em São Paulo foi “feito” pelos turcos associados ao movimento. Os diplomatas não tinham toda a preparação. A gente ajudava eles. O consulado está aqui para os turcos.

Em 2012, também foram os membros do CCBT que serviram como intérpretes da então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, na visita que ela fez à Turquia.

Esses são exemplos coletados, das entrevistas realizadas com membros da comunidade, que demonstram a importância e a força de atuação, penetração e influência que o CCBT desenvolveu ao longo dos anos, corroborando o que diz Yurtnaç de que, tais comunidades, quando organizadas, têm enorme influência política, e podem representar até mesmo os interesses de países (YURTNAÇ, 2012).

4. O CCBT e a criação das redes migratórias

Surgiu, por muitas vezes durante as entrevistas, exemplos de como o Hizmet, na figura de seus simpatizantes e não necessariamente enquanto organização, é capaz de auxiliar

o processo de migração e refúgio dos turcos. Para os entrevistados, é claro o quanto as informações favorecem a escolha de um país de residência ou refúgio, inclusive quando parte das fronteiras do mundo estão fechadas ou menos permeáveis à entrada deles. Um dos relatos nos disse que, na sua opinião, as pessoas (do Hizmet) que migram ou pedem refúgio, se sentem mais “seguras”, porque já sabem o que vão encontrar em cada país. As informações circulam por meio das redes criadas pelo movimento e servem de ponto de decisão para os que desejam ou necessitam deixar o país.

Outro relato nos contou que: “no movimento existe um apoio, por exemplo, se eu quiser sair e ir para a Nigéria, só com dois contatos eu chegarei lá e vou ser tratado como se fosse um amigo antigo. Há uma confiança muito grande. Quando eles vieram (outros imigrantes e refugiados turcos), eles já sabiam disso.”

Hoerder (1999, apud TRUZZI, 2008), nos explica que tais decisões de migração são de fato tomadas com base em informações confiáveis vindas de outros membros da comunidade pois, segundo o autor:

Os mapas mentais dos que pensam em emigrar são diferentes dos mapas geográficos. Locais em outro continente, mas com parentes e empregos, podem ser emocional e materialmente próximos, enquanto espaços sociais vizinhos, mas sobre os quais não se tem muitas referências, podem parecer muito distantes. Os emigrantes potenciais preferem informação e, sempre que possível, de confiança (HOERDER, 1999, apud TRUZZI, 2008, p. 207)

O Hizmet criou de maneira muito sofisticada uma complexa rede de troca de informações no mundo inteiro, em diversos continentes e, como vimos, em mais de cem países. Desde os anos oitenta há um fluxo de informações que foram se somando e abrindo novos caminhos às decisões migratórias turcas pelo mundo, permitindo dessa maneira a penetração e organização dessa comunidade em regiões até então inexploradas.

Associados aos centros culturais que já existiam desde o fim dos anos sessenta e às escolas Hizmet, que iniciam a sua expansão no início dos oitenta, criou-se uma rede de literalmente milhões de indivíduos entre a Turquia e o resto do mundo.

Para Massey (1988 apud TRUZZI, 2008, p. 203) as “redes migratórias podem ser definidas como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”, o que segundo Macdonald e Macdonald (1964) se diferencia de um

modelo de imigração “impessoalmente organizada”, que movimenta os sujeitos conforme interesses meramente econômicos ou institucionais, como ocorreu no primeiro grande fluxo diaspórico turco para a Alemanha, no entanto, o que se forma depois não se sustenta exclusivamente por meio dessa impessoalidade, mas depende de um contínuo e confiável fluxo de informações e experiências vindas dos outros.

Truzzi (2008) enfatiza a importância da transmissão de informações entre os imigrantes na criação de redes migratórias, nas quais amigos, conhecidos ou parentes alimentam de informações aqueles que pretendem se deslocar de seus países de origem, pois, se bem sucedidos, os primeiros a chegar fomentam a vinda de outros e esse processo se dá por meio de uma transmissão confiável de informações, “no tocante às perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem” (TRUZZI, 2008, p. 203).

Nesse sentido, as ações do CCBT foram fundamentais para a criação de uma sólida rede migratória que viabilizou a atração de novos turcos para a cidade, mas, como demonstra Truzzi (2008), a importância da análise das “associações étnicas” não reside apenas na sua ação como influenciadoras para a vinda de novos membros, mas também como facilitadoras de sua permanência:

Compreende-se que os vínculos sociais possam ser valorizados não apenas na sociedade de origem, instruindo a decisão de emigrar, mas também na sociedade de recepção, após a emigração. Daí o valor estratégico dos vínculos comunitários também no período de integração à nova sociedade, normalmente estudados segundo uma série de indicadores, entre os quais os padrões residenciais, ocupacionais, matrimoniais e o vigor das associações étnicas (...).

O que se deseja, em cada um desses casos, é justamente aferir o grau em que as redes pré-emigratórias ainda operam no novo país, a ponto de influenciar, respectivamente, aglomerações espaciais, opções profissionais, taxas de endogamia e esferas de sociabilidade próprias a cada grupo de imigrantes (TRUZZI, 2008, p.210)

Portanto, essas redes se sustentam por meio de informações confiáveis que em larga medida são portadoras de um sentimento de estabilidade no destino; que transmitem àqueles que pretendem migrar a confiança de serem bem recebidos, de terem estadia, trabalho e uma comunidade de acolhida, função que tem sido desempenhada em grande parte pelos centros

culturais comunitários, como é o caso do CCBT e, em se tratando das movimentações dos turcos pelo mundo, por meio das informações e oportunidades apresentadas a eles pelo movimento Hizmet.

O Hizmet passou a ser conhecido não só como um gerador de oportunidades de ensino e, portanto, de ascensão social na própria Turquia, por meio de suas iniciativas educacionais, mas também como um passaporte para aqueles que almejavam sair do país, tanto de forma definitiva quanto temporária, a partir dos programas de estudo ou trabalho oferecidos pelo movimento em suas mais diversas atuações. Nos conta um dos entrevistados:

O movimento era conhecido por empregos fora da Turquia para quem tem licenciatura. Ensinar a língua turca era uma coisa que ele pregava (...) Eu era gerente de um alojamento de 160 alunos e tinha senhores que faziam a intermediação. Fiz a entrevista e eles perguntaram se eu queria trabalhar no exterior e eu disse que sim, queria trabalhar. Nem todo mundo queria sair do ninho, mas eu sempre quis trabalhar fora da Turquia. Falaram que tinha uma vaga no Brasil e fiquei surpreso. Foi na mesma época dos conflitos do Líbano-Israel.

Falei que tinha vontade e os donos da escola disseram que precisava (de professor no Brasil). Demorei um ano para vir. Fiquei estudando sobre o Brasil e estudando português com um dicionário.

Vim sozinho e em 2009 falei que queria casar. Meu irmão me ajudou a encontrar minha esposa, nós conversamos, e ela veio em 2009.

Para aqueles que queriam sair do país, as informações fornecidas pelos membros do movimento pelo mundo foram cruciais na tomada de decisão. De acordo com os dados do questionário digital, 81% declararam em suas respostas ter recebido algum tipo de ajuda ao migrar para o Brasil, sendo que 44% deles indicaram que tal ajuda veio por meio de informações de residentes (gráfico 20). As principais formas de auxílio recebidas foram para aprender o português, 38% declararam ter recebido ajuda para o aprendizado da língua, e com alojamento na chegada. Tais tipos de ajuda demonstram que são recebidas por indivíduos já instalados no país, que já têm algum domínio da língua e capacidade de receber novos imigrantes ou refugiados, seja oferecendo lugar em sua própria residência ou auxiliando com os trâmites de um aluguel.

Segundo relato nas entrevistas, o próprio CCBT serviu por algum tempo como residência de refugiados, perseguidos pelo atual governo. Houve situações de empresários que tiveram seus bens confiscados pelo regime e até de famílias inteiras que receberam

abrigo nas instalações do CCBT. Esses refugiados chegaram também a receber algum tipo de ajuda financeira quando da sua chegada ao Brasil, valores angariados dentro da própria comunidade.

A ajuda financeira aparece em quinto lugar na relação de auxílios normalmente recebidos pelos imigrantes e refugiados. 31% responderam que receberam alguma ajuda financeira. Outro exemplo de como a comunidade é capaz de se organizar nesse sentido surgiu por meio das entrevistas, quando nos foi relatado que, quando um dos integrantes da comunidade foi preso no Brasil, acusado de terrorismo pelo regime de Erdoğan, a comunidade se organizou em uma “vaquinha”, nas palavras do entrevistado, para pagar pelo advogado que apresentou sua defesa.

Gráfico 20: Percentual de respostas: Tipo de ajuda recebida ao migrar⁷⁸



Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do questionário digital

A obtenção de documentos também figura entre as principais necessidades de ajuda daqueles que chegam ao Brasil. Foram 31% os que declararam ter recebido ajuda com seus papéis, que segundo Bógus e Fabiano (2015), figura como uma reclamação comum aos imigrantes, demonstrando que é um problema que afeta a toda uma classe de sujeitos migrantes:

A outra grande reclamação dos imigrantes é comum tanto a estrangeiros quanto a brasileiros: os trâmites burocráticos que desafiam os limites da paciência e a dificuldade de resolver as coisas de uma única vez. Constatações como a agressividade latente na sociedade; sem citar somente o fato da violência, mas a

⁷⁸ Nesta questão era permitida a seleção de mais de uma opção. Os percentuais são relativos ao total de indivíduos que responderam ao questionário.

agressividade das pessoas, por exemplo, no trânsito, e principalmente a grande dificuldade de resolver os pequenos problemas do dia-a-dia, acabam minando a paciência daqueles que vêm de longe (BÓGUS & FABIANO, 2015 p. 139).

Entre os turcos, nos contou um dos entrevistados que:

A burocracia no Brasil é enorme, quem chega nem sabe por onde começar e os papéis da Polícia Federal são complexos. Alguns nem estão traduzidos para o inglês, ou estão traduzidos para o francês, então a gente não entende. É difícil para quem chega, inclusive para conseguir se comunicar na PF onde ninguém fala inglês. Tem sempre alguém (antigo na comunidade) que acompanha quem precisa.

Outro dado importante levantado pelo questionário digital é no que se refere às origens da ajuda recebida por esses imigrantes e refugiados (gráfico 21). Para 63% deles, a ajuda veio por meio do Movimento Hizmet. Como vimos no relato de um dos entrevistados e nos dados apresentados acima, a ajuda pode ser tanto na forma de informações sobre o destino, quanto de oportunidade de trabalho, alojamento ou até mesmo financeira em certos casos.

Também, 44% da comunidade declarou ter recebido ajuda de amigos ou conhecidos, mas apenas 19% a ajuda de familiares, o que nos surpreendeu de certo modo, tendo-se em conta a estrutura extremamente familiar da sociedade turca, no entanto, segundo Truzzi (2008) há uma confiabilidade maior nas informações recebidas por meio das “relações sociais primárias” (TRUZZI, 2008, p. 206), ou seja, por aqueles membros mais confiáveis da comunidade, em especial, os parentes (TRUZZI, 2008; MACDONALD & MACDONALD, 1964).

No caso da comunidade turca, os parentes foram “substituídos” pelos membros da comunidade Hizmet, que emulam essa confiança das “relações primárias” familiares, circulando as informações em um espaço imaginado de segurança e confiabilidade assegurado pelos próprios ideais do movimento, como podemos constatar pelo gráfico 21.

Gráfico 21: Percentual de respostas: Origem da ajuda recebida ao migrar⁷⁹

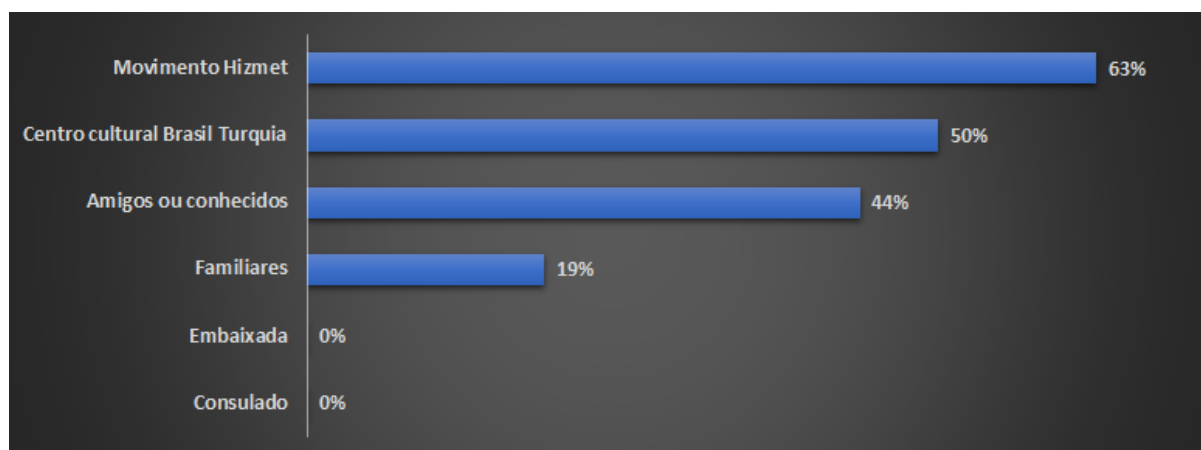


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do questionário digital

O CCBT figura em segundo lugar como o que mais forneceu ajuda aos imigrantes e refugiados, tendo sido apontado por 50% daqueles que responderam ao questionário.

Já vimos o quanto o centro cultural foi capaz de se organizar para acolher em sua sede alguns refugiados turcos e suas famílias, bem como, por meio de seus integrantes, foi capaz de arrecadar fundos para causas urgentes que envolviam a comunidade.

Tal como outras instituições turcas semelhantes pelo mundo, o CCBT colabora para a formação de uma rede migratória entre os turcos, promovendo o contato e a interação entre comunidades dispersas pelo mundo e também com seu país de origem, fazendo circular informações e oportunidades para aqueles que chegam ao país ou que pretendem, por qualquer razão, migrar ou refugiar-se. Verificou-se que a instituição oferece ajuda e auxílio em várias frentes, não apenas como mera organização cultural, mas como agregadora e dinamizadora das ações da comunidade em direção aos seus interesses.

5. A Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira (CCITB)

A CCITB, localizada no bairro da Granja Julieta, de acordo com as informações de um dos seus fundadores é uma instituição que oferecia uma ponte comercial entre empresários turcos e brasileiros, ou mesmo entre empresários turcos que estavam atuando aqui no Brasil com possíveis investidores ou parceiros também turcos, tudo com intermédio

⁷⁹ Nesta questão era permitida a seleção de mais de uma opção. Os percentuais são relativos ao total de indivíduos que responderam ao questionário.

de uma grande associação de empresários na Turquia chamada TUSKON, que aglutinava milhares de empresários e empresas turcas em um grande conglomerado de informações.

No entanto, as suas atividades foram consideravelmente diminuídas após os eventos de 2016 na Turquia, que serão melhor explorados no capítulo três, e, por conta disso, há poucas informações sobre a sua atuação atualmente.

Torna-se evidente o quanto a entidade quase não atua mais ao visitarmos seu site que está quase que inteiramente “em construção” e nos traz apenas algumas informações, dentre elas, a de “quem somos nós”, que explica brevemente o histórico, funções e atuações da entidade desde sua fundação em 2013:

A Associação Empresarial Brasil-Turquia (ASEBT) foi fundada pelos empresários brasileiros e turcos em 3 de março de 2011. E em Maio de 2013 nossa Associação ASEBT mudou seu nome para CCITB (Câmara de Comércio e Indústria Turco - Brasileira).

Os principais objetivos da fundação da CCITB nos países estão se desenvolvendo rapidamente nos últimos anos, a fim de aumentar o comércio bilateral e explorar o potencial econômico dos dois países.

Logo após um curto período de instalação, a CCITB fez um acordo de cooperação com a maior entidade comercial da Turquia, a Confederação de Empresários e Industriais da Turquia (TUSKON). Com este acordo, a CCITB conseguiu um grande apoio na Turquia e, com a própria experiência de mercado no Brasil, começou a trabalhar no apoio aos empresários das áreas comerciais dos dois países.

Da mesma forma que a CCITB acompanha empresários turcos em visita ao Brasil, ela facilita a experiência empresarial de brasileiros em visita à Turquia. Com sua própria estrutura e entidades parceiras, fornece o instrumental necessário para que os empresários interessados desenvolvam suas atividades em ambos os países. Além disso, a CCITB pesquisa e prepara relatórios sobre setores econômicos potencialmente interessantes para os dois países. Os relatórios elaborados pelo setor são compartilhados com as empresas líderes de mercado e encontros setoriais.

Além de trabalhos comerciais, também são organizados trabalhos sociais e culturais. No primeiro ano de estabelecimento, numa parceria entre seus membros, empresários turcos e municípios do distrito, a CCITB promoveu a doação de alimentos para famílias carentes e deu o primeiro passo para criar uma tradição.⁸⁰

⁸⁰ Em <<https://www.ccitb.org.br/quem-somos>>. Acessado em 05/05/2021

Era por meio da troca de informações que atuava a CCITB, organizando viagens e encontros entre empresários e promovendo eventos no Brasil e na Turquia, com base em uma vasta carteira de associados da TUSKON. Durante a visita que a presidenta Dilma Rousseff fez à Turquia, ela mesma participou de um evento na TUSKON, para comemorar as profícuas relações comerciais entre o Brasil e a Turquia.

Conforme nos foi relatado em entrevista, muitos empresários antes dos eventos de 2016 escolhiam investir na África ou na Europa, por conta da proximidade, mas alguns vieram para o Brasil atraídos pela rede de contatos do Hizmet no país.

Após 2016, se espalharam “pelo mundo todo”, mas ainda tendo preferência pela facilidade de investimento nos países africanos. Os que vieram para o Brasil, vieram por indicação ou convite de amigos do movimento, com o objetivo de se “reconstruir” aqui, já que para muitos, o maior impacto sentido no governo Erdoğan foi o confisco de seus bens e o fechamento de suas empresas.

As intervenções que o governo Erdoğan fez na TUSKON, praticamente encerrando suas atividades por considerá-la associada aos interesses do Movimento Hizmet, gerou um impacto muito grande nessas relações comerciais que tinham sido estabelecidas, e a CCITB passou então a receber no Brasil esses empresários em fuga, oferecendo as informações necessárias para que pudessem montar e conduzir os seus negócios no país.

A instituição passou a ajudá-los por meio de informações básicas, como a contratação de funcionários, contato com fornecedores, como fazer compras de materiais e insumos pela internet. Acompanhava os empresários recém chegados para compras no bairro do Brás, região central de São Paulo, e oferecia a eles um pequeno curso de português, apenas com o nível necessário para se comunicar no dia a dia.

Para que não encerrasse completamente as suas atividades, essas orientações foram o foco da instituição após 2016.

6. As redes migratórias turcas:

Os turcos já residem hoje em 170 dos 193 países do mundo⁸¹, e o modelo de atuação do Movimento Hizmet, que se expandiu por meio de suas instituições educacionais, inspirando a criação de centros culturais, é, como vimos, o molde pelo qual as redes migratórias turcas, daqueles indivíduos simpatizantes do movimento, se organizam.

⁸¹Fonte<<https://www.dailysabah.com/turkey/2018/07/02/turkish-citizens-live-in-170-of-the-worlds-193-countries-study>>. Acesso em: 17/11/2021

Ao analisarmos os dados oriundos do questionário digital, que nos traz o histórico de movimentações desses turcos pelo mundo antes de se instalarem em São Paulo - como solicitantes de refúgio ou não, e cruzando esses dados com os relatos das entrevistas, entendemos as razões pelas quais apareceram na pesquisa, como rotas de passagem, países como Irã, Iraque, Rússia, Marrocos, Angola, Quirguistão e Etiópia, sendo que 19% declararam Adis Abeba como sua última cidade de residência.

A capital etíope já era uma rota antiga dos voos da Turkish Airlines⁸² e, uma breve pesquisa, mostrou que a cidade tem ocupado um lugar de destaque como destino para os turcos na África. Além de um escritório da Turkish Airlines⁸³, a cidade conta também com alguns restaurantes turcos localizados no centro da cidade⁸⁴, uma conta do Twitter com mais de 3.500 seguidores chamada “Turkey in Ethiopia”⁸⁵ e um site que objetiva facilitar o contato de expatriados turcos na cidade⁸⁶. Em Fevereiro de 2021 foi inaugurada uma nova sede da embaixada da Etiópia em Ankara, evento no qual o então ministro das relações exteriores da Turquia, Mevlüt Çavuşoğlu, declarou que ambos os países têm “fortes laços históricos”.⁸⁷

Esses dados evidenciam uma rede migratória que tem como destino e trânsito a Ásia, África e América do Sul, e não mais os países europeus, como nos foi relatado por um dos entrevistados quando nos disse que “muitos escolheram o Brasil por uma questão de facilidade de visto, mas aqueles que puderam, migraram para os EUA ou Canadá”.

Em São Paulo, o Hizmet, desde sua chegada em 2004, proporcionou uma sólida rede de troca de informações e experiências entre os turcos. Como vimos, os primeiros a se instalar na cidade vieram a convite do movimento, mas logo em seguida já ofereciam apoio àqueles que pretendiam migrar, como constatamos abaixo, por meio dos relatos de distintos entrevistados:

Quem chegou antes teve mais dificuldade. Quando eu cheguei em São Paulo, em 2007, não tinha quase ninguém [turcos]. Cabíamos todos dentro de um carro, mas já tinha gente pra me ajudar. Eles já abriram a porta, já criaram um ambiente seguro.

⁸²Fonte: <<https://web.archive.org/web/20160730202523/http://www.turkishairlines.com/download/timetable/kis-tarifesi-2016-subat.pdf>>. Acesso em 10/11/2020.

⁸³ Fonte <<https://airlines-airports.com/turkish-airlines-sales-office-in-addis-ababa-ethiopia/>>

⁸⁴ Fonte <https://www.tripadvisor.com/Restaurants-g293791-c10663-Addis_Ababa.html>

⁸⁵ Fonte: <https://twitter.com/tc_addisabababe>

⁸⁶ Fonte: <<https://www.internations.org/addis-ababa-expats/turkish>>

⁸⁷ Fonte:

<<https://www.dailysabah.com/politics/diplomacy/turkeys-relations-with-ethiopia-based-on-partnership-turkish-fm>>. Acesso em 07/05/2021

Para um turco que não conhece o Brasil, ter uma escola e uma comunidade aqui já facilitava muito a decisão de vir. As pessoas na Turquia, quando se fala em Brasil, só sabem de praia, samba e futebol. As notícias só mostram as favelas e a violência, então, não tinha muito interesse do pessoal de vir para cá. Só pra turismo mesmo. Ter uma comunidade aqui, para tirar as dúvidas, facilitou muito.

Vir para um país onde não se conhece nada é muito difícil. No meu caso, o Hizmet já tinha aberto as portas para os jovens. A nossa história e cultura é muito rica e o movimento colocou o mundo em contato com tudo isso - os turcos em contato com o resto do mundo. É importante levar nossa cultura para o mundo e receber alguma coisa em troca, pois o mundo está globalizado.

Quando o mundo estava menos integrado, Gülen já tinha previsto que isso ia mudar e o Hizmet facilitou tudo. Eu não sabia nada, mas o movimento já tinha facilitado todo esse caminho, então a decisão [de vir para o Brasil] não foi difícil.

A gente tinha [até 2016] muitos contatos com várias entidades e conseguia encaminhar muitos currículos. Mas quem vem do Hizmet para São Paulo sempre conversa com a gente antes; para fazer algum estudo acadêmico, se é empresário, se tem filhos fala com o pessoal da escola. Sempre faz uma prévia e uma consulta antes. Quem vem para montar negócios, muitas vezes vem sem opção porque muitos países pedem o visto para os turcos e o Brasil é uma exceção. Então, quem vinha, sempre vinha já com um propósito.

Para aqueles que chegam, se instalar em São Paulo não representa, de maneira alguma, uma sentença de isolamento do restante da comunidade pelo mundo. As portas continuam abertas e as oportunidades continuam surgindo.

A pesquisa mostrou que 94% declaram ter parentes ou amigos vivendo em outros países. Em especial: EUA, Canadá, Inglaterra, Alemanha e outros países europeus não especificados. O gráfico 22 mostra a proporção de parentes ou amigos vivendo em cada região ou país, segundo os dados do questionário digital. Entre os entrevistados, todos declararam ter parentes ou conhecidos na Turquia.

Esse modelo de rede de informações e conexões explica a razão pela qual, após os eventos que geraram as perseguições políticas e afetaram seriamente a comunidade Hizmet no Brasil, muitas famílias rapidamente deixaram o Brasil em direção a países como EUA e Canadá. Segundo informações das entrevistas, essas fugas ocorreram em um período

relativamente curto, demonstrando que estavam envolvidos, pelo menos em algum aspecto, elementos facilitadores para tais deslocamentos.

Gráfico 22: Percentual de respostas: Parentes ou amigos vivendo fora do Brasil

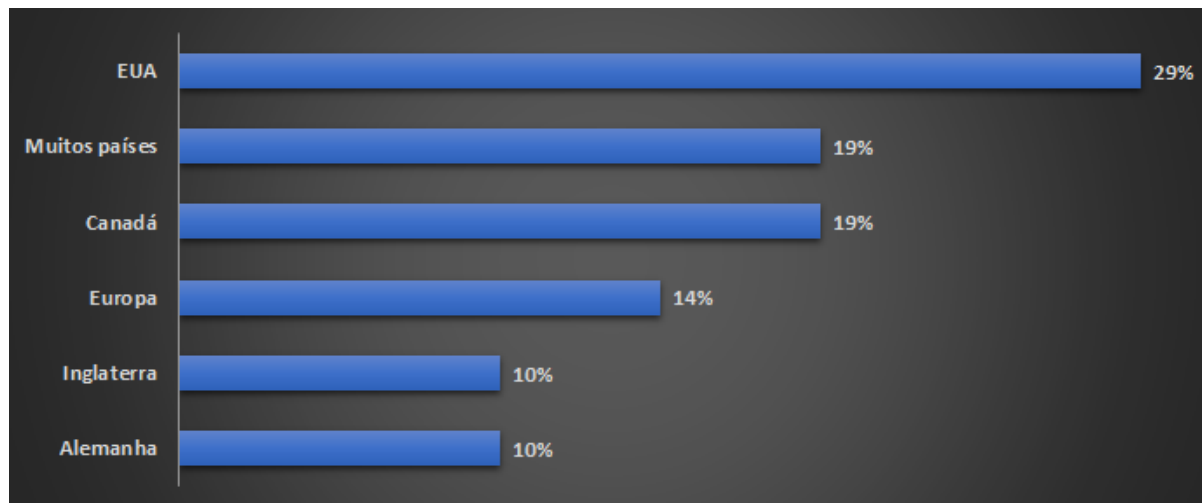


Gráfico elaborado pelo autor, com base nas informações do questionário digital.

Os dados do questionário também revelaram que 75% dos que chegaram em São Paulo não vieram sozinhos, mas acompanhados por algum membro da família, 56%, ou amigos e conhecidos, 19%.

No entanto, se considerarmos apenas o percentual daqueles que chegaram antes de 2010, veremos que 50% deles vieram sozinhos e, considerando os números após 2010, o percentual se reduz para apenas 22% de imigrantes que vieram sós. Esses números indicam o quanto a composição de uma comunidade local contribuiu para que mais imigrantes obtivessem confiança para inclusive trazer consigo as suas famílias. Parte dos entrevistados nos relatou ter trazido algum membro da família após devidamente instalados em São Paulo e, os números da pesquisa mostraram que 19% declararam ter trazido algum membro da família para o Brasil, com destaque para mulher, filhos e sogra.

Esse fenômeno é chamado por Mcdonald e Mcdonald (1964) de “imigração defasada da família”, que se opera quando o imigrante, já devidamente instalado no país de destino e confiante da estabilidade de sua situação, “importa” membros de sua família que permaneceram no país de origem, com o objetivo de reconstituir o núcleo familiar temporariamente rompido.

Dos entrevistados, 44% consideram que sua vida está melhor no Brasil do que na Turquia, número que não surpreende se comparado ao alto percentual de refugiados que

compõe atualmente a comunidade turca e que tiveram que abandonar tudo o que tinham para fugir do regime de Erdoğan, e para os quais, a adaptação ao país ainda está em processo. Ressaltamos aqui também todas as dificuldades e limitações que esses refugiados turcos no Brasil têm em se comunicar com seus parentes que ficaram na Turquia. Essa foi uma preocupação comum a muitos entrevistados.

Todavia, alguns relatos nas entrevistas mostraram o quanto parte da comunidade está, apesar de todas as atribulações recentes, feliz com a sua condição:

Quando eu viajava para a Turquia, eu criticava o país. Dizia que a vida estava muito tensa por lá. Quando minha mãe visitou o Brasil e voltou para a Turquia, concordou que lá tudo é muito tenso. Uma acupunturista me disse que os turcos são tensos por natureza, muito estressados. Uma coisa que aprendi no Brasil é isso; como eu sou estressado. Por conta da aparência, causava espanto quando eu dizia a minha idade, mas quanto mais brasileiro eu fico, menos eu envelheço.

Os números apontaram que a comunidade está aos poucos se “abrasileirando”, pois dos 75% que declaram ter filhos, 67% já tiveram filhos no Brasil, o que significa que 45% das crianças da comunidade já são brasileiras. Esses números são significativos dentro de uma comunidade tão pequena, e reforçam a sua necessidade de se movimentar em direção a instrumentos de manutenção cultural, como é o caso do CCBT para que não perca uma parcela significativa de suas tradições em pouco tempo, como testemunham os relatos preocupados dos seus membros com relação à manutenção da língua turca, fenômeno equivalente ao ocorrido na Alemanha e que nos foi apresentado anteriormente por meio das pesquisas de Schiffauer (2005).

A criação de espaços transnacionais torna-se fundamental na manutenção desses elementos culturais que se dissolvem no transcorrer de tão pouco tempo, fagocitados por uma sociedade hospedeira que tem uma enorme força de atração para os seus próprios valores simbólicos.

Canales e Zolniski nos apontam que a configuração dessas comunidades transnacionais passa pela criação de redes sociais e de espaços transnacionalizados, formadas por um “denso sistema de redes sociais que cruzam as fronteiras políticas e que são criadas pelos imigrantes em busca de reconhecimento social e avanço econômico” (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 420). Para os autores, essas redes dependem de uma série de fortes vínculos que são criados entre os indivíduos, como os de solidariedade, identidade e

reciprocidade, mas também por meio daqueles que já existiam, às vezes antes mesmo de ocorrer a migração, como vínculos familiares e de amizade.

Tais vínculos geram toda uma atividade de comunicação e trocas que ultrapassam os limites e as barreiras políticas, geográficas e culturais, formando o tecido social das comunidades transnacionais (CANALES & ZLOLNISKI, 2000) que de muitas maneiras se vinculam às suas comunidades de origem.

Para os autores, essa recriação dos valores e padrões das comunidades de origem, que vimos refletidos na pesquisa por meio das instituições, é fundamental para o seu sentido de pertencimento a uma comunidade imaginada, que se mantém em paralelo a todas as outras formas de pertencimento e cidadania das comunidades políticas que os recebem pelo mundo (CANALES & ZLOLNISKI, 2000). Imaginar-se no lugar de pertencimento é criar vínculos com suas origens, com seus valores e suas tradições, e tais vínculos se criam e se mantêm pelo esforço do contato e da conexão entre sujeitos locais ou dispersos, ou seja, por meio de uma circulação simbólica.

Reforçam ainda que tais vínculos dependem igualmente da criação e manutenção de construções também no âmbito material dentro do tecido social (CANALES & ZLOLNISKI, 2000), para que resistam às pressões relativas à exclusão econômica e social. Essa resistência se produz pelo auxílio, muitas vezes de ordem material e financeira que se mantém dentro da comunidade. Schiffauer (2005) nos relata em sua pesquisa a criação de redes econômicas de solidariedade entre os turcos na Alemanha, que tinham entre eles um círculo fechado de consumo, no qual os turcos tendiam a consumir produtos e serviços dentro da própria comunidade.

Os envios de remessas também figuram como um exemplo dessa manutenção de redes de apoio que, como relata Schiffauer (2005), podem ser inclusive facilitadas e centralizadas pelos próprios centros culturais.

No caso da Turquia, a mesma figurou entre os países que mais recebiam remessas estrangeiras no mundo ⁸⁸, fruto de uma intensa diáspora que se deu, predominantemente em busca de trabalho. Dados de 2017 mostram que remessas enviadas da Alemanha para a Turquia somaram somente naquele ano mais de 500 milhões de dólares (gráfico 23).

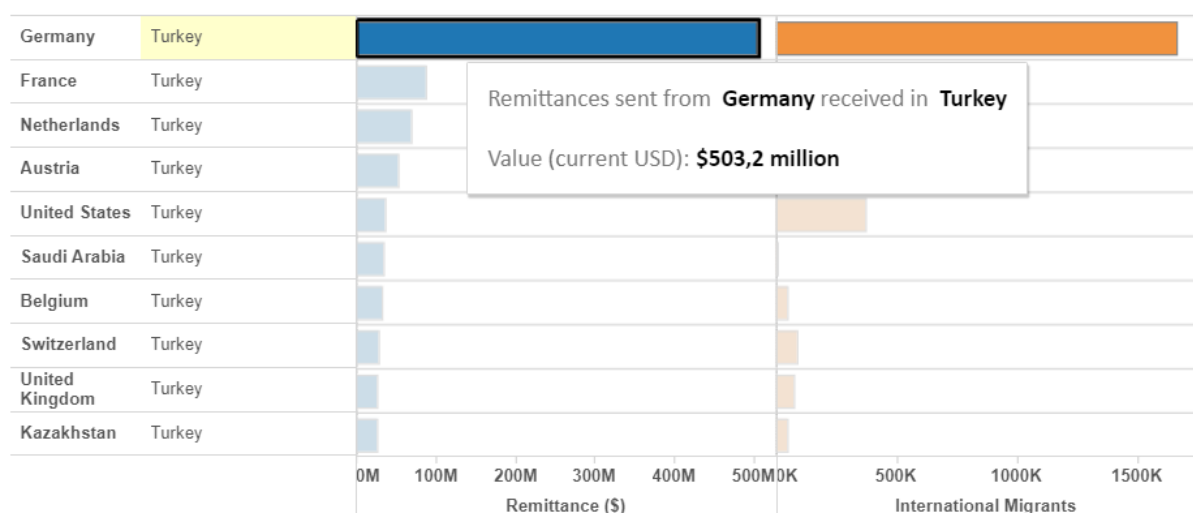
Dada a pequena comunidade turca em São Paulo, os valores enviados do Brasil para a Turquia nem chegam a figurar nos relatórios de Remittance Flows do MPI, no entanto,

⁸⁸ MPI - Migration Policy Institut - Bilateral Remittance Flows. Disponível em: <https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/bilateral-remittance-flows?width=1000&height=850&iframe=true>. Acesso em 15/01/2021

sabemos, por meio dos dados do questionário, que tais remessas existem, e que 75% declararam enviar remessas para a Turquia, com o objetivo de ajudar familiares com itens básicos, como supermercado, comida e habitação. Nenhum declarou enviar tais remessas para investimentos, abertura de um negócio ou poupança para a compra de carros ou imóveis, o que nos mostra um fenômeno distinto daquele que, segundo Schiffauer (2005), ocorreu na Alemanha, onde os imigrantes, com a esperança do retorno, economizavam para abertura de negócios locais, ou investiam na compra de casas na Turquia, fora das zonas rurais (SCHIFFAUER, 2005).

O aumento das perseguições políticas na Turquia também figura como um impeditivo para a expectativa de retorno e, portanto, da possibilidade de investir no país por meio de tais remessas.

Gráfico 23: Os 10 países que mais enviam remessas para a Turquia: 2017



Fonte: MPI - Migration Policy Institute - Bilateral Remittance Flows

7. O problema do refúgio entre os turcos em São Paulo

Segundo Machado (2020), o refúgio no Brasil é um fenômeno que não teve muita expressão até o começo deste século, como nos explica o autor;

Fenômeno antigo, regulado desde o final da Segunda Guerra Mundial (1951), depois atualizado na Declaração de Cartagena, o refúgio teve uma expressão contida no Brasil até o começo do século XXI. Um número relativamente pequeno de refugiados

adentrou o país até então. A partir do século XXI as coisas passaram a ganhar novos contornos, com a chegada de imigrantes sul-americanos, chineses e africanos. A seguir, o afluxo de haitianos produziu uma enorme movimentação tanto de agentes de controle de fluxos humanos como de legisladores e também da mídia em geral. (MACHADO, 2020, p. 9)

Dentre esses novíssimos solicitantes de refúgio no Brasil, destaca-se dentro do fenômeno, um grupo ainda mais recente, cujos pedidos de refúgio se iniciam após o ano de 2016, que são os turcos.

Os eventos políticos que vão gerar a demanda dessa população por refúgio serão melhor detalhados no capítulo três, mas até então, não existe registro na comunidade de pedidos de refúgio anteriores a 2016.

Ressaltamos aqui que isso não significa que não houve pedidos de refúgio vindos da Turquia antes de 2016, mas que não há registro, dentro da comunidade estudada, de que tais pedidos tenham sido solicitados por turcos. Evento semelhante ao que ocorreu durante a dissolução do Império Otomano, citado no primeiro capítulo, e que gerou uma onda migratória de “turcos” ao nosso país, mas que, de fato, eram apenas cidadãos turcos, mas pertenciam a etnias distintas, não túrquicas.

No que concerne ao refúgio, é mais provável que esses pedidos tenham vindo de etnias minoritárias do território turco, como armênios e curdos, e que, por razões identitárias, sempre foram alvo de perseguições políticas no território turco. Aliás, como vimos, desde a fundação da República turca que essas minorias sofrem com censura, retaliações e perseguições por parte dos sucessivos governos, em especial os curdos, por conta da sua força identitária dentro do território e da sua histórica capacidade de organização em grupos políticos (ROMANO, 2006).

O gráfico 24 mostra que, entre os anos de 2000 a 2015, apenas 34 indivíduos, vindos da Turquia, pediram refúgio no Brasil, com um aumento significativo de pedidos de refúgio após os eventos políticos de 2016, o que evidencia a perseguição política aos membros do Hizmet por parte do governo Erdoğan que são, portanto, o foco da nossa pesquisa.

Gráfico 24: Pedidos de refúgio de cidadãos turcos no Brasil entre 2010 e 2020.

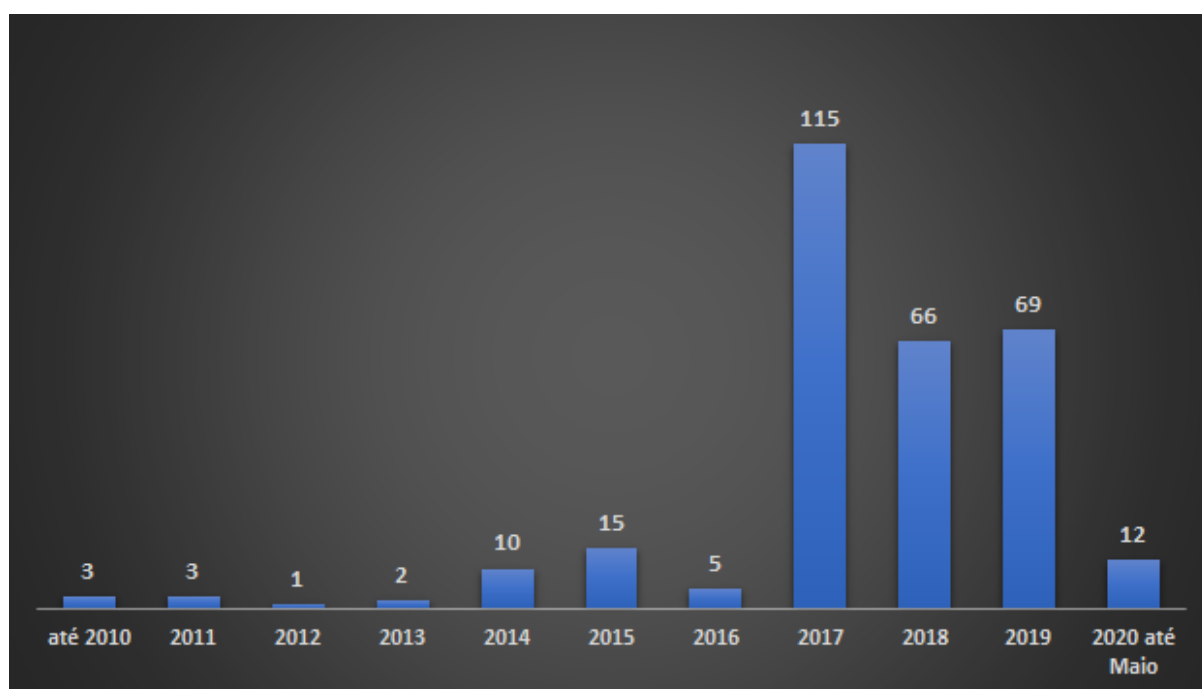


Gráfico elaborado pelo autor segundo dados do SISMIGRA

Magalhães, Bógus, e Baeninger (2018), demonstraram em pesquisa anterior o quanto o fluxo de refugiados turcos ao Brasil está ligado às perseguições políticas recentes, bem como a importância da rede migratória para a escolha do Brasil como destino de refúgio e, demonstraram também, como se dá a inserção desses refugiados no mercado de trabalho por meio da comunidade, criando os que os autores chamam de uma “construção de novas territorialidades por meio da ocupação comercial ou cultural de espaços públicos” (MAGALHÃES, BÓGUS, BAENINGER, 2018, p. 405). Segundo os autores:

O atual fluxo de imigrantes e solicitantes de refúgio turcos no Brasil é resultado de um processo de recrudescimento da repressão política, cultural e étnica. Como resultado, iniciou-se uma emigração, primeiro em direção à região do Oriente Médio, e depois em direção à África, Estados Unidos, Europa e até ao Brasil.

E seguem os autores:

(...) Todas as mulheres turcas entrevistadas declararam se relacionar mais com os próprios membros da comunidade do que com brasileiros, e foram pessoas amigas que as ajudaram com informações sobre como ir à Polícia Federal para a solicitação

do refúgio(...). O Brasil foi apontado como destino por aqui já residirem amigos e amigas, que forneceram informações sobre o país e ofereceram acolhimento.

A inserção laboral guarda relação direta com a qualificação profissional: as formadas no ensino superior trabalham em sua área, enquanto aquelas que não cursaram universidade trabalham nos estabelecimentos comerciais da comunidade turca.

(...) As interações sociais e culturais com os brasileiros são muito tímidas, predominando nas declarações das mulheres entrevistadas a desinformação e preconceito que muitos brasileiros têm, associando a população turca com o terrorismo. Segundo as mulheres entrevistadas, a ocupação de espaços públicos é restringida em razão destes preconceitos e da forma estigmatizada com que brasileiros e brasileiras enxergam as mulheres turcas. Uma das entrevistadas, afirmou ser necessário um esforço para que a cultura turca seja conhecida e reconhecida pelos brasileiros, como forma de dissipar os preconceitos e estigmas existentes: “A gente tem que fazer uma ponte entre Brasil e Turquia: se acostumar à cultura do Brasil e manter a cultura da Turquia. As pessoas do Brasil têm uma ideia errada, eles conhecem errado a cultura turca, por isso precisamos apresentar melhor para eles”. (MAGALHÃES, BÓGUS, BAENINGER, 2018, p. 415- 416)

As redes e conexões são preponderantes para a escolha de um país para solicitar refúgio, como evidenciou-se por meio do questionário, pois nenhum daqueles que se declarou como solicitantes de refúgio no Brasil, diz ter feito a mesma solicitação em outros países, o que se explica pela intensa rede de informações da comunidade que, de acordo com um dos relatos; “deixa o processo mais seguro para aqueles que pedem refúgio, pois sabem que não serão barrados ao tentar ingressar no Brasil”.

A rede de informações e comunitária do Hizmet pelo mundo foi um facilitador para os destinos de refúgio. Segundo um dos entrevistados, após o início das perseguições, um amigo lhe telefonou perguntando “como estão as coisas aí?”. A facilidade de entrada associada à uma comunidade fortemente unida por meio de ideais e interesses comuns fez com que, segundo o porta-voz do CCBT, viessem ao Brasil “cerca de 250 [turcos] depois de 2016, quando Erdoğan classificou o Hizmet como terrorista, e 50 viviam aqui antes. São empresários, jornalistas, advogados, médicos”. Esse número está muito próximo aos dados do SISMIGRA, segundo o qual, o total de turcos solicitantes de refúgio após 2016 foi de 262 indivíduos (ver dados do gráfico 24).

Muitos desses refugiados foram abrigados na própria sede do CCBT, segundo um dos entrevistados, cerca de vinte famílias foram abrigadas no espaço da antiga sede do Instituto, o

que os obrigou, inclusive, a manter o espaço alugado apesar dos problemas financeiros. “O que ajudou”, disse o entrevistado, “foi que ganhamos três meses de aluguel do proprietário”.

Além de hospedagem na sede do CCBT, os entrevistados relataram que a comunidade ajudou oferecendo abrigo em suas próprias casas, bem como alguma ajuda financeira aos que chegavam na cidade fugidos do regime. Como descrito por Magalhães e Bógus (2015), muitos desses refugiados foram empregados nos restaurantes da comunidade, as crianças foram recebidas na escola e aqueles que já conheciam melhor os trâmites burocráticos do país ajudaram com a comunicação, transporte e papéis. Nos contou um dos entrevistados que:

Aqui no restaurante temos três refugiados. Alguns nem falam português ainda. Quando chegaram a gente já arranhou vaga pros filhos na escola e ajudou com o que dava. Alguns não ficam no país, mas outros, que conseguem começar a trabalhar, esperam a decisão do CONARE⁸⁹ para saber se vão ou não poder ficar aqui.

Vimos neste capítulo o quanto as instituições turcas em São Paulo, nas figuras do Colégio Belo Futuro, do Centro Cultural Brasil Turquia e da Câmara de Comércio e Indústria Turco-Brasileira, todas associadas aos ideais do Movimento Hizmet, ajudaram na criação e consolidação de uma rede migratória turca em São Paulo, caracterizando a comunidade na cidade como uma comunidade transnacional, dados os fortes laços que a mesma mantém com suas origens e também com inúmeras outras comunidades e instituições pelo mundo.

Esses laços também foram fundamentais para a recepção dos refugiados turcos na cidade após 2016 e, tal como nos explica Canales, quando diz que as migrações não supõem um fluxo de sentido único, mas todo um modelo baseado na troca de “pessoas, bens, símbolos e informações” (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 417), essas redes propiciaram também as conexões para as novas escolhas daqueles que chegaram forçosamente à cidade.

Conectado por meio de suas redes migratórias, “o migrante vive num mundo onde a globalização dilui fronteiras, muda parâmetros, acena com possibilidades de mudança, amplia informações, estimula o consumo, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor.” (BÓGUS, FABIANO, 2015 pg, 128).

⁸⁹ “O Conare – Comitê Nacional para os Refugiados – é um órgão colegiado, vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, que delibera sobre as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil”. Em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/conare>>. Acesso em: 20/02/2021.

CAPÍTULO 3:

“Temos medo deles” - a cisão e enfrentamentos da comunidade turca em São Paulo

*“Cesurun bakışı, korkağın kılıcından keskindir”
(O olhar do bravo é mais afiado do que a espada do covarde)
Provérbio turco*

1. Os eventos políticos na Turquia

Como vimos no primeiro capítulo, Atatürk, ao fundar a República Turca, movimentou-se em direção a um estado secular e ocidentalizado e, para tanto, usou de toda a força possível para moldar a Turquia dentro desses moldes. Descrevemos aqui algumas das ações polêmicas tomadas por Atatürk com o objetivo estrito de cumprir com o seu propósito, inclusive no sentido de alcançar uma pureza étnica de estado. O kemalismo⁹⁰ moderno, segundo Yavuz e Balci (2018), é fortemente defendido pelos militares turcos, herdeiros diretos do comando de Atatürk, um militar. Para os autores, os militares se veem como guardiães do kemalismo e, portanto, defensores da democracia, do secularismo e da modernização do Estado, de maneira que não hesitariam em usar a força, caso necessário, para proteger a Turquia de movimentos que eles considerassem como danosos a esses valores.

A tensão entre o secularismo e o tradicionalismo islâmico sempre esteve presente na Turquia. Há um medo velado de que o país seguisse, por força e influências de suas tradicionais instituições islâmicas na política, os mesmos passos de outros estados seculares da região, como foi o caso do Irã na ascensão de Khomeini, transformando-se em uma República Islâmica e abandonando o seu modelo democrático e secular que atuava no país há noventa anos (KASABA, 2008).

Para entendermos os recentes eventos políticos ocorridos na Turquia, de relevância para a nossa pesquisa, por terem influenciado a comunidade turca em São Paulo, é imperativo entendermos, mesmo que brevemente, o percurso político do atual presidente da Turquia Recep Tayyip Erdoğan, um exemplo da tensão entre kemalistas e tradicionalistas islâmicos

⁹⁰ Kemalismo é um movimento político turco daqueles que estão politicamente alinhados com as propostas seculares e ocidentalizantes de Kemal Atatürk.

que ocupa o cenário político turco há décadas e que historicamente sempre foi motivo de desentendimentos.

Influenciado por Necmettin Erbakan, uma forte influência islâmica na política turca desde os anos 60, que pregava contra o secularismo e ocidentalização da Turquia, Erdoğan se inicia na política por meio de um partido islâmico, chamado Refah, com o qual, fortemente apoiado pelas classes menos favorecidas da cidade, ganhará as eleições para prefeito de Istanbul em 1994, tornando-se, então, o primeiro prefeito islâmico da cidade.

Erdoğan obteve uma vitória histórica ao utilizar-se de uma linguagem simples e acessível ao povo, de maneira a se inserir ideologicamente na classe mais popular, tradicionalmente islâmica. Yavuz (2003) nos explica que o kemalismo sempre foi um movimento não só atrelado aos militares, mas também ligado às elites turcas, que colhem os benefícios da ocidentalização do país e que, por isso, deixou um vácuo entre as classes mais baixas e parte da classe média que não pôde ser preenchido senão pelas ideologias islâmicas.

Ao resolver uma série de problemas estruturais que padeciam a cidade, como coleta de lixo e fornecimento de água, o governo de Erdoğan em Istanbul foi considerado ótimo, mesmo entre seus opositores (ERDOĞAN: The Making of a Sultan, 52 min, 2016).

Em 1997, Erdoğan, então prefeito de Istanbul, foi preso por citar um poema de caráter religioso que “supostamente incitava a divisão de pessoas por diferenças religiosas” (YAVUS, 2009, p. 67, apud ELEMEN, 2017, p. 35), fragilizando ainda mais as relações entre os tradicionalistas e os militares. Quatro anos depois, em 2001, Erdoğan decidiu criar seu próprio partido, chamado AKP, com o qual buscou uma “plataforma híbrida, que conjugasse as aspirações do eleitorado islâmico e conservador e mitigasse a desconfiança do *establishment* kemalista (...) [e passou a se definir como] um movimento “democrata-conservador” sem inclinação religiosa” (DAGI, 2002, p. 26 apud ELEMEN, 2017, p. 36), com o objetivo de amenizar os temores de que um novo partido islâmico seria a porta de entrada para um governo que implantaria a charia e abandonaria o histórico democrático e laico do Estado turco. Após a criação do partido, Erdoğan encontrou-se com Fethullah Gülen para pedir apoio político.

Um ano depois da fundação do partido, Erdoğan foi eleito primeiro ministro, criando uma zona de influência para os movimentos e organizações religiosas no governo, o que incluía os gülenistas⁹¹, que nesse momento atingiam todas as instituições turcas, incluindo a mídia. No entanto, sua candidatura à presidência em 2007 foi recebida com forte oposição

⁹¹ Seguidores de Fethullah Gülen, fundador do Movimento Hizmet

por parte das forças armadas, que o obriga a ceder e colocar como candidato do partido o também religioso Abdullah Gül, o que levou a uma ameaça aberta de golpe militar, caso Gül fosse eleito, acirrando novamente os antigos atritos (YAVUZ, 2003).

Segundo Yavuz e Balci, havia então uma

grande resistência por parte das instituições do Estado, especialmente dos militares secularistas, devido às suas raízes islâmicas e anti-seculares (...) A primeira prioridade de Recep Tayyip Erdoğan era combater os militares e controlar as instituições do estado, nomeando os seguidores de Fethullah Gülen para os principais cargos do governo. O movimento Gülen forneceu o apoio administrativo necessário para (...) governar o país e monitorar de perto os militares com a ajuda da força policial. (YAVUZ & BALCI, 2018, p. 78)

Após a eleição de Gül como o 11º presidente turco, e com Erdoğan reeleito como primeiro ministro, este utilizará de todas as suas forças para neutralizar os seus oponentes dentro das forças armadas, acusando-os de conspiração contra o Estado e levando mais de 400 à cadeia, muitos deles condenados à prisão perpétua. Os julgamentos desses oficiais militares durou cinco anos e foi alvo de inúmeras críticas por falta de transparência nos processos (ERDOĞAN: The Making of a Sultan, 52 min, 2016). Começaram aí as intensas perseguições políticas de Erdoğan aos opositores, tornando-se pouco permeável e tolerante às críticas e atuando, acima de tudo, nos jornais turcos e controle da mídia.

Os eventos que ocorrem a partir de 2013 são, segundo a comunidade estabelecida no Brasil, o estopim para as perseguições contra os integrantes do Movimento Hizmet, quando Erdoğan e alguns de seus familiares são acusados de corrupção, em uma operação comandada por um promotor gülenista, que, anos antes, tinha ajudado Erdoğan em sua caça à oposição militar, mas que agora estava sendo acusado pelo próprio Erdoğan de conspirar contra o Estado. Gravações que comprometiam a ele e a seu filho em um esquema de corrupção são consideradas como um complô gülenista contra ele (ERDOĞAN: The Making of a Sultan, 52 min, 2016) e midiaticamente ridicularizadas. O controle de Erdoğan sobre a mídia já vinha se intensificando desde os eventos com os militares em 2007 (YAVUZ & BALCI, 2018) e, segundo Elemen:

Erdoğan mudou a lei, para submeter a nomeação de juízes e promotores ao ministério da justiça, e obteve a prisão dos magistrados que o investigavam. Grampos

telefônicos publicados no Twitter, em fevereiro, comprometiam o primeiro-ministro e seu círculo. Em um deles, Erdoğan instruiu seu filho a esconder o dinheiro guardado em casa, ao saber de um mandado de busca e apreensão (...). O primeiro-ministro, então, banuiu o Twitter da Turquia e passou a acusar de conspiração o Movimento Hizmet (SANT'ANNA, 2016 apud ELEMEN, 2017, p. 39).

Durante os três anos seguintes o governo sistematicamente tomou o controle da mídia, fechando jornais, redes de TV e instituições ligadas aos gülenistas. Em 15 de Julho de 2016, ocorreu na Turquia o quinto golpe militar de sua história, deixando um total de 265 mortos nas ruas, predominantemente civis que tinham sido convocados aos protestos por Erdoğan (YAVUZ & BALCI, 2018).

Kanat nos descreve em parte o tamanho da operação:

A organização central do golpe foi conduzida pela Direção do Estado-Maior. Além disso, é evidente que o enredo vinha evoluindo por um longo período de tempo. A extensão dos meios militares turcos apreendidos e manejados pelos golpistas era igualmente desconcertante. De acordo com a acusação geral sobre o golpe, mais de 8.000 militares aderiram ativamente uniformizados à tentativa de golpe naquela noite. A acusação também afirmava que 35 aviões de guerra, 37 helicópteros, 74 tanques, 246 veículos blindados e quase 4.000 armas foram empregados pelos golpistas. A maior parte desse equipamento foi usada para obter o controle de locais estratégicos, como o aeroporto Atatürk de Istanbul e a ponte do Bósforo (KANAT, apud YAVUZ & BALCI, 2018, p. 132)

Erdoğan, enquanto ocorria o golpe, declarou a um canal de notícias turco que “o país estava enfrentando uma tentativa de levante por parte de uma “minoria” dentro de nossas forças armadas” (ERDOĞAN: The Making of a Sultan, 52 min, 2016) e, logo após o golpe, declarou que a tentativa de golpe foi orquestrada por um poder paralelo dirigido a partir dos EUA. Em outras palavras, o que ele chamou de “poder paralelo” era o Movimento Hizmet, na figura de seu líder Fethullah Gülen, que vivia nos EUA desde 1999. Assim, o movimento foi declarado como um grupo terrorista e seus membros sumariamente perseguidos pelo regime de Erdoğan.

Após os eventos de 2016, Erdoğan se comportará como o grande salvador da nação turca contra as forças hostis que operavam dentro do próprio governo, iniciando uma “caça às

bruxas”, como definiu um dos entrevistados, na qual, logo após o golpe, centenas de pessoas, incluindo jornalistas, foram presos.

Para Akarçesme (2018), as acusações de terrorismo servem de pano de fundo para as atuações de um regime opressor. Nos relata a autora:

Pouco dias atrás, estava me preparando para entregar o meu discurso para este evento quando o governo brutalmente assumiu o controle do meu jornal, Today’s Zaman, no dia 4 de março. A acusação contra nós é de que fazemos “propaganda terrorista” e auxiliamos organizações terroristas. O que prova minha tese do discurso abaixo, anteriormente preparado: qualquer ditadura usa alegações de terrorismo como ferramenta para silenciar as críticas. O silêncio da mídia turca em cobrir a operação policial contra o meu jornal também serve como evidência para apoiar meus pontos. (AKARÇEŞME, 2018, p. 39 in GÖKTEPE, ELEMEN, et al, 2018).

Segue a autora:

Nos últimos dois anos, o pacífico Movimento Hizmet, o qual é conhecido por suas atividades sociais e educacionais de base global, tem sido alvo de perseguições. Milhares de pessoas supostamente associadas com o movimento são submetidas a alguma forma de pressão. Uma extensa caça às bruxas está atualmente em curso contra elas. Infelizmente, uma parte significativa da mídia - controlada pelo governo - está contribuindo para essa campanha vergonhosa.

Além da campanha de difamação contra o Movimento Hizmet, todos os críticos - os mais agressivos, os moderados ou até mesmo os mais comedidos - estão sujeitos à difamação sob o pretexto de acusações de terrorismo. Por exemplo, o maior conglomerado de mídia da Turquia, o Grupo Dogan de Mídia, e seu proprietário, o senhor Aydin Dogan, são frequentemente acusados por círculos pró-governamentais de apoiar o terrorismo. De fato, as investigações foram lançadas contra esse grupo de mídia por supostamente difundir propaganda terrorista (...)

Há claros sinais de regressão na Turquia, no equilíbrio entre segurança e liberdade pessoais, na medida em que o governo e os meios de comunicação controlados pelo regime jogam com o fato do medo. (AKARÇEŞME, 2018, p. 40-41 in GÖKTEPE, ELEMEN, et al, 2018)

Muitos dos jornalistas que foram detidos ainda não receberam julgamentos e, para outros integrantes do governo e das forças armadas, as condenações chegam até mesmo à prisão perpétua.⁹²

O jornal El País noticiou que, logo após o golpe, mais de 130 meios de comunicação foram fechados pelo regime, dentre eles, pelo menos

45 jornais e 16 canais de televisão, supostamente ligados ao clérigo Fethullah Gülen, foram atingidos pela medida. Isso se junta aos mais de 60.000 profissionais — funcionários públicos, militares, intelectuais, professores, juízes ou advogados — que foram presos ou afastados de seus postos de trabalho no expurgo que se seguiu ao golpe⁹³.

Segundo Yavuz (2003), o Movimento Hizmet empregava na Turquia mais de 6.000 professores em mais de 200 escolas espalhadas pelo território, além de sete universidades da Turquia e dezenas de dormitórios estudantis, que foram todos fechados ou ocupados pelo governo de Erdoğan. Um dos entrevistados relata a tristeza de uma criança refugiada turca, recém chegada, que chorava sempre que lembrava da cena de sua escola na Turquia sendo posta abaixo por tratores.

Doze dias após a tentativa de golpe, o jornal alemão Deutsche Welle reportou a prisão de pelo menos “13.165 pessoas, incluindo 8.838 soldados, 2.101 juízes e fiscais, e 1.485 polícias, tendo sido ainda emitida ordem de prisão contra 42 jornalistas. Até o momento, foram destituídos 50 mil funcionários, públicos e privados, a maioria integrada no setor educativo.”⁹⁴

Além das escolas, centros de ensino e jornais, o regime de Erdoğan também atacou diretamente empresários e seus bens. Relatos dos entrevistados nos contam que após 2016 o governo simplesmente passou a confiscar e estatizar as empresas e posses daqueles empresários que fossem acusados de ter qualquer ligação com o Hizmet.

Um exemplo de tal manipulação, ainda em se tratando de mídia, se deu com o poderoso conglomerado midiático do Doğan, que controlava 50% do mercado de mídia turco, mas que por ser secular e liberal, não se alinhava ideologicamente ao AKP. O governo então

⁹²Fonte<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/26/turquia-condena-a-prisao-perpetua-121-suspeitos-de-ligacao-com-golpe-de-2016.ghtml>>. Acesso em 10/12/2020

⁹³ Fonte<https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/27/internacional/1469646790_686242.html>. Acesso em: 16/12/2020

⁹⁴Fonte<<https://www.dw.com/pt-br/turquia-demite-militares-e-fecha-ve%C3%ADculos-de-imprensa/a-19431047>>. Acesso em 16/12/2020

multou o conglomerado em quase 2,5 bilhões de dólares, acusando-o de evasão fiscal, o que obrigou o conglomerado a se desfazer e ser vendido a outras redes e empresários alinhados com o regime (LEVITSKY, Steven, & ZIBLATT, 2018).

Erdoğan puniu e perseguiu sistematicamente seus opositores, afirmando se tratarem de terroristas e, dessa maneira, conquistou a aprovação de uma parte dos cidadãos turcos, ao mesmo tempo em que injetava medo na população, que via a si mesma ameaçada e às suas instituições, por um perigo “real” de terror.

Segundo a filósofa Hannah Arendt, essa manipulação do terror como forma de controle político é característica marcante das ditaduras modernas:

A diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes. O terror, como o conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor (ARENDT, 2014, p. 29)

Para o filósofo Agamben (2004), instaura-se o terror e o medo para que os atos mais autoritários se justifiquem por meio da criação de um contínuo estado de exceção, no qual a perseguição e a eliminação de adversários está sempre autorizada em nome de uma suposta segurança, ou como diz o autor:

O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político. Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanente tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos (AGAMBEN, 2004, p. 13)

Erdoğan tem manipulado a Turquia por meio do medo e da desinformação. Um dos entrevistados nos contou que seu pai, um senhor turco que só se informa pela TV, considera que Erdoğan está fazendo um excelente governo. No entanto, autores como Levitsky e Ziblatt (2018), dentre outros autores e mídias internacionais, nos alertam de que há uma percepção

constante de que estamos vivendo um retrocesso democrático no mundo, e citam a Turquia, junto a países como Venezuela, Tailândia, Hungria e Polônia como um exemplo de retrocesso a ser observado.

Também Stanley (2018), em sua análise sobre os novos regimes fascistas, usa o exemplo da Turquia de Erdoğan, como um país que manipula as várias camadas do Estado, em especial a educação, com o objetivo de moldar seus cidadãos através de ideologias nacionalistas, exemplo de uma condução autoritária, segundo o autor:

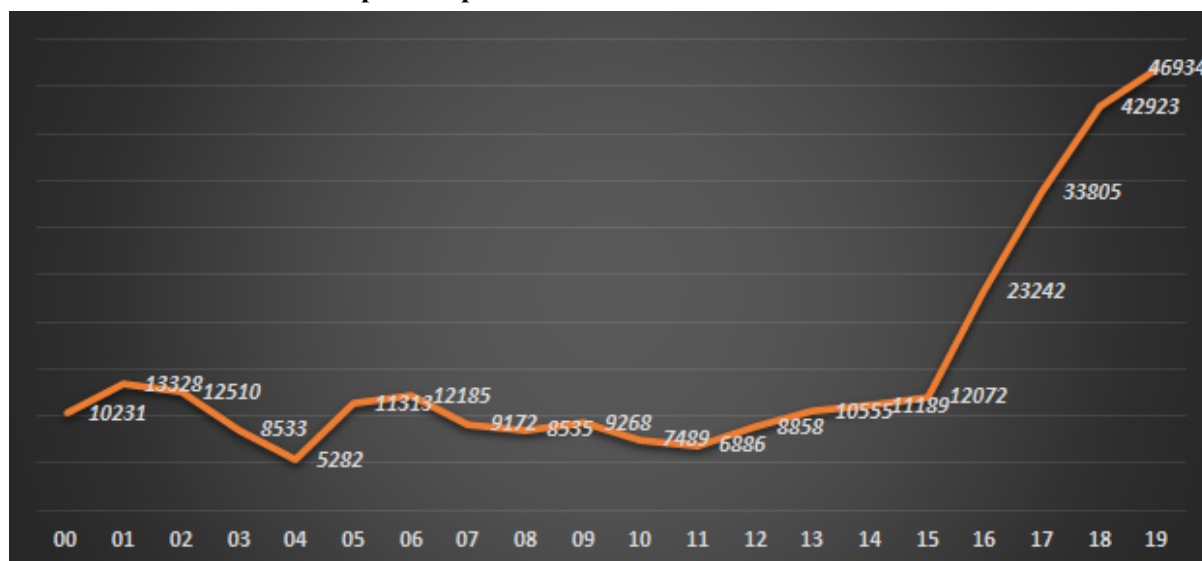
Na Turquia, onde uma das primeiras ações que o presidente Recep Tayyip Erdoğan empreendeu após a tentativa de golpe contra ele em 2016 foi demitir mais de cinco mil reitores e acadêmicos de seus cargos em universidades turcas, por suspeita de sentimentos pró-democráticos ou pró-esquerdistas. Muitos também foram presos.

Em entrevista ao programa de rádio “Voice of America” para uma reportagem de fevereiro de 2017, İsmet Akça, professor de ciências políticas que foi removido de seu cargo na Universidade Técnica Yildiz de Istanbul, disse: “Essas pessoas que estão sendo expurgadas não são apenas pessoas democráticas de tendências esquerdistas, mas muito bons cientistas, muito bons acadêmicos. Ao expurgá-los, o governo também está atacando a própria ideia de ensino superior, a própria ideia de universidade neste país”.

Em 2017, após vencer um referendo nacional que lhe deu novos poderes, quase ditatoriais, Erdoğan apresentou um novo currículo educacional para as escolas. Seu objetivo era reduzir a ênfase em ideais seculares e eliminar teorias científicas que contrariam a ideologia religiosa, como a evolução. O Ministério da Educação declarou que a história da Turquia seria ensinada “da perspectiva de uma educação nacional e moral”, com o objetivo de proteger “valores nacionais”, em vez de refletir os ideais liberais seculares que estiveram no centro da sociedade civil turca, incluindo seu sistema educacional, desde Kemal Atatürk. (STANLEY, 2018, p. 49).

Não obstante, a mão pesada e ditatorial do regime após 2016 tem provocado um fenômeno de fuga do país (gráfico 25), gerando uma onda de pedidos de refúgio vindos da Turquia, muitos deles com destino ao Brasil. Curioso fenômeno pois, segundo Magalhães, Bógus e Baeninger, a “Turquia foi, em 2015 e 2016, o principal destino dos refugiados no mundo, com 2.869.421 refugiados (ACNUR, 2017)” (MAGALHÃES, BÓGUS, e BAENINGER, 2018, pg. 405). Paradoxalmente, a Turquia, o país que mais recebia refugiados no mundo, também produzia os seus próprios.

Gráfico 25: Pedidos de asilo político por turcos: 2000 a 2019



fonte dos dados: Fonte dos dados: MPI - Migration Policy Institute

O gráfico acima evidencia o aumento significativo de pedidos de asilo político a partir do ano de 2016, ou seja, logo após o golpe na Turquia e o início mais severo das perseguições políticas. O número saltou de 12.072 pedidos de asilo em 2016 para 23.242 no ano seguinte, o que representa um aumento de 92,5% em um ano. O total de pedidos de asilo entre 2016 e 2019, portanto em quatro anos, representa 48% do total dos pedidos dos últimos dezenove anos.

2. Perseguições do regime Erdoğan no Brasil e seus impactos na comunidade

Em julho de 2020, o Embaixador da Turquia no Brasil, Murat Yavuz Ates, lançou uma nota, que foi publicada no jornal Correio Brasiliense, na data de 14/07/2020, na qual compara o combate à pandemia, que exige o esforço conjunto das nações, com o confronto do que ele chama de vírus do terrorismo. O embaixador, portanto, equipara as células terroristas a vírus que se espalham por organismos internacionais e que devem ser eliminadas e combatidas em conjunto e dá, como “bom exemplo”, “a Organização Terrorista Fetullah Gülen (Feto), que constitui ameaça sem precedentes em termos de alcance, ambições e métodos.”⁹⁵

⁹⁵Fonte<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniaao/2020/07/14/internas_opiniaao.871921/a-necessidade-de-cooperacao-entre-nacoes.shtml?fbclid=IwAR3fccRUKtH7D0aIweHsEd-YdeUrCyERI7PLpIojkLFbe98XVBv7Z-pzuFM> Acesso em: 13/08/2020

A declaração acima serve de exemplo de como os órgãos governamentais do regime de Erdoğan têm atuado pelo mundo, em busca de combater tais “células terroristas” e, com isso, trazendo enormes prejuízos às comunidades turcas pelo mundo.

No Brasil, o regime tem atuado em várias frentes distintas com o objetivo de perseguir e criminalizar os integrantes do Hizmet no país, tanto de formas diretas quanto indiretas: solicitando prisões de seus membros, atuando ativamente na difamação de suas instituições e atividades, criando concorrências para as atividades da comunidade, intimidando seus membros por meio de ações e correspondências e, até mesmo, negando serviços consulares e diplomáticos.

Agrupamos em dez unidades, os relatos das entrevistas com os membros da comunidade com o objetivo de demonstrar as dificuldades, enfrentamentos, mudanças e cisões que ela sofreu a partir dos eventos de 2016, a saber: A perseguição, O refúgio, A educação, O comércio, A cultura, As relações, Os direitos, O trabalho, A fuga e O medo.

2.1 A Perseguição

Para a comunidade Hizmet em São Paulo, os relatos que começaram a chegar a partir de 2013 geraram algum tipo de dúvida; no entanto, à medida que as notícias foram se agravando e tomando consistência, essas dúvidas foram substituídas por medo.

Nos conta um dos entrevistados que, a última vez que visitou a Turquia, em 2016, já encontrou um país irreconhecível:

Fizemos uma missão jornalística para ver as mudanças. Na última vez que fui eu escondi a minha condição de jornalista e disse que eu era tradutor. Senti naquele momento que seria impossível voltar para a Turquia. já não tinha tolerância, tudo era muito tenso.

Nessa viagem fomos procurados pela polícia e interrogados por quase cinco horas. Eu quase não consegui voltar. Em 2016, eu não via mais a Turquia onde eu nasci, cresci e me apaixonei. Parecia uma Turquia invadida. O cancelamento dos passaportes começou em seguida

Outro relato nos diz:

O Brasil não conhece muito a Turquia, não faz ideia das perseguições. Agora já são mais de cinquenta mil nas prisões. Meu irmão é farmacêutico e não tinha nada a ver com o governo, mas ele foi preso duas semanas depois do golpe e está até agora na prisão.

Todo mundo está com medo. Se um juiz, por exemplo, deixa “de fora” algum apoiador do Hizmet, ele mesmo pode ser preso por isso. Há muitos advogados que foram presos só por terem clientes do Hizmet. Eles querem espalhar o medo e manter o povo assim

Há um medo não apenas de que o atual governo brasileiro se alinhe ideologicamente com o governo turco, como foi relatado em uma das entrevistas, o que geraria uma onda de extradições a mando de Erdoğan, mas também de que as instituições do país não sejam capazes de protegê-los;

A gente sabe que tem atividades ilegais do governo turco em outros países, com inteligência. Às vezes, por meio de acordos com as autoridades de segurança, às vezes com quadrilhas locais. Eles sequestram e levam à força para a Turquia. Tem casos de assassinatos pelo mundo, em países africanos, por exemplo.

Por um bom tempo tivemos aqui o medo de ter algo assim, embora as leis do Brasil protejam a gente. Não vai ser fácil aqui fazerem alguma coisa, de extraditar a gente, etc, mas geralmente a gente tem medo. Sabemos como é o Brasil, não é difícil de fazer algo ilegal aqui, e não custa muito também. Esse tipo de coisa dá certa preocupação.

Para ter ideia, eu ando apenas de carro blindado, porque não descarto esse tipo de coisa.

Um dos casos que mais chocou a comunidade foi o de um dos membros que, ao voltar de uma viagem aos EUA foi preso no aeroporto pela Polícia Federal, que tinha contra ele um pedido de extradição do governo turco, como nos conta o entrevistado:

Depois de dois anos para ganhar algum dinheiro [no restaurante], aceitei a proposta da minha esposa e fomos passar uns dez dias nos EUA.

Na volta, percebemos dois policiais vigiando a gente, mas como minha esposa usa véu, já estamos acostumados com os olhares e achamos que fosse por conta do véu, mas na saída do aeroporto os policiais falaram que tinham um mandado de prisão. Achei que fosse uma brincadeira.

Disseram que tinha um pedido de extradição para a Turquia por conta de um depósito na minha conta bancária. O depósito foi em 2014 e depois disso eu fui umas cinco ou seis vezes para Turquia. Eu fiquei chocado e nossa comunidade ficou mais chocada ainda. Tinha muita gente aqui esperando pelo pedido de refúgio.

A maioria dos turcos aqui tinha conta no mesmo banco que eu e eu era um dos menos relacionados com o Movimento. Até hoje ninguém sabe porque começou comigo e eu fui o escolhido. Eu fiquei 34 dias preso na sede da PF. Até ser preso, achei que iriam me soltar e esclarecer tudo. Meus amigos arrumaram um advogado.

Na prisão me explicaram que quando tem um pedido de extradição não é o Brasil que te julga, mas você vai ser julgado pela Turquia, aí eu fiquei desesperado.

Fizeram a petição para eu responder o processo em liberdade e uns dias depois fui libertado. Por dois meses, fiquei com tornozeleira eletrônica, mas no julgamento não foi diferente, não houve crime e os juízes entenderam que era uma perseguição política.

Segundo reportagem do jornal Correio Braziliense

O governo de Ancara cita como evidência para a prisão de [...] depósitos feitos pelo empresário, entre 2013 e 2014, de 1.721,31 liras turcas (cerca de R\$ 1.168) no Banco Asya, que Erdoğan fechou em 2015 por ser ligado ao Hizmet. A Justiça turca ordenou o fechamento do banco e decretou que seus correntistas podem ser considerados membros do Hizmet e suspeitos de terrorismo.⁹⁶

Não obstante, em reportagem de Maio de 2019, o jornal Estadão cita o caso de mais um turco da comunidade que recebeu um pedido de extradição do governo turco⁹⁷.

Tais eventos abalaram muito a percepção de segurança que os membros da comunidade tinham no Brasil.

⁹⁶Em<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2019/04/27/interna_mundo.751931/turcos-podem-se-tornar-crise-diplomatica-para-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12/11/2020

⁹⁷Em<<http://brasilturquia.com.br/jornal-estado-noticia-mais-um-pedido-de-extradico-feita-pelo-governo-da-turquia-como-parte-da-perseguido-politica-1599.html>>. Acesso em 12/11/2020

2.2 O Refúgio

À medida que a condição política na Turquia se agravou e as perseguições se intensificaram, a comunidade de São Paulo passou a receber cada vez mais solicitantes de refúgio, que buscavam na organização da comunidade por uma segurança que não tinham em seu país. Como vimos, muitos desses refugiados eram, inclusive, grandes empresários, que tiveram todos seus bens confiscados pelo regime e que, de acordo com um dos relatos, “foram os primeiros a chegar” ao Brasil.

Segundo informações dos entrevistados, chegam aqui pessoas vindas do Paquistão ou África, onde o movimento também foi perseguido, ou de países que não dão cidadania para as crianças nascidas em seu território, *jus solis*⁹⁸, mas apenas para as *jus sanguinis*⁹⁹, o que as obrigam a vir para o Brasil em busca de um passaporte para os futuros bebês. Vêm ao Brasil facilitados pela ausência de visto de entrada e pela rede de informações da comunidade, como nos disse um dos entrevistados: “sem a nossa ajuda, a maioria nem conseguiria chegar aqui. Embora restrita, a gente ajuda com o que pode”

Outro nos conta que chegou a ver até cinco famílias chegando em um dia, mas que ficavam pouco tempo e logo iam para outros países.

Há um risco para aqueles que insistem em ficar na Turquia:

Agora o incêndio não pode mais ser apagado. Mesmo depois da queda do Erdoğan, eu calculo que vamos levar uns 30 anos para a reconstrução dos nossos valores democráticos. A Turquia hoje está como se vivesse uma guerra civil, as pessoas estão morrendo nas prisões turcas. É como uma guerra civil sem armas.

Os grupos de direitos humanos foram diluídos. Juízes foram demitidos e não conseguem emprego em instituições privadas, além de terem seus passaportes cancelados e não poderem nem sair do país. Para alguém assim é uma sentença de miséria e morte porque fica isolado na sociedade. O governo mata também de formas indiretas e por isso muita gente tem tentado fugir do país.

⁹⁸ Expressão latina que significa “direito de solo” e designa o direito de cidadania a partir do local de nascimento, por exemplo: é brasileiro quem nasce no território brasileiro.

⁹⁹ Expressão latina que significa “direito de sangue” e designa o direito de cidadania a partir de descendências direta, por exemplo: é alemão quem é filho de alemão.

2.3 A Educação

Como vimos, uma das ações do regime de Erdoğan foi justamente o fechamento das escolas associadas ao Movimento Hizmet. Temos exemplos pelo mundo de muitas escolas que foram fechadas por pressão do governo turco. Algumas passaram ao controle do governo e outras foram simplesmente impedidas de funcionar, como foi o caso da escola argentina Hércules, que segundo o jornal Diário da Arménia, teria sido fechada pelos embaixadores turcos na Argentina, pressionados pelo chanceler turco Mevlüt Çavuşoğlu.¹⁰⁰

Segundo o relatório das Escolas Gülen atualizado em 2013¹⁰¹, portanto no início das perseguições, lê-se que todas as escolas ligadas ao Movimento Hizmet de Taiwan, Tajiquistão, Turcomenistão, Geórgia, Etiópia, Rússia e, obviamente Turquia, estavam sendo fechadas ou tendo seu controle transferido.

O governo turco justifica que tais escolas teriam um plano arquitetado desde o início dos anos oitenta, com o intuito de formar uma elite intelectual gülenista que aos poucos tomaria conta das instituições políticas, civis e militares do país.

Segundo informações dos entrevistados, o governo turco, até a data das entrevistas, não tinha promovido qualquer ataque direto ou indireto ao funcionamento do Colégio Belo Futuro, no entanto, houve um arrefecimento das atividades culturais da escola após o ano de 2016.

Atualmente o CBF tem a sua importância ressignificada na comunidade, pois recebe também os filhos desses refugiados que chegam à cidade.

2.4 O Comércio

Os ataques do regime aos empresários turcos minou as atividades daquela que era a principal ponte de comércio entre os dois países, que, de acordo com um dos seus principais gestores, tinha uma intensa atividade que exigia diversas viagens à Turquia todo ano. No entanto, com as relações comerciais abaladas, a Câmara de Comércio direcionou o seu foco de atuação na acolhida, treinamento e capacitação dos empresários turcos que chegam à

¹⁰⁰ Fonte <<https://www.diarioarmenia.org.ar/cerro-el-colegio-turco-de-buenos-aires/>> Acesso em: 9/11/2019.

¹⁰¹ Fonte: Documento “List of Gülen schools (run by Fethullah Gülen Movement) around the world”. Disponível em <<https://turkishinvitations.weebly.com/every-continent-but-antarctica.html>>. Acesso em 09/11/2020. Última atualização da lista em 24/11/2013.

cidade fugidos do regime de Erdoğan, ou seja, com um trabalho direcionado de maneira completamente intracomunitária.

2.5 A Cultura

Tendo como sua principal fonte de financiamento as doações vindas de empresários turcos no Brasil, os impedimentos nas relações comerciais afetaram severamente as atividades e a manutenção do CCBT, que teve de reduzir os seus gastos e mudar-se para um espaço menor, bem como reduzir o número de seus funcionários, o que comprometeu a capacidade de atuação da instituição. Nos contam os entrevistados:

A gente foi muito afetado financeiramente. Muita gente ficou desempregada e quem sustentava a entidade eram as pessoas.

Como mudou o cenário econômico das pessoas, o Centro precisou mudar para um lugar menor e as atividades foram limitadas.

Só de reduzir o espaço físico e com uma equipe reduzida, já diminuiu também a quantidade de atividades. Hoje só temos dois funcionários e focamos em atividades que exigem pouco investimento.

Se a gente avaliar o movimento, uma das “pedras” é 15 de Julho de 2016. Antes disso eu posso desenhar um Centro Cultural, em um bairro nobre de São Paulo, com mais de mil metros quadrados, com sala temática oriental, vidraçaria turca com arte islâmica, muitas obras de pintura turca. Então, a apresentação da cultura turca antes dessa data era muito intensa. Quase mil pessoas participaram de jantares de Ramadan antes de 2017.

Então começou a surgir uma pequena angústia e essa angústia começou a crescer nos membros do movimento com relação à Turquia. Por exemplo, a bandeira e coisas que representam a nacionalidade começaram a ser questionados porque ninguém esperava ser considerado traidor pelo Estado turco. O turco idolatra o Estado.

Por exemplo, o Centro Cultural, como se fosse uma bandeira, segurava aquele evento do dia 29 de Maio - Dia da Turquia. Esse ano já abrimos mão e ano passado também.

As atividades do CCBT e de seus membros começaram a ser boicotadas pelos órgãos oficiais do governo turco em São Paulo, como nos relatos a seguir:

Pediram para eu tirar que sou tradutor registrado e juramentado pela embaixada. Eu fui um dos primeiros tradutores juramentados registrados pela embaixada, mas depois, tiraram meu nome.

O consulado e a embaixada fizeram atividades com o objetivo de difamar o Hizmet. Por exemplo, no SESC organizamos um curso, convidamos 12 professores. Cada uma das pessoas recebeu um email intimidando e pedindo para não participar, pois caso tivessem alguma atividade relacionada à Turquia que fosse feita com eles, pois a gente não representa a Turquia.

A USP recebeu quatro visitas do cônsul e uma da embaixada para cancelar o curso de língua que administramos lá há seis anos. Ao invés de incentivarem, pediram para cancelar.

O CCBT recebeu algumas notificações por parte dos órgãos oficiais do governo turco no Brasil intimando que eles trocassem o nome do instituto, desvinculando as suas atividades à imagem da Turquia. Os documentos, que nos foram mostrados por um dos entrevistados, diziam que o instituto se “utilizava de forma indevida de símbolos pátrios”.

Após muitas deliberações optaram por mudar o nome do antigo Centro Cultural Brasil Turquia para Instituto pelo Diálogo Intercultural.

A decisão, tomada em votação, se deu de modo a representar com mais clareza os ideais do Movimento Hizmet no nome e na proposta do Instituto e não por ceder a quaisquer pressões do regime turco.

O anúncio da troca de nome já foi publicado no site do CCBT desde o mês de Abril de 2020, como segue:

Anunciamos aos amigos do CCBT e público em geral que estamos numa fase de transformação e redefinição da nossa instituição. O Centro Cultural Brasil-Turquia continuará aos seus trabalhos como **Instituto pelo Diálogo Intercultural**.

O Centro Cultural Brasil-Turquia (CCBT) foi fundado em 2011 com objetivos e projetos claros, para ser uma referência e ponte na relação cultural entre Turquia e Brasil e suas sociedades. Os planos envolviam uma filial em Istanbul, várias filiais no Brasil, e intensa agenda cultural, social e acadêmica entre dois países. E com muito orgulho, podemos afirmar que o CCBT conseguiu ser essa entidade. Teve uma

parceria em Istanbul que atuava como filial (BAKUM – Brezilya-Anadolu Kultur Merkezi), teve matriz em São Paulo e filiais em Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Realizou muitas atividades, entre elas festivais, exposições, conferências, viagens e publicações.

Porém, as coisas mudaram, a Turquia mudou, o Brasil mudou, o mundo mudou, e tudo continua mudando. O CCBT não poderia deixar de se atualizar num mundo de constantes mudanças. Por isso veio a mudança de nome e a redefinição de sua existência. O novo nome e novo estatuto transmitem melhor o que essa entidade irá fazer, mas desta vez não apenas entre brasileiros e turcos, como CCBT procurou fazer.

O diálogo entre culturas é necessário, já que a cultura carrega consigo diversos aspectos das sociedades: arte, música, literatura, culinária, tradições do dia-a-dia. Um mundo melhor será possível com existência concreta de respeito entre os povos, entre os “diferentes”. E respeitar será possível apenas conhecendo o “outro”. Para conhecer o “outro” é preciso dialogar, ter caminhos e pontes: é o que **INSTITUTO PELO DIÁLOGO INTERCULTURAL** irá fazer.¹⁰²

2.6 As Relações

O medo e as perseguições fragmentaram uma comunidade que antes se via unida, senão por ideais, por questões culturais, identitárias ou de ordem prática. As poucas centenas de turcos que viviam em São Paulo mantinham entre si uma relação saudável, de amizade e interação.

Os integrantes do Hizmet, como bem sabemos, foram os primeiros a chegar na cidade e marcaram a sua territorialidade ao redor de seus instrumentos culturais, auxiliando aqueles que vieram para trabalho, casamento ou por conta de atividades oficiais do governo turco, nas figuras da embaixada e do consulado.

Apesar das diferenças ideológicas; “os turcos são muito politizados e divididos”, como nos declarou um dos entrevistados, todos eles compartilhavam os espaços, participavam de atividades em comum e se ajudavam, como demonstram os relatos a seguir:

¹⁰² Fonte<<http://brasilturquia.com.br/novo-nome-nova-definico-1625.html>>. Acesso em 20/03/2021. Grifo nosso.

Até 2016 não tinha nenhum problema, a gente jogava futebol todo final de semana, inclusive com o cônsul da Turquia aqui no Brasil. A relação era ótima.

Eu era tradutor juramentado do consulado, a gente levava empresários para lá, conhecia toda a equipe. Antes a gente se dava bem com todo mundo, mas depois de 2016 mudou 100%. Em um dia o seu melhor amigo virou seu inimigo. Em um dia só!

Havia uma relação muito cordial com o próprio consulado, com o embaixador e quase todos os membros da comunidade, tínhamos uma relação muito cordial, éramos amigos.

A gente era convidado para os eventos e os filhos do cônsul, dos três anteriores, estudavam no colégio.

A gente fazia muita coisa porque o consulado e a embaixada queriam fazer, mas não tinham como porque não tinham as condições, equipe, histórico e pessoas que falassem o português. Tudo o que a gente fazia era pro bem da comunidade, da Turquia e por isso eles abraçavam.

Muitos dos membros eram orgulhosos do que a gente fazia, diziam que a gente apresentava muito bem a nossa cultura, a nossa história. Foi muito boa essa época até o “auto-golpe”. Eu chamo assim, de auto-golpe de 2016. De lá pra cá, as perseguições continuam em andamento e a gente não tem mais relações com o consulado e a embaixada. Eles nos perseguem, chamam a gente de terrorista e vão nas instituições para difamar a gente e a nossa comunidade.

Quem tem de alguma maneira relações com a Turquia, viaja para a Turquia, tem parentes, tem trabalhos com consulados e embaixada, etc, e é em parte realmente apoiador do regime na Turquia tem de fato se distanciado do Hizmet e de uma grande parte da comunidade turca.

Mesmo aqueles que não são necessariamente simpatizantes com o regime de Erdoğan, mas que por qualquer razão ainda mantêm vínculos com a Turquia, por terem parentes, por necessitarem de viagens ao país ou por manterem negócios, tiveram que se distanciar dos membros da comunidade para não serem “marcados” pelo governo, acusados de estarem associados aos integrantes do movimento, de maneira que, “hoje em dia, eles nem frequentam mais os nossos restaurantes”. Evidencia-se pelas entrevistas uma quebra das relações que eram próximas e amistosas;

Quando vieram, a gente ajudou muito eles. A gente tinha acesso a facilidades, como a carne halal¹⁰³ que a gente levava semanalmente para eles.

Casais que não eram do Hizmet passaram a não frequentar mais o Centro Cultural. Ficamos sabendo que um deles, quando começou a trabalhar em um órgão do governo, passou a dar os nomes de quem frequentava o CCBT. Na Alemanha, por exemplo, o estado começou a fichar quem frequentava as mesquitas e aqui no Brasil começaram a fazer a mesma coisa, fichando os integrantes do Hizmet.

Quando se tem uma comunidade pequena na cidade e se faz uma comemoração, como por exemplo, o Dia da Turquia no consulado e não tem ninguém do Hizmet lá, todo mundo sabe o que está acontecendo.

2.7 Os Direitos

Os atritos com os instrumentos oficiais do governo turco no Brasil, se iniciaram, segundo os entrevistados, a partir de 2014, com o seu ápice em 2016, quando os atritos entre o Hizmet e tais instrumentos se tornaram uma “briga de cão e gato”.

Eventos eram marcados e o consulado tentava cancelar, mas, como os integrantes do CCBT eram conhecidos pela qualidade das suas atividades, os eventos quase sempre se realizavam sem percalços, até a troca do cônsul, que foi substituído por um “muito mais militante”, que frequentava os lugares e, depois de 2016, “eles” passaram a intimidar as pessoas e começaram a chamar abertamente alguns integrantes de terroristas.

Após 2016 já não era mais possível aos integrantes do Hizmet no Brasil acessar os serviços consulares básicos, pois sua entrada não era mais permitida tanto no consulado quanto na embaixada. Para aqueles não naturalizados e que, portanto, não possuíam um passaporte brasileiro, essa proibição a acesso e serviços significou um exílio compulsório, pois, caso tivessem com seus passaportes vencidos, não seria mais possível requisitar um novo documento junto ao consulado. Vistos de trabalho e estudo não podiam mais ser renovados, o que os forçou a solicitar asilo no país, na tentativa desesperada de voltar a ter direitos. Também não podiam solicitar a dupla cidadania dos filhos nascidos no Brasil.

¹⁰³ A carne halal é derivada de um abate específico do animal, segundo estritas regras islâmicas. Devido à pouca demanda desse tipo de carne no Brasil, dada a sua pequena comunidade muçulmana, a carne com certificação halal é cara e difícil de ser encontrada no país.

A proibição de acesso aos serviços consulares foi, como veremos pelos relatos abaixo, um pesado golpe contra a comunidade Hizmet em São Paulo.

Eles já nem dão mais permissão para entrar no consulado ou embaixada. Se alguém ficar perto da gente, eles já trazem outra pessoa (substitui o funcionário)

O consulado fez alguns trabalhos, fichou as pessoas. Eles mandaram meu nome para a lista negra e, quando tentei entrar no consulado, eles disseram “aqui você não pode”, ou seja, de alguma maneira fomos excluídos da Turquia e tivemos que ficar no Brasil. Mesmo que eu quisesse, não poderia viajar, senão ficaria preso.

Uma vez a minha esposa teve que fazer uma procuração para a mãe dela e não conseguiu. Ela foi até o consulado, falou o nome e eles nem a deixaram entrar, barraram ela na porta.

O consulado turco aqui no Brasil não renova o passaporte para as pessoas que estão associadas ao Hizmet e também não dão certidão de nascimento. Eu nem tentei tirar uma certidão de nascimento para a minha filha no consulado, pois eu sei que vão rejeitar, ou seja, “eles vão lembrar de mim” e meu nome entra numa lista na Turquia.

Tem países, por exemplo, que quando nasce um bebê, ele não tem cidadania, aí tem que ir na embaixada para registrar a criança para ter identidade turca. Em vários países da África e Ásia eles não conseguem mais entrar na embaixada e, se não fizerem nada, vão ter filhos apátridas, sem identidade, sem documento. Já tem “centenas” de amigos, em “centenas” de países com filhos apátridas, sem documento nenhum. Em Bangladesh, Moçambique, Senegal, Taiwan, Tanzânia.

No caso do último relato acima, sabemos que algumas dessas mulheres, para evitar a apatridia, vêm ao Brasil para ter seus bebês e, então, conseguir documentos brasileiros para as crianças. As leis de cidadania brasileira, que são *jus solis* e não *jus sanguinis*, permitem a realização de tal estratégia dentro da comunidade, pois aqueles nascidos em solo brasileiro, são por lei cidadãos brasileiros. Essa estratégia de ajuda a indivíduos em situação tão vulnerável ao redor do mundo demonstra a organização e poder que as redes de informação e auxílio têm dentro da comunidade.

2.8 O Trabalho

Com o acirramento das perseguições políticas tanto na Turquia quanto no Brasil, muitos empresários turcos que atuavam no Brasil deixaram o país, enfraquecendo as atividades econômicas da comunidade, que dependiam em grande medida dessas relações comerciais, que eram criadas e fortalecidas pelas atividades da rede de contatos da Câmara de Indústria e Comércio Brasil-Turquia e do Centro Cultural Brasil Turquia.

Após 2016 já não era mais possível viajar ao país para firmar acordos comerciais e, na Turquia, os empresários ligados ao Hizmet foram perseguidos e despossuídos de seus bens.

Um dos entrevistados nos contou que foi responsável pela ida à Turquia de mais de mil empresários, com o objetivo de firmar acordos comerciais. As atividades entre Brasil e Turquia, intermediadas pelos membros do Hizmet no Brasil, eram intensas. No entanto, “depois do golpe, praticamente tudo parou. Ninguém queria mais trabalhar com a gente na Turquia e, aqueles conhecidos, ou saíram do país, ou foram presos”.

A comunidade se viu então, desprovida de sua maior fonte de renda, obrigando aqueles que permaneceram no país a se reinventar e diversificar as suas atividades laborais, dando ênfase à abertura de restaurantes, pois “não exigiam muita experiência e conhecimento” e “tinham um retorno mais rápido”, como nos relatam os entrevistados:

Aqui tem mais ou menos umas 50 famílias e todo mundo assim, todo mundo começou do zero. A gente deixou nossa profissão de lado e o que é mais fácil e prático a gente começou.

Muitos que trabalhavam no Centro e Câmara depois do golpe começaram a trabalhar com comércio e muitos que vieram depois já vieram para trabalhar no comércio.

Como a gente estava sempre dentro da comunidade, criamos uma pequena Turquia no país. Só como uber fui conhecer a cidade e o Brasil. O ano de 2016 obrigou a gente a reformular as nossas vidas a um padrão brasileiro. A gente sempre incentivou os empresários, mas a gente nunca tinha aberto nenhum negócio. As pessoas não tinham coragem, mas em 2016 caíram as paredes nas nossas cabeças. Isso foi obrigatório e não intencional. A gente não tinha a necessidade antes, mas 2016 criou necessidades e obrigações. Agora tinha novas regras, novo jogo e a gente teve que se adaptar rapidamente.

Comecei a fazer Uber por alguns meses em 2016. Já tinha nove anos no Brasil e foi aí que eu vi que não conhecia São Paulo. Foi nessa época que surgiu uma ideia de abrir um restaurante na [...], que eu via que estava sempre lotado, com um público muito bom.

Nenhum dos sócios era da área de gastronomia, a gente via as receitas na internet e fazia. O restaurante custou o dobro do previsto e trabalhamos duro por anos, mas deu certo.

A gente não tinha muito capital, o que daria retorno mais rápido pra gente era vender comida. Antes tinha uns dois restaurantes turcos, hoje tem uns dez. A maioria optou por restaurante porque dava retorno rápido.

Alguns enxergam as mudanças como positivas, tanto no sentido de ter proporcionado um contato maior com a cidade e os brasileiros, dado que os turcos tendiam a se relacionar predominantemente entre si, como também ao oferecer saídas e novas oportunidades dentro da própria comunidade, como nos descrevem os relatos:

Quando eu trabalhava no Centro Cultural, nosso objetivo era vir para cá para apresentar a nossa cultura, nossa língua e o Hizmet. Mas, quando a gente entra no comércio a gente fica mais perto do povo e isso deu chance de apresentar a nossa cultura mais do que no Centro Cultural. Lá a gente abria uma porta, mas vinha quem queria, agora as pessoas vêm até a gente para comer e comprar e aí tem a oportunidade de conhecer muita gente. As pessoas acham os turcos interessantes, alguns conhecem as novelas turcas, ou Istanbul e Capadócia e a gente bate papo com elas. Esse era nosso objetivo e a gente continua com ele, só que fazendo negócio.

Nosso projeto foi diferente porque abrimos no bairro onde os turcos moravam. A ideia era criar um ponto de encontro e comer a comida turca. Também compramos uma parte [do que vendemos] das mulheres turcas [da comunidade]. A gente comprava a comida que elas preparavam e vendia no restaurante. Era um projeto de resistência. O restaurante fez muito sucesso e foi considerado, pela Folha, como um dos melhores restaurantes turcos do Brasil. Como foi um projeto de colaboração na comunidade, as pessoas entraram e abrimos nossa cozinha para ensinar as receitas. Hoje já são doze restaurantes abertos pela comunidade (após 2016), ou seja, o projeto deu certo, tanto para sustentar a gente quanto para outras famílias.

O ano de 2016 foi um divisor de águas para a comunidade, que se viu diante de uma série de desafios, associados às perseguições, diminuição de renda, dissolução de relações e instituições e também com a chegada de novos membros fugidos do regime.

Foi necessário se reinventar para contornar a situação. Muitos deles já estavam instalados no Brasil há anos, já com suas famílias, negócios e história no país, de modo que não era tão simples “deixar tudo para trás”, como nos disse um dos entrevistados. A comunidade, como vimos pelo relato acima, no qual o restaurante serviu de embrião para novos negócios e como ponto de venda para as comidas preparadas pelas mulheres, se movimentou em direção a uma ajuda mútua. Nas palavras de quem esteve presente a tudo isso:

“O único jeito da gente sobreviver no Brasil era pela solidariedade!”

2.9 A Fuga

Após a prisão, mesmo que temporária, de um dos membros do Hizmet no Brasil, um dos entrevistados nos relatou que o medo tomou conta da comunidade. Havia um sentimento de insegurança com a possibilidade do governo brasileiro se alinhar ideologicamente com o governo turco e passar a autorizar as extradições. Por enquanto, estavam seguros, mas tudo era muito incerto.

Esse sentimento de insegurança levou a uma evasão de integrantes da comunidade para outros países, em busca de segurança:

Naquela época (antes de 2016) tinha umas cinquenta famílias trabalhando aqui. Depois disso, entre umas vinte a trinta famílias foram embora, porque não achavam mais seguro ficar aqui. As pessoas não quiseram viver com esse medo e foram para outros países. Ainda tem umas 25 famílias aqui em São Paulo.

Um deles nos contou que escolheu deixar o Brasil por questões de segurança. Corre entre eles as informações de atividades ilegais dos agentes de Erdoğan mundo afora, que tanto realizam prisões ilegais como até mesmo eliminam lideranças do Hizmet. Há casos que chegam à comunidade por meio de sua rede de informações de perseguições, violências, sequestros e até morte.

2.10 O Medo

O medo, como vimos, levou à fuga de aproximadamente 50% da comunidade turca Hizmet de São Paulo. Um enorme esvaziamento que foi sentido pelos seus membros, tanto pela perda de renda direta quanto pela perda de oportunidades. No entanto, esse medo também foi mobilizador para aqueles que permaneceram aqui. Tenha sido por escolha ou por falta dela, a comunidade teve que se reinventar.

O medo de “encontrar essas pessoas”, como nos disse um dos entrevistados, foi instrumento para que outras pessoas fossem encontradas e novos espaços e possibilidades fossem explorados pela comunidade.

Este capítulo abordou o quanto os eventos políticos ocorridos na Turquia, em especial após o golpe de 2016, impactaram enormemente os turcos simpatizantes do Movimento Hizmet, não apenas em seu país, mas em várias partes do mundo, incluindo o Brasil.

Buscamos demonstrar aqui os diversos efeitos produzidos em uma comunidade transnacional, como é o caso da comunidade turca em São Paulo, quando em face de circunstâncias de ordem política tão extremas.

Hoje, os turcos do Hizmet em São Paulo são “os outros”, como nos disse um dos entrevistados. São sujeitos proibidos de viajar para o seu próprio país, de visitar e até mesmo de se comunicar com seus parentes distantes.

Apesar de terem sido os primeiros a chegar na cidade, são hoje o que Elias (1994) chamaria, em concordância com o entrevistado citado acima, de “outsiders”.

Considerações finais

Este trabalho se constituiu por meio de uma intensa pesquisa e coleta de dados com objetivo de diminuir a ausência de bibliografias a respeito do tema proposto pela pesquisa: as migrações turcas para o Brasil. Poucos trabalhos já tinham se debruçado sobre a questão dos turcos no Brasil e muito do que já tinha sido escrito a respeito não tinha nenhuma aproximação com os rumos que foram tomados pela pesquisa.

O primeiro enfrentamento teórico com o qual esta pesquisa se deparou foi justamente no acréscimo categórico à nomenclatura da comunidade turca. Chamá-la de “Comunidade Hizmet” ganhou profundo significado à medida que a pesquisa foi se desdobrando em suas descobertas.

O primeiro capítulo buscou a desconstrução de certos mitos e preconceitos que existem a respeito dos turcos no Brasil, passando pelo mito de que a imigração turca era um evento antigo no país e de que os turcos e os árabes são etnicamente equivalentes, de maneira que demonstramos o erro histórico associado a tais afirmações, por meio de registros que nos confirmaram que aqueles pretensos turcos com os quais estávamos familiarizados no Brasil, na verdade, eram árabes e sírios. Passamos pela história recente da Turquia para pontuar como se deu o processo histórico que movimentou essas populações e quais foram as suas razões de migração e, dessa forma, pontuamos a gênese do engano.

Entender como se deu a diáspora turca e algumas de suas características se mostrou fundamental para organizarmos os elementos necessários que nos permitiu interpretar os modelos pelos quais os turcos se organizaram em diversos países nos últimos setenta anos, criando suas instituições, comunidades e fortalecendo-se por meio de redes migratórias e de assistência mútua. Buscamos evidenciar o quanto parte dessa rede de assistência se organiza ao redor de um movimento religioso islâmico chamado Hizmet e como se deu a expansão de tal movimento ao redor do mundo, por meio da criação de instituições, essencialmente educacionais, mas que na Turquia alcançou níveis muito mais intensos, permitindo que o movimento se fizesse presente em todas as camadas da sociedade turca, por meio de escolas, centros culturais e religiosos, faculdades, rádio, TV, jornais e também na esfera política do país.

Tal movimento, que se espalhou por mais de 120 países, fincou suas raízes em território brasileiro no início dos anos 2000, buscando por novos espaços de expansão, por

conta de uma maior impermeabilidade de seus destinos históricos na Europa. Trouxe com ele os primeiros turcos à cidade de São Paulo

Nesse sentido, podemos definir a comunidade turca que se forma a partir dos ideias e instrumentos desse movimento, como uma comunidade transnacional, tal qual definida por Canales e Zolniski, para os quais os imigrantes de comunidades transnacionais são capazes de construir assentamentos mesmo sem filiar-se a “um processo de assimilação, e integração social, cultural ou política” (CANALES & ZLOLNISKI, 2000, p. 414), criando dessa maneira “circuitos migratórios plurilocais, que transcendendo as fronteiras de ambos os países, seriam o verdadeiro âmbito pelo qual os imigrantes internacionais organizam a sua subsistência econômica, bem como a reprodução social e cultural de suas comunidades”

Os turcos em São Paulo, mesmo com seus instrumentos culturais, sempre se organizaram “para fora”, por meio de suas redes internacionais: organizando viagens, negócios, criando contatos e angariando membros dispostos a investir na comunidade.

Reconhecemos que ainda há elementos a serem explorados e entendidos sobre o Movimento Hizmet e toda a sua complexidade. Muitas perguntas permanecem a respeito de sua organização não centralizada, seu *modus operandis* no mundo e até mesmo sobre as suas poderosas influências na política turca que o converteu no principal alvo das perseguições do governo Erdoğan. No entanto, um trabalho de tal envergadura não caberia como mera extensão informativa de uma dissertação de mestrado, pois dada a profundidade e densidade do problema exigiria um trabalho à parte.

Contatos com o consulado geral da Turquia em São Paulo e com a Embaixada Turca foram infrutíferos no intuito de obter mais informações sobre a versão oficial do governo turco a respeito de todas as perseguições sofridas pelos membros do Hizmet no Brasil.

As tensões políticas na Turquia atual foram cruciais para a comunidade Hizmet no Brasil, criando uma polarização que afetou significativamente a comunidade, por conta das perseguições do governo Erdoğan.

Por razões de segurança e sigilo, optamos em não anexar a este trabalho uma série de documentos que nos trouxe a comunidade e que demonstram as ações persecutórias do atual regime na Turquia, no entanto, acreditamos que, neste sentido, os relatos dos envolvidos falaram por si só.

O sentimento de que o atual governo turco tende ao totalitarismo, e de que coloca em risco as instituições democráticas turcas são compartilhadas não apenas pelos turcos perseguidos, mas por uma grande parte da mídia que vem acompanhando as suas

arbitrariedades. Citamos aqui, como exemplo, a visão do embaixador do Brasil em Ancara, Antonio Luis Espinola Salgado, que em seu relatório de gestão escreveu:

O desdobramento mais relevante na política interna, desde que assumi o Posto, em maio de 2013, é, sem dúvida, a consolidação e o fortalecimento do poder do ex-Primeiro-Ministro e atual Presidente da República, Recep Tayyip Erdoğan (...) Erdoğan pode ser caracterizado, grosso modo, como expoente de uma linha mais conservadora e nacionalista, a qual se contrapõe à orientação mais liberal e pró-ocidental

Cabe ter presente que, mesmo sob o atual sistema parlamentarista, o Presidente tem atuado, na prática, como Chefe de Governo, fazendo uso pleno de suas prerrogativas constitucionais e, mesmo, de acordo com seus críticos, estendendo arbitrariamente seu alcance.

Opositores do Presidente denunciam que o poder crescente de Erdoğan vem sendo construído em paralelo a um processo de crescente cerceamento da liberdade de expressão e de intimidação do Poder Judiciário. Nessas condições, e tendo em vista que o Presidente dispõe de confortável maioria no Parlamento, temem que eventual mudança no sistema de Governo possa traduzir-se no debilitamento da democracia na Turquia (SALGADO, s/a, p. 2-3).

As perseguições políticas do regime de Erdoğan aos integrantes do Movimento Hizmet atravessaram a comunidade turca de São Paulo, dividindo-a entre simpatizantes do governo de um lado e gülenistas de outro, gerando mudanças radicais nos moldes da comunidade, que teve de adaptar-se às perseguições, privações de direitos e carências financeiras geradas pela fragmentação de seus modelos sociais e econômicos em São Paulo.

Ao se reinventar nesse processo, a comunidade turca então se volta “para dentro”, para uma ocupação territorial e identitária que até então não tinha vivenciado e expande o que um dos entrevistados chamou de “pequena Turquia”.

Optamos em não utilizar o qualificador “Hizmet” no título deste trabalho, embora a comunidade estudada tenha sido especificamente essa - e eles mesmos se definam assim - por uma questão de precaução no intuito de protegê-la visto que seus integrantes têm sido vítimas de perseguições pelo atual regime turco.

Esta pesquisa nos proporcionou uma série de surpresas e descobertas sobre uma parte ainda pouco explorada da etnografia urbana de São Paulo e esperamos que, além de ter

cumprido com seus objetivos iniciais, possa ser útil àqueles que se propuserem à pesquisa dessa comunidade, pois acreditamos que este trabalho possa ter uma série de continuidades teóricas possíveis, tais como: o estudo dessa migração a partir das perspectivas de gênero, a comparação entre a comunidade turca Hizmet e aquela atrelada ao governo turco, as implicações dos governos totalitários nas comunidades transnacionais, as questões que envolvem o manutenção das tradições nessas comunidades, entre outras possíveis.

Referências Bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

AHMAD, Feroz. *The making of modern Turkey*. New York: Routledge, 2003.

ALVES, M. C. Santos. *A importância da história oral como metodologia de pesquisa* - Anais eletrônicos da IV semana de história do Pontal / III encontro de ensino de história / Universidade federal de Uberlândia - Campus pontal - Ituiutaba MG - Dezembro de 2016.

AMADO, Jorge. *A descoberta da América pelos turcos*, São Paulo: Record, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*, São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

BAENINGER, Rosana, ALMEIDA, Gisele M. R. de. *Modalidades migratórias internacionais : da diversidade dos fluxos às novas exigências conceituais*. Coleção por dentro do Estado de São Paulo, v 9.

_____, Rosana, DEMÉTRIO, Natália B., DOMENICONI, Joice. *Imigração internacional na macrometrópole paulista: novas e velhas questões*. Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 22, n. 47, pp. 17-40, jan/abr 2020.

_____, Rosana. *Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate*. In: BAENINGER, Rosana et al (org). *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 684p.

BALTA, Paul. *Islã, uma breve introdução*. São Paulo: L&PM, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BEDLEK, Y. Emine. *Imagined communities in Greece and Turkey: trauma and the population exchanges under Atatürk*. Londres: I.B. Tauris, 2016.

BIERNACKI, P. & WALDORF, D. *Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling*. Sociological Methods & Research, vol. nº 2, November. 141-163p, 1981.

BÓGUS, M. M. Lúcia; SILVA, C. J. João, SILVA, A. G. J. Stéfanie, *Os fluxos migratórios mistos e os entraves à proteção aos refugiados*, Revista brasileira de estudos populacionais, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.15-30, jan./abr. 2017.

_____, M. M. Lúcia; VÉRAS, M. P. B. *A reorganização metropolitana de São Paulo: espaços sociais no contexto da globalização*. Cadernos Metrópole, v. 3, p. 81-98, 2000.

_____, M. M. Lúcia Maria; MOZINE, Viviane. *Imigração e Refúgio no Brasil Contemporâneo: 1930-2012*. In: Migração, Trabalho e Cidadania. (Org). Dirceu Cutti et al. São Paulo: EDUC, 2016

_____, M. M. Lúcia e BAENINGER, Rosana (orgs.) (2018). *A nova face da emigração internacional no Brasil*. São Paulo, Educ.

BRAGA, F. Gomes, *Conexões territoriais e redes migratórias: uma análise dos novos padrões da migração interna e internacional no Brasil*, Tese de Doutorado - Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

CANALES, Alejandro, ZLOLNISKI, Christian. *Comunidades transnacionales y migración en la era de la globalización*, in La migración internacional y el desarrollo en las Américas Simposio sobre migración internacional en las Américas San José, Costa Rica, CEPAL, 2000.

CARROLL, B. Jill. *Um diálogo de civilizações - Ideais islâmicos de Gülen e discurso humanista*. São Paulo: Book Express, 2016.

CHOAIRY, Chafic. *De “turcos” a “mascates”: O questionamento da identidade sírio e libanesa em Piracicaba (1889 - 1930)*, Dissertação de mestrado - Universidade Federal de São Carlos, 2013.

COHEN, Robin. *Global Diasporas, an introduction*. Londres: Routledge, 2001.

DEDEOĞLU, D. Genç, H. Deniz. *Turkish migration to Europe: a modified gravity model analysis*, IZA Journal of Development and Migration 2017.

EBAUGH, Helen Rose. *The gülen movement: a sociological analysis of a civic movement rooted in moderate islam*, New York: Springer, 2010.

ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ERDOĞAN, M. Murat, *Turkish Diaspora in Europe & Euro-Turks Barometer Surveys*. Washington: American Institute for Contemporary German Studies - Johns Hopkins University, 2014.

ERGIN, Murat. *“Is the Turk a White Man?” Race and Modernity in the Making of Turkish Identity*. Leiden: Brill, 2017.

FERREIRA, Élide, SILVA, Nivana. *Reflexões sobre língua e identidade: possíveis diálogos entre Jacques Derrida e Stuart Hall*. Revista Escrita, RJ, n. 19, 2014.

FINDLEY, C. Vaughn. *Hizmet among the Most Influential Religious Renewals of Late Ottoman and Modern Turkish History, in Hizmet means service - perspectives on an alternative path within islam*. California: University of California press, 2015.

GINGERAS, Ryan. *Sorrowful shores: violence, ethnicity, and the end of Ottoman Empire, 1912-1923*, New York: Oxford University Press, 2009.

GÖKTEPE, Mustafa (org). *Breve biografia de Fethullah Gülen inspirador do Movimento Hizmet*. São Paulo: Centro Cultural Brasil Turquia, 2016.

GÖKTEPE, Mustafa , ELEMEN, Yusuf, et al (org). *Posições diante do terrorismo - Religiões, Intelectuais, Mídias*. São Paulo: Labrador, 2018.

GÜRÇAGLAR, Ş. Tahir & ALBACHTEN, Ö. Berk. *Studies from a Retranslation Culture: The Turkish Context* . London: Springer, 2019.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

_____, Stuart. *Essential Essays Vol. 2: Identity and Diaspora*, Duke: Duke University Press, 2019.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

İÇDUYGU, Ahmet. *Europe, Turkey, and International Migration: An Uneasy Negotiation*. Presentation at the Migration Working Group in European University Institute (EUI), 2011.

KANT, Immanuel. *Grounding for the metaphysics of morals (3 ed.)*. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1993.

KASABA, Resat (edit). *The Cambridge History of Turkey, volume 4: Turkey in the modern world*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2008.

KAYA, Ayhan. *Identities and modernities in europeu – turkish origin migrants and their descendants – hyphenated identities in transnational space*. Kingston: Palgrave Pivot, 2019

_____, Ayhan, *Turkish Origin Migrants and Their Descendants: Hyphenated Identities in Transnational Space*. Kingston: Palgrave Macmillan, 2019.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. *Ferramentas para o pesquisador iniciante*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEVITSKY, Steven, & ZIBLATT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MACDONALD, L. & MACDONALD, J. S. *Chain migration, ethnic Neighborhood formation and social networks*. The Milbank Memorial Fund Quarterly, XLII (1): 82-96, 1964.

MACHADO, Igor J. R (org). *Etnografias do refúgio no Brasil*. São Carlos: EDUFSCAR, 2020.

MACKENZIE. N.D. *The Origins of kurdish, in Transactions of the philological society*, 1961.

MAGALHÃES, L. F. A.; BÓGUS, L. M. M.; BAENINGER, R. *Migrantes e refugiados Sul-Sul na cidade de São Paulo: trabalho e espacialidades*. In: MAGALHÃES, L. F. A.; BÓGUS, L. M. M.; BAENINGER, R. et al (orgs.) *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP, Nepo/Unicamp, 2018.

MARTY, Martin, E. (org). *Hizmet means service - perspectives on an alternative path within islam*. California: University of California press, 2015.

MILLS, Wright. *The sociological imagination*. New York: Oxford University Press, 2000.

MOMO, Gilda Amaral Carvalho. *Estrangeiros qualificados: a nova face da imigração no Brasil*. Dissertação de mestrado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

PAHL, Jon. *Fethullah Gülen, a life of Hizmet - why a muslim scholar in Pennsylvania matters to the world*. New Jersey: Blue Dome Press, 2019.

PAXTON, Robert O. *A Anatomia do Fascismo*, São Paulo: Paz e Terra, 2007.

QUIROZ, Luiz R. Morán. *Asociaciones etnicas en Alemania - entre la cultura de origen y la cultura de la sociedad receptora*. Espiral, Estudios sobre Estado y Sociedad - Vol. XIII No. 39 Mayo / Agosto de 2007.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica - linguagem, identidade e a questão étnica*. São Paulo: Parábola, 2016.

RIU, R. Manuel. *El esplendor de Turquia: los grandes impérios y civilizaciones*. Madrid: Sarpe, 1985.

ROMANO, David. *The kurdish nationalist movement: opportunity, mobilization and identity*. Nova Iorque: Cambrigde University Press, 2006.

SAFRAN, W. *Diaspora in Modern Societies: Myths of Homeland and Return*, in *Diaspora A Journal of Transnational Studies* · January 2011.

SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHIFFAUER, Werner: *Turks in Germany*, in: EMBER, M.: EMBER, C.; SKOGGARD, I. (edit) *Encyclopedia of Diasporas: immigrant and Refugee cultures around the world*. Nova Iorque: Springer, 2005

ŞENAY, Banu. *Beyond Turkey's borders: long-distance kemalism, state politics and the turkish diaspora*. New York: I.B. Tauris, 2013.

SMITH, Robert. *Los ausentes siempre presentes: The Imagining, Making, and Politics of a Transnational Community Between New York and Tlaxcala, Puebla*, tesis para optar al grado de doctorado, Columbia: Columbia University, 1995

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do nós e eles*, Porto Alegre: L&PM, 2018.

STONE, Norman. *Breve história de Turquia*, Barcelona: Ariel, 2012.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios, sírios e libaneses em São Paulo*, São Paulo: Editora Unesp, 2009.

_____. *Redes em processos migratórios*, in Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

TSCHOEPE, A. Yildirim. *Locating the German-Turks: Transnational Migration to Turkey and Constructions of Identity and Space* in Meltem Ersoy · Esra Ozyurek

USTAN, Mustafa. *Las causas no investigadas de la migración de ciudadanos "otomanos" en América Latina*, in FEREZ M. , LEVAGGI, G. Ariel (org) *Turquía-América Latina y el Caribe, una asociación emergente*, Istanbul, 2016.

VERTOVEC, Steve. COHEN, Robin (Eds). *Migration, Diasporas, and Transnationalism*, Cheltenham: Edgard Elgard Pub, 1999.

VETTORASSI, Andréa, DIAS, Gustavo. *Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo*, in Revista Sociologia e Cultura, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 7-28, jul./dez. 2017.

VLACHOU, M. (coord.). *A Inclusão de Migrantes e Refugiados: O Papel das Organizações Culturais*, Acesso cultural, associação cultural, 2017.

WALLRAFF, Günter. *Cabeça de turco: Uma viagem aos porões da sociedade alemã*. São Paulo: Globo, 2004.

WEBB, Mark O. Hizmet, religious knowledge, and scientific education, in Revista brasileira de ciências sociais, v. 31, nº 90, páginas 9 a 17, Fevereiro de 2016.

YAVUZ, Hakan, M. *Islamic Political Identity in Turkey*. Oxford University Press, New York, 2003

_____, M. Hakan, BALCI, Bayaram. *Turkey's July 15th. Coup, what happened and why?*. Salt Lake City: The University of Utah Press, 2018.

YIN, Robert K. *Pesquisa Qualitativa do começo ao fim*. Porto Alegre: Editora Penso, 2016.

YURTNAC, Kemal. *Turkey's New Horizon: Turks Abroad and Related Communities*, Istanbul: SAM, 2012

ERSOY, Meltem, ÖZYÜREK, Esra (Eds). *Contemporary Turkey at a Glance II: Turkey Transformed? Power, History, Culture*. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden, 2017.

Vídeos Consultados

ATATÜRK - Vater der modernen Türkei - Deutsch Welle Documental. Direção: Oliver Halmburger, Loopfilm, 2018 (51 min).

ERDOĞAN: The Making of a Sultan. Direção: Gilles Cayatte, Guillaume Perrier, (52 min) 2016.

Documentos Consultados

LIST of Gülen schools (run by Fethullah Gülen Movement) around the world”. Disponível em <<https://turkishinvitations.weebly.com/every-continent-but-antarctica.html>>.

MPI - Migration Policy Institute - Bilateral Remittance Flows. Disponível em: <<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/bilateral-remittance-flows?width=1000&height=850&iframe=true>>. Acesso em: 20/11/2020

APEX, Relatório Brasil 2013 - Agência brasileira de promoção de exportações e investimentos: *Turquia, perfil e oportunidades comerciais*, 2013.

SALGADO, Antonio, L. S. *Relatório de gestão da embaixada do Brasil em Ancara*.

Disponível em:

<<https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4333070&disposition=inline>>.

Acesso em: 05/05/2021

TÜRKİYE CUMHURİYETİ ANAYASASI, 1982.

TURKISH diaspora in Europe & Euro-Turks Barometer Surveys, 2014

WORLD Migration Report 2018. International Organization for Migration (IOM) - The UN Migration Agency

MPI - Migration Policy Institute - Bilateral Remittance Flows. Disponível em:
<<https://www.migrationpolicy.org/programs/data-hub/charts/bilateral-remittance-flows?width=1000&height=850&iframe=true>>. Acesso em: 20/11/2020

ANEXOS:

Anexo 1: Questionário digital enviado à comunidade turca

São Paulo'daki Türk toplumu hakkında anket **Questionário sobre a comunidade turca de São Paulo**

Bu araştırma, São Paulo'daki Türk topluluğunun bir kısmının daha ayrıntılı bir şekilde anlaşılmasını amaçlayan kesinlikle akademik kullanımla sınırlıdır ve hiçbir kişisel bilgi açıklanmayacaktır.

Esta pesquisa restringe-se ao uso estritamente acadêmico, objetivando um entendimento mais detalhado de parte da comunidade turca de São Paulo, e nenhum tipo de informação pessoal será divulgada.

Termo de consentimento da pesquisa:

Bu, PUC'deki Sosyal Bilimler lisansüstü programının tamamen akademik amaçlı bir anketidir, bu nedenle São Paulo şehrinde Türk toplumu ile ilgili bir çalışmada yer alması için bilgilerimi vermeyi kabul ediyorum, ve hiçbir kişisel verinin ifşa edilmeyeceğini ve bu bilgilerin hiçbirinin akademik dışında herhangi bir alanda kullanılmayacağını farkındayım.

Esta é uma pesquisa do programa de estudos pós-graduados em Ciências Sociais da PUC, com objetivo estritamente acadêmico, de modo que concordo em ceder minhas informações para a composição de um estudo relacionado à comunidade turca na cidade de São Paulo, e estou ciente de que nenhum dado pessoal será divulgado e de que nenhuma dessas informações será usada em qualquer âmbito que não seja o acadêmico.

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

Anket / Questionário:

1. Adi / Nome

2. Email

3. Cinsiyet / Sexo

☐ Erkek / Masculino

☐ Kadın / Feminino

4. Yaş / Idade

5. Din / Religião

☐ Musluman / Muçulmano

☐ Katolik Hristiyan / Cristão católico

☐ Protestasn Hristiyan / Cristão protestante

☐ Yahudi / Judeu

☐ Diğer / Outra

6. Eğer “Diğer” şıkkını işaretledi iseniz belirtiniz / Se marcou "outra religião", qual é?

7. Ülkede bulunma durumunuz nedir? / Qual a sua condição migratória?

☐ Sığınmacı / Solicitante de refúgio

☐ Mukim (Oturumunuz var) / Residente (já teve concedido seu pedido de residência)

☐ Öğrenci (öğrenci vizesi ile girdi ve Brezilya'da kaldı) / Estudante (ingressou com visto de estudante e permaneceu no Brasil)

☐ İş (çalışma vizesi ile girildi ve Brezilya'da kaldı) / Trabalho (ingressou com visto de trabalho e permaneceu no Brasil)

☐ Vatandaş / Naturalizado

8. Başka bir ülkede sığınmaya başvurduunuz mu? Hangi ülke? / Já solicitou refúgio em algum outro país? Qual?

9. Çocuğunuz var mı? / Tem filhos?

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

10. Varsa kaç tane / Se sim, quantos filhos?

11. Çocuklarınızdan kaç tanesi Brezilya'da doğdu? / Quantos filhos são nascidos no Brasil?

12. Brezilya'ya geliş yılınız? / Ano de chegada no Brasil

13. En son yaşadığınız şehir / Última cidade de residência

14. Brezilya'ya tek başınıza mı geldiniz? / Chegou sozinho(a) ao Brasil?

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

15. Tek başına gelmediysen kiminle geldin? / Se não chegou sozinho, veio com quem?

☐ Aile / Família

☐ Arkadaşlar / Amigos

☐ Tanıdıklar / Conhecidos

☐ İş arkadaşları / Colegas de trabalho

16. Neden Brezilya'yı seçtiniz / Razão pela escolha do Brasil como destino

17. Burası sizin için son durak mı? Burada kalmayı düşünüyor musun? / O Brasil é seu destino final? Pretende se estabelecer aqui?

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

18. Eğer cevabın olumsuz ise bundan sonra nereye gitmek istiyorsun? / Em caso negativo, qual é o próximo destino pretendido?

19. Brezilya'ya gelmeden önce başka ülkelerden geçtiniz mi? Eğer cevabınız evet ise bunlar hangi ülkeler? / Antes de chegar ao Brasil, passou por outros países? Se sim, quais?

20. Brezilya'ya geldiğinizde herhangi bir yardım aldınız mı? / Ao chegar ao Brasil, recebeu algum tipo de ajuda?

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

21. Evet ise, ne tür? (birden fazla seçenek seçebilirsiniz) / Se sim, de que tipo? (pode seleccionar mais de uma opção)

☐ Halihazırda ülkede ikamet eden birinden alınan bilgiler/Informações de alguém que já residia no país /

☐ Mali yardım / Financeira de algum tipo

☐ Tanıdıkların, aile üyelerinin veya kurumların evinde konaklama / Alojamento em casa de conhecidos, familiares ou instituições

☐ Portekizce öğrenmek için kurs / Para aprender português

☐ İş / Trabalho

☐ Çocuklar için okul / Escola para os filhos

☐ Belgelerin temini / Emissão de documentos

22. Brezilya'ya vardığınızda herhangi bir yardım aldıysanız, bu yardım nereden geldi? (birden fazla seçenek seçebilirsiniz) /

Caso tenha recebido algum tipo de ajuda na chegada ao Brasil, essa ajuda veio de onde? (pode seleccionar mais de uma opção)

☐ São Paulo'daki Türkiye Konsoloslugu / Consulado da Turquia em São Paulo

☐ Brezilya Büyükelçiliği / Embaixada turca no Brasil

☐ Arkadaşlar veya tanıdıklar / Amigos ou conhecidos

☐ Aile / Familiares

☐ Brezilya Türkiye Kültür Merkezi / Centro cultural Brasil Turquia

☐ Hizmet hareketi / Hizmet hareketinin destekçileri / Movimento Hizmet / simpatizantes do Movimento Hizmet

☐ Türk toplumu üyesi olmayan diğerleri / Outros, não membros da comunidade turca

- ☐ Diğerleri, Türk toplumu mensupları, ancak Hizmet hareketinin üyeleri veya destekçileri değiller / Outros, membros da comunidade
- ☐ turca, porém não membros ou simpatizantes do Movimento Hizmet

23. Diğerleri şıkkını işaretledi iseniz ne tür yardım aldığınız açıkla mısınız? / Caso tenha marcado "outros", poderia especificar o tipo de ajuda?

24. Arkadaş ve akrabalarınızdan Türkiye dışında başka ülkelerde yaşayan var mı? / Tem parentes ou amigos vivendo em outros países, que não a Turquia?

- ☐ Evet / Sim
- ☐ Hayır / Não

25. Varsa hangi ülkelerde yaşıyorlar? / Se sim, em quais países?

26. Türk topluluğu tarafından gerçekleştirilen programlara katılıyor musunuz? / Frequentar reuniões e eventos promovidos pela comunidade turca?

- ☐ Evet / Sim
- ☐ Hayır / Não

27. Cevabınız evet ise tür bir programa katılıyorsunuz? (birden fazla seçenek seçebilirsiniz) / Se sim, qual tipo de evento?
(pode seleccionar mais de uma opção)

- ☐ Aile etkinlikleri / Eventos familiares
- ☐ Dini etkinlikler / Eventos religiosos
- ☐ Brezilya Türkiye Kültür Merkezi'ndeki etkinlikler / Eventos do Centro Cultural Brasil Turquia
- ☐ Konsolosluk tarafından düzenlenen etkinlikler / Eventos promovidos pelo consulado
- ☐ Colégio Belo Futuro'daki Belo Etkinlikleri / Eventos no Colégio Belo Futuro
- ☐ Arkadaşların evinde buluşma / Encontros em casa de amigos
- ☐ Diğerleri / Outros

28. Diğerleri seçeneğini işaretledi iseniz bunlar hangileridir / Se marcou "outros", que tipo de evento?

29. Portekizce'deki seviyeniz nedir? / Qual o seu nível na língua portuguesa?

- ☐ Portekizce bilmiyorum / Não falo português
- ☐ Temel / Básico
- ☐ Orta / Intermediário
- ☐ İleri / Avançado

30. Şu an bir iş faaliyetiniz var mı ya da maaşlı bir şekilde çalışıyor musunuz? / Exerce alguma atividade profissional ou remunerada atualmente?

- ☐ Evet / Sim
- ☐ Hayır / Não

31. Brezilya'ya gelmeden önce ne iş yapıyordunuz? / Qual era a sua atividade profissional antes de vir para o Brasil?

32. Şimdi ne iş yapıyorsunuz? / Qual é sua atividade profissional agora?

33. Hangi semtte oturuyorsunuz? / Qual o bairro de residência?

34. Sen ya da tanıdığın birisi ailesine ya da arkadaşlarına yardım için Türkiye'ye para gönderiyor mu? / Você ou algum familiar envia dinheiro para a Turquia, para auxiliar familiares ou amigos que estão lá?

- ☐ Evet / Sim
- ☐ Hayır / Não

35. Varsa, bu paranın ne için kullanıldığını söyleyebilir misiniz? / Em caso positivo, saberia dizer em que esses valores são usados?

- ☐ Tüketim: yiyecek, barınma, pazar vb. / Consumo: comida, habitação, mercado, etc
- ☐ Yatırım: kendi işinizi yaratmak, ev, araba vb. / Investimento: criar um próprio negócio, poupar para comprar casa, carro, etc.
- ☐

36. Brezilya'da mı evlendin? / Casou-se no Brasil?

- ☐ Evet / Sim
- ☐ Hayır / Não

37. Evli Türk veya Brezilyalı / Casou-se com turco(a) ou brasileiro(a)

38. Ailenden birini Brezilya'ya getirdin mi? / Trouxe algum membro da família para o Brasil?

☐ Evet / Sim

☐ Hayır / Não

39. Eğer cevabın evet ise, ailenden kimleri getirdin? / Se, sim, qual membro da família?

40. Brezilya'daki hayatı mı Türkiye'deki hayatı mı daha iyi buluyorsun? / Você considera a sua vida no Brasil melhor do que na Turquia? Por que?

Anexo 2: Guia de pronúncia das palavras de origem turca

Com o objetivo de facilitar a pronúncia de certas palavras turcas, apresentamos abaixo os sons das três letras turcas que não têm correspondência com o português:

Letra Turca:	Som correspondente:	Exemplo:
ç	“tch”	çay (tcháí)
ş	com o “x” em xícara	Şimdi (xindí)
ğ	prolongamento do som da vogal anterior	değil (deeíl)